

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA LIMA

MOVIMENTO CORPORAL

—A PRÁXIS DA CORPORALIDADE—

Dissertação de Mestrado

Departamento de Filosofia e História da Educação

Faculdade de Educação

UNICAMP

1994

9503412

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA LIMA

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
José Antonio de Oliveira Lima e
aprovada pela Comissão Julgadora
em _____

Data: 01/12/94

Assinatura: 

MOVIMENTO CORPORAL

—A PRÁXIS DA CORPORALIDADE—

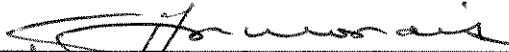
CAMPINAS

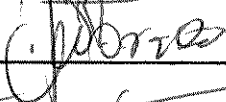
1994



Dissertação apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na
Área de Concentração : Filosofia da Educação à
Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação
do Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Comissão Julgadora:






Dedicatória

À Klauss Vianna, mestre, por ter-me possibilitado tantas perguntas e a meus alunos por terem respondido a tantas delas.

À Ana Lúcia, Margarida, Eloisa, Rosana, Rogério, Gerson, Clermont.

À Don'Anna (Donana), minha mãe e a Seu Coriolano, meu pai.

À Márcia, Wagner, Ana Rita, Tatiana, Giulia, por estarem presentes e à Kelly, por ter chegado.

Agradecimentos

Ao Professor José Luis Sanfelice , orientador, pelas críticas, pelas sugestões e por sua
confiança.

Aos Professores Augusto Novaski, Regis de Moraes, José Luiz Sigrist, Hermas Arana e
Newton Aquiles von Zuben, por terem mantido em mim a crença de que
a Universidade ainda é um lugar possível.

À Silvia Leão pela ajuda constante e estimulante.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I - As transformações no modo de pensar o corpo.....	24
Capítulo II - O corpo enquanto resultado de um processo em desenvolvimento.....	52
O homem, um elemento de caráter universal.....	57
Heranças evolutivas.....	63
A interferência da força da gravidade.....	72
As heranças embriológicas.....	78
A aprendizagem motora.....	89
O desenvolvimento da personalidade.....	95
Capítulo III - O movimento corporal enquanto reflexo de contradições.....	106
Movimento corporal e expressão.....	106
Movimento corporal e consciência.....	115
Movimento corporal e contradição social.....	121
Capítulo IV - O movimento corporal e as relações sociais.....	130
Movimento corporal e o trabalho.....	130
Movimento corporal e convivência urbana.....	140
Movimento corporal...à procura da liberdade.....	149
Capítulo V - Conclusões.....	153
Bibliografia.....	156

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadros:

Quadro I - Esquema das interdependências do processo de movimento corporal..	62
Quadro II - Paralelismo esquemático entre evolução e desenvolvimento.....	89
Quadro III - Gráfico comparativo do desenvolvimento dos vários sistemas analisados.....	101
Quadro IV - Gráfico do preparo para a especificidade/diversidade do aprendizado.....	101
Quadro V - Gráfico comparativo entre a evolução dos sistemas e a capacidade de aprendizado de estímulos específicos.....	102

Figuras:

Figura 1 - Processo de elevação da coluna na evolução do homem.....	65
Figura 2 - Mudança no sentido de maior expansibilidade torácica do quadrúpede para o bípede.....	66
Figura 3 - Modificação da localização das omoplatas quadrúpede e no bípede	67
Figura 4 - Modificações na posição dos membros inferiores da posição em flexão para a posição em extensão.....	68
Figura 5 - Esquematização da direção das forças atuantes nos MMII em movimentos de impulsão.....	69
Figura 6 - Manutenção da linha da visão e modificação relativa da posição da cabeça para a coluna cervical.....	71
Figura 7 - Esquematização da direção das forças que agem sobre o corpo na intenção de mantê-lo ereto, na posição ortostática.....	72
Figura 8 - Modo de aplicação da forças que agem sobre uma massa qualquer.....	75
Figura 9 - Modo de atuação das forças antigravitárias no quadrúpede.....	77
Figura 10 - Modo de atuação das forças antigravitárias no homem.....	78
Figura 11 - Esquematização do processo de desenvolvimento embriológico do homem.....	80
Figura 12 - Embrião de 8 semanas.....	81
Figura 13 - Aspecto esquemático do desenvolvimento das massas musculares no tronco.....	83
Figura 14 - Esquema do aparecimento da musculatura nos membros do embrião..	84
Figura 15 - Esquema do tipo de distribuição muscular no homem.....	84
Figura 16 - O ovóide fetal. Acomodação do feto na luz uterina.....	85
Figura 17 - Esquematização da distribuição dos grupamentos musculares afins....	87

INTRODUÇÃO

"A fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come por meio de uma faca ou de um garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua com ajuda das mãos, unhas e dentes." K.M.1

Há cerca de 20 anos, em 1972, enquanto cumpria minha disciplina de graduação em Clínica Ortopédica, eu ouvia de meu professor assistente, Professor Dr. Giuseppe Mastrorigo — considerado então, e acredito que ainda o seja, um dos maiores conhecedores de ortopedia infantil na América Latina — a seguinte afirmação:

"É completamente inadequado prescrever botas ortopédicas para correção de pés planos em crianças que tenham menos de três anos de idade. Sabe-se já há alguns anos que o pé desta criança é um pé em formação e normalmente evolui para pé cavo até aquela idade. Por outro lado o uso da órtese, vai atrofiar as musculaturas responsáveis por aquela evolução e aprofundar um fato que poderá se tornar uma lesão de difícil controle."

Talvez as palavras não tenham sido exatamente essas, pois já se passaram vinte anos, mas o conteúdo seguramente é muito aproximado.

Em outras palavras, o pé plano nesta faixa de idade não é uma lesão, e tende a evoluir para o pé cavo, ambos "normais" em suas faixas etárias de incidência.

A bota poderia criar uma lesão onde não havia nada. A bota era uma iatrogenia, um efeito colateral da má prática médica.

1 MARX, Karl, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, SP, Editora Flama, 1946, p.210.

Embora isso fosse afirmado peremptoriamente, e embora este fato devesse ser de conhecimento de todos os ortopedistas, sabia-se que ainda era conduta rotineira a prescrição da bota ortopédica para correção de pé plano, em crianças menores de três anos de idade.

Que interesses levavam um profissional a manter uma conduta que face aos novos conhecimentos revelava-se inadequada?

O temor de perder a clientela, uma vez que a mãe da criança via a órtese como milagrosa e se esta não lhe fosse receitada por um médico o seria por outro?

A facilidade da prescrição?

A ignorância a respeito do assunto?

Possivelmente uma mescla de fatores predispunham àquela prática.

Houve um momento no conhecimento médico que se classificou o pé plano como anormal para a espécie, e esse conhecimento decretou, como norma, que haveria de se proceder à sua correção desde a tenra idade. Só várias décadas depois essa norma foi mudada, a nível teórico, e estabeleceu-se então que o pé plano só seria corrigido após aquela idade.

Hoje já se discute se o pé plano não seria uma característica específica de alguns seres da espécie, portanto normal mesmo na idade adulta, embora isto os diferencie, quanto às possibilidades de movimento, de outros indivíduos.

O que deveria ficar claro, todavia, é que tanto num primeiro momento quanto no que o sucedeu, uma norma foi

estabelecida prevendo uma perfeita igualdade, anatomo-funcional, entre todos os indivíduos. Essa igualdade, com relação ao pé, estabeleceu o pé plano como anormal e passível de correção. Tão forte calou essa norma na comunidade que vários profissionais e usuários negaram-se, por uma razão ou por outra, a deixar de adotá-la.

A prática da cesárea de modo indiscriminado por médicos, mesmo os mais conceituados, está em algumas regiões invertendo acintosamente a proporção aceitável que há entre partos normais e partos cesariana a tal ponto que passa a ser normal, e verdade não questionável, evoluir-se rapidamente de partos normais para partos cesareana na rotina da prática obstétrica.

Há poucos meses atrás o jornal Folha anunciava que o estado de São Paulo era recordista mundial em cesáreas, apresentando uma taxa média de 48 em cada 100 partos. Em algumas regiões a taxa chegaria a 90%.

A reportagem, sobre um simpósio médico realizado em São Paulo em 04/11/93, salientava o fato de que há duas décadas atrás a taxa de cesáreas no Estado era inferior a 15%. Referia-se ainda ao fato de que pesquisas apontavam para um risco de morte materna 4 à 16 vezes maior que em partos normais e finalizava:

"Os participantes do seminário lembraram que, da parte do médico, a cesárea aparece como uma questão de conveniência pessoal. Outro beneficiado com o alto índice de cesáreas são os hospitais. Embora a tabela por uma cesárea não seja superior à de um parto normal, a mulher terá de ficar mais dias internada e consumirá mais medicamentos.

A Secretaria de Saúde já tentou, sem resultado, punir hospitais que apresentassem taxas excessivas de cesáreas."2

Mudou o "homo" ou mudou o homem?

Embora esses sejam apenas exemplos particulares de acontecimentos na prática médica, são verdadeiros o suficiente para suscitar algumas generalizações.

A medicina e seu exercício constitui-se hoje em um vasto e complexo campo que abarca seu ensino, as pesquisas e as publicações científicas e didáticas, os produtos que lhe servem de suporte e, finalmente, seu exercício efetivo, ou seja, a prática médica propriamente dita.

Nesse rol de interesses observamos dois vértices: num deles a afirmação do indivíduo enquanto uma unidade que vive em perfeita simbiose, tanto para a doença quanto para a saúde, com o meio em que habita. No outro a prática médica como está organizada concretamente.

No primeiro caso as afecções seriam, portanto, comportamentos corporais aferidos pelo meio.

É sob tal hipótese que se dão os grandes planejamentos em saúde pública ou saúde coletiva de caráter eminentemente preventivo. O tratamento do meio prevê a manutenção da saúde dos indivíduos que dele participam agindo sobre aquilo que poderia se tornar lesivo. Não é o indivíduo que fica doente mas o meio que manifesta através de seus participantes a sua doença.

Esse tipo de afirmação é encontrada nos livros básicos do ensino médico e repetido em cada corredor de aprendizado, seja nas disciplinas básicas, seja na prática hospitalar, servindo como uma palavra de ordem recuperadora em meio ao atomizado ensino médico, com suas várias cadeiras professando exatamente o contrário.

"Existem poderosos obstáculos impedindo que o médico faça uma apreciação razoável da vida emocional do seu paciente. As lesões orgânicas têm elementos para despertar a atenção do médico, e é menos exaustivo concentrar a atenção sobre o campo da doença física. Serão necessários mais tempo, energia e experiência para se observar o paciente como elemento ativo de um enorme cenário móvel que inclui excentricidades e pressentimentos individuais, reccios e padrões de reatividade, e ainda preocupações com o futuro dos filhos. Não é suficiente saber que a pobreza, a insegurança e talvez as relações domésticas e profissionais desajustadas mantêm o paciente infeliz e deprimido, porque, com freqüência, é evidente que os fatores sócio-econômicos (externos) não são as determinantes cruciais na cena atual. Para explicar muitas das manifestações móbidas será necessário considerar o paciente mais a fundo, como um organismo com um amplo repositório de experiências passadas — datando dos seus primeiros dias de vida — muitas das quais quase desvanecidas e que, entretanto, se tornaram o alicerce do seu sistema atual de encarar os problemas diuturnos."³

Mas,

"Por incrível que pareça, a verdade é que o médico sai da Faculdade sem ter presente em seu espírito que o paciente é um ser humano, semelhante a ele, médico. Se é chamado a ver um doente, irá equipado com os conhecimentos hauridos em seu curso, munido de seu aparelho de pressão ou de outro instrumento para algum exame rápido,

3 WINTROBE, Maxweel M. and col., *Harrison's Medicina Interna*, RJ, Guanabara e Koogan, 6a.ed., Tomo I, 1974, p.3.

conforme a sua especialidade, e estará preparado, ao avistar o doente, para fazer as perguntas necessárias e para examinar os órgãos. Uma vez tendo-lhe sido possível, por meio das perguntas e do exame, formular o diagnóstico nosológico, ou sindrômico, baseado nele, mesmo que seja um diagnóstico presuntivo, prescreverá a terapêutica.

Pouca gente, entretanto, sabe ou se lembra de que, em sua raiz grega, a palavra terapêutica (*therapeutike*) ou terapia (*therapeia*) não tem apenas o significado de curar.

Terapeuta é aquele que *cuida* de algo, alguém *obsequioso* que *serve*, *servidor*. ...

De sorte que o médico, para ser terapeuta, precisará *ao menos* ter apreço pelo paciente e para isso é preciso algo mais do que lhe fazer perguntas, examiná-lo e receitar-lhe remédios. (...) Terá portanto o médico que estar apto a proceder a uma anamnese *não dirigida*, pois com suas perguntas chegará somente ao diagnóstico da doença (claro que necessário, mas não suficiente), porém jamais ao diagnóstico do *doente*. Como o nome está a indicar, a anamnese, sendo 'dirigida', dirige-se a uma parte do doente, não ao doente todo, seleciona portanto, obtendo apenas uma visão parcial. (Lembremo-nos de Hegel). Em tais circunstâncias, o médico relaciona-se com os órgãos, aparelhos e sistemas do paciente, só com uma parte do paciente e as consequências dessa atitude são decisivas, comportando numerosas implicações"⁴

A afirmação do indivíduo como uma unidade encontra especial cultura no discurso da medicina psicossomática, embora, de fato, pouca valorização lhe seja dispensada nos currículos médicos de formação.

"Segundo Balint, na consulta médica há vários níveis de diagnóstico: desde o sintomático, passando pelo etiológico, ao verdadeiramente global, que abrange o conhecimento 'daquele doente' e o significado 'daquela doença', 'naquele momento' exato

de sua existência. Ao invés de chegar até a este desejável diagnóstico final, os médicos, contudo, limitam-se a fazer diagnósticos parciais ou a excluir patologias através do que Balint chamou 'eliminação através de exames físicos adequados'.

Com o intuito básico de evitar um maior contato com o paciente — capaz de detectar problemas que o médico também poderia ter — o médico usa outras 'técnicas' também descritas por Balint. Assim, o envio sistemático a especialistas, encobre freqüentemente a necessidade de dividir e 'diluir' a relação, numa verdadeira 'cumplicidade no anonimato'. Muitos médicos vêem o paciente, mas nenhum o 'vê' de fato. Outra técnica semelhante é o 'rodizio da relação' contido na praxe hospitalar de médicos substituírem-se permanentemente e manterem, deste modo, apenas contatos parciais com os pacientes."⁵

Entretanto as cadeiras relacionadas à história e à filosofia da medicina ou à filosofia do corpo, que poderiam proporcionar uma discussão a respeito do indivíduo e da sua unidade enquanto ser, são completamente esquecidas no ensino médico.

No outro vértice, relacionado ao desenvolvimento da indústria paramédica, à pesquisa médica de caráter ultra especializado e à prática médica propriamente dita, temos a afirmação do indivíduo como o resultado da soma de uma série de estruturas, organizadas de uma maneira sistemática específica e passíveis de serem abordadas sem que sejam relacionadas ao todo, não só do ambiente, mas, principalmente, ao todo do próprio indivíduo.

A medicina atual é um corpo de especialidades, de clínicas. Há o especialista em coração, o especialista em rim,

o especialista em fígado, que minimizam o incômodo inerente ao sentido dissecativo proposto por estas descrições modificando-as para cardiologista, fisiologista, nefrologista, hepatologista, gastroenterologista, ortopedista, médico de saúde pública, etc, etc, etc.

Estes especialistas formam-se não apenas nas escolas, mas também no mercado de trabalho exercitando o conceito de que compreendem, apenas, aquilo que bem compreendem, supervalorizando o aspecto especializado de sua formação. Diz-nos Mário Sayeg:

"A Medicina, ao longo de sua história, muito evoluiu, desprendendo-se de sua aura mítica e sacerdotal, voltando-se para o exercício como ciência e arte que é. Contemporaneamente mais ciência, mais aplicação seca de modernas tecnologia e terapêutica, produzindo resultados notáveis, embora nem sempre seguidos de satisfação daqueles que são atendidos por ela. Torna-se dispendiosa, como um todo, à medida que o trabalho profissional, apoiado em equipamentos sofisticados e de meios de toda ordem fornecidos pelo setor secundário, passou a ter custos mais elevados, ao mesmo tempo em que se dicotomizou, fragmentando-se por especialidades."6

O médico ao ver-se à frente de um indivíduo o reduz a uma doença. E esta só merecerá atenção se for no local corpóreo de trabalho de sua especialidade. O resultado imediato desse comportamento é que apenas ocasionalmente a queixa de um indivíduo merecerá atenção partindo-se do princípio de sua unidade - um universo em queixa - e, pior, desencarnando-o de toda a sua inserção social.

6 SAYEG, Mario A., *A Formação do Médico Generalista e a Medicina Especializada*, in *Textos de Apoio-Planejamento I-Recursos Humanos em Saúde*, RJ, PEC/ENSP-ABRASCO-W.K.Kellog Foundation, 1a. ed., 1987, p.65.

"O especialista, dotado de apurada técnica, manipulando equipamentos sofisticados, de alto preço e de rápida obsolescência tem pressa. Necessita atender a muitos, mesmo porque a demanda derivada está incrementando aquela que seria sua área natural de captação. Essa pressa não é, muitas vezes espontânea. Recebe determinações, normas de serviços que o obrigam a isso. Quase todos os profissionais estão vinculados, de uma maneira ou outra, a um órgão prestador de serviços, ora financiado pelo Estado, ora por instituições de previdência social ora por instituições de seguro saúde.

Assistir o paciente, vendo-o apenas por um órgão ou por um aparelho, ou sómente aplicando uma tecnologia, poderá estar induzindo, contudo a omissões e até mesmo a erros."⁷

Mas que outro comportamento pode ser esperado de uma relação médico-paciente, na qual o profissional tem a doença como algo que pode ser diagnosticada e tratada sem a necessidade de quem a porta.

Embora estejam estabelecidas as facetas psicoculturais na compreensão da etiogenia e da patogenia de uma afecção a prática médica prescinde não só desses dados como do próprio portador.

O cirurgião, no centro cirúrgico, refere-se às duas úlceras duodenais que deverão ser operadas na Sala A e à apendicite aguda na Sala B, quando não se restringe ao ato operatório em si, transformando-as na gastré da Sala A e na apendicé na Sala B.⁸

⁷ IDEM, *ibidem*, p.65.

⁸ GASTRÉ e APENDICÉ é o modo como, no jargão médico cirúrgico são chamadas abreviadamente as cirurgias de ressecção parcial ou total do estômago, *Gastrectomias*, e as ressecções do apêndice cecal, *Appendicectomias*, respectivamente.

O clínico refere-se à pneumonia do quarto 202 e à glomerulonefrite recém internada no 204. O pronto socorrista bufa por ter que atender mais um "Síndrome de Pierre-Paquet"⁹ na sala de emergência.

Do indivíduo, por mágica subversão, faz-se identificável apenas a doença que o leva a necessitar e a solicitar o ato médico e, posteriormente, sob nova ação subversiva, apenas este é identificado, fato suficiente para negar indivíduo e doença e perpetuar a ação médica como fator de determinação.

"A tecnificação do atendimento, contribui para o desinteresse de alguns especialistas, quanto ao relacionamento com seus pacientes, reduzindo-se o tempo disponível dedicado ao *rapport*. A despersonalização trouxe frustração para os usuários."¹⁰

Ora, se enquanto especialistas propensos a reconhecer apenas determinadas doenças, estes profissionais vêem apenas parte dos indivíduos, a única maneira de verem o todo é verem essa parte inserida num corpo padrão e tendo ela mesma uma atuação que não deve fugir às normas emanadas desse padrão. Tudo definido, se possível, tecnologicamente. Fora desse padrão está a doença, o patológico.

Objetivamente esse padrão, em que pese a validade do processo na pesquisa de valores específicos, é o resultado da

⁹ Maneira pela qual é rotulada toda a ampla gama de pacientes que procuram o atendimento médico quando portadores de síndromes conversivas, situações psicotensionais, "stress", alterações de timismo ou de humor por traumas afetivos, etc., etc. O termo é uma irônica erudição criada para substituir, nas antessalas dos Pronto-Socorros e dos consultórios, a outro de caráter nitidamente pejorativo, o dito "peri paque".

¹⁰ SAYEG, Mario A., *op. citada*, p. 79.

soma de um conjunto dividido pelo número de seus membros ou, quando muito, numa curva de frequência tipo "gaussiana".

A somatória de todas essas normalidades, possíveis de serem determinadas por esses meios tecnológicos ou técnico-estatísticos, não identifica nenhum corpo real da comunidade real, não pertence a nenhum de seus membros, não é a realidade do corpo físico, mas sim, do corpo idealizado sob a ótica tecnológica.

Frente a esse padrão, todos seríamos de uma forma ou de outra um tanto anormais e mereceríamos ser tratados na tentativa de sermos reconduzidos, ou reduzidos àquela norma.

"Chegamos à época em que aparelhos de alta sofisticação eletrônica são utilizados, porém o médico desconhece o nome de seu doente de enfermaria."¹¹

Esta ótica não é produto de análise específica do meio médico de um país subdesenvolvido. Impressões semelhantes podem ser colhidas em autores de outros países em estágios de flagrante diferença, se comparados seja no desenvolvimento do conhecimento médico, seja no nível do desenvolvimento de suas forças sociais.

Jean Clavreul, afirma que "o normal e o patológico não são apenas conceitos. Eles são produtos da prodigiosa empresa de normalização cuja origem se confunde com a antiguidade grega, empresa na qual a medicina desempenhou papel piloto"¹²

Essas afirmações, assim como outras que a elas poderiam se juntar, tornam claro o verdadeiro papel das descobertas na

¹¹ IDEM, *ibidem*, p.74.

¹² CLAVREUL, Jean, *A Ordem Médica. Poder e Impotência do discurso Médico*. SP, Editora Brasiliense, 1983, p.27.

roteirização etiológica e patológica das afecções enquanto dados que dão evidência a um achado, dito, normal.

"O conceito de normalidade (e de saúde) é difícil de delimitar, e não é um dos menores paradoxos o fato de que os médicos, que são os praticantes de seu estabelecimento, não sejam seus teóricos."¹³

Foucault, em suas obras, desenvolve a tese de que a medicina e o médico cumprem um importante papel normatizador e normalizador, designações essas que lhes seriam impostas pelo poder enquanto processo de interferência e dominação.

Roberto Machado, na introdução a uma coletânea de textos de Foucault afirma que "não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas dispare, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente."¹⁴

E o próprio Foucault salienta que: "o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política."¹⁵

Clavreul aceita plenamente essas teses, embora sua discussão sobre o poder e a ordem médica emanem de uma ótica específica, enquanto psiquiatra, tangenciando para a questão do conhecimento médico por trás do gerenciamento do processo de normatização. Sobre este papel normatizador assim se manifesta:

¹³ IDEM, *ibidem*, p.228.

¹⁴ MACHADO, Roberto, *Por uma genealogia do poder*, in *Introdução à Michel Foucault. Microfísica do Poder*, RJ, Edições Graal, 4a. ed., 1984, p.X.

¹⁵ FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, (Organização e Tradução de Roberto Machado), RJ, Edições Graal, 4a.ed., 1984, p.80.

"Normativo, o discurso médico o é, (...), por enunciar com cada vez mais precisão as normas nas quais se reconhece um indivíduo normal. ...

Normativa, a medicina o é, enfim, porque contribui para elevar o nível da normalidade pela conservação das forças do adulto que envelhece, pelo recuo da idade da mortalidade. A *medicina esportiva* encoraja a corrida para a ultrapassagem das normas ...

Está iniciada uma luta entre o princípio de normatividade que possui todo organismo vivo e o de normatividade que comporta o discurso médico. Seria absurdo pretender que eles se completam e se reúnem, tanto no que concerne ao indivíduo, quanto ao que interessa à espécie humana. Muitas vezes a medicina combate explicitamente as reações naturais do organismo."¹⁶

Um modo eficaz da medicina, e do médico, esquecerem e tornarem operacionais sua própria ignorância.

O processo de normatização levado a cabo pelo *poder médico*, é referenciado na prática inadequada de indicação de órteses, na prática indiscriminada de cesáreas, e pode ser também plenamente estabelecido na prática da tentativa de limitação da geração filial através do uso de pílulas anovulatórias e de processos invasivos. Entre esses são freqüentes a ligadura das trompas, praticada em mulheres, e a vasectomia, praticada em homens, feitas com informação nula ou insuficiente aos que a elas se submetem, chegando ao limite de ser praticada, no caso da ligadura das trompas, sob a completa ignorância da paciente, durante o processo de parto ou durante outra cirurgia qualquer.¹⁷

¹⁶ CLAVREUL, Jean, *op. citada*, p.231-232.

¹⁷ *Ligadura de trompas*, refere-se ao ato cirúrgico de se cortar e ligar as Trompas de Falópio, duto que serve de caminho para o óvulo, em sua viagem do ovário ao útero. *Vasectomia* refere-se ao ato cirúrgico de se cortar e ligar o epidídimo, cordão condutor dos espermatozóides para o canal seminal.

Essa questão foi assunto de querelas entre o poder, investido no comando do estado brasileiro no período da ditadura militar, e os movimentos progressistas. Naquela ocasião sociedades nacionais e internacionais, entre elas a BEMFAM (Fundação para o Bem Estar da Família)¹⁸, agindo em várias cidades brasileiras e de outros países trocavam, segundo as denúncias de então, de alimentos a rádios de pilha por cirurgias de esterilização definitiva. Além disso promoviam ampla e indiscriminada distribuição de pílulas e outros anovulatórios.

Se naquela época e se sobre aquela época não restam dúvidas quanto à inadequação das ações, como podemos hoje classificar denúncias de esterilizações rotineiras praticadas à revelia e sob completo desconhecimento de mães de baixa renda nos mais variados centros do país?

Embora negadas veementemente, ou simplesmente comentadas como sendo produto de mentes persecutórias, é muito comum o fato de várias pacientes só terem conhecimento de estarem cirurgicamente estéreis por ocasiões de novas tentativas de engravidar, ou como achado cirúrgico secundário.

Talvez mais contundente seja o fato de que continua havendo freqüentes desmentidos, embora os corredores de hospitais continuem ouvindo histórias sobre acontecimentos que estimulam-nos a creditá-los como verdadeiros.

18 Fundação criada por Eucimar Coutinho, médico baiano, financiada por instituições brasileiras e internacionais, principalmente pelo Banco Mundial, com área de atuação em planejamento familiar e controle de natalidade.

Mas não é apenas de exemplos de flagrante gravidade que sobrevive o processo de normalização e normatização proposto pelo médico em seu contato com o paciente. Na realidade este é observável principalmente em questões de aparente menor relevância e de conteúdos menos acadêmicos que os até então levantados, situações em que aparentemente encontram-se preservados tanto o conhecimento quanto a responsabilidade médica.

Até há pouco tempo era comum o pediatra, o ortopedista, o médico generalista ou o médico de família recomendarem às mães, frente a algumas questões, que inscrevessem seus filhos em atividades em que a atividade física era a tônica. Os filhos ao judô, as filhas ao balé.

Essa recomendação era feita tanto para a correção da timidez, quanto da agressividade, passando por outros problemas comportamentais, inclusive supostas preferências de características homossexuais, até para a correção de problemas ortopédicos de ordem postural como *ombros caídos, pés para dentro*, cifoses, escolioses, preguiça, adinamia, etc.

A prescrição feita de modo descompromissado mantinha o reforço para o papel de macho, que deveria ser apreciado pelo menino, e o reforço para a *docilidade* que deveria ser apreciada pela menina.

A ginástica olímpica também contou com grande número de recomendações, escondendo atrás de sua aparente unisexualidade uma ampla diversidade *sexual* de movimentos.

Todos, encaminhamentos plenamente coerentes com o conceito vigente de como deveria ser o padrão de comportamento masculino e feminino.

Nos últimos anos observou-se, em pleno exercício do *direito à igualdade*, uma orientação em direção à ginástica aeróbica, mulheres sendo submetidas a um ritmo "masculino" de trabalho corporal, e homens submetidos a uma disfarçada proposta dançante. Todos submetidos, comprovou-se posteriormente, a uma inadequada quantidade de trabalho, responsável por lesões de esforço em seus praticantes.

Vários desses médicos, jamais tinham entrado em uma sala de aula de judô, de balé, ou de ginástica olímpica ou aeróbica. Não sabiam das pressões psíquicas e físicas específicas a que eram submetidos seus "pacientes" e, menos ainda, davam-se conta das iatrogenias que estavam provocando com estas atitudes.

Quando Sayeg se refere à frustração que a despersonalização da relação médico-paciente traz ao usuário, está seguramente abrindo a possibilidade de apontar-se a hipótese de que a homeopatia, reconhecida pelo leigo como ramo não "acadêmico" da medicina, tratamentos baseados em "medicina natural", Florais de Bach e várias "mandalas" religiosas ou orientais, são solicitados por pacientes que estariam à procura, exatamente, da possibilidade de não serem normatizados.

Fogem de uma normatização, francamente investida pelo sistema, para serem subjugados por outra em aparente resistência e ou neutralidade.

Interessante retomar a afirmação de que o médico desconhece alguns parâmetros de realidades de suas próprias prescrições, principalmente quando estas tenham sido formalizadas de modo descompromissado.

O movimento como solução para quadros onde aparentemente não há necessidade de uma terapêutica específica faz parte da prática médica gerada do senso comum, e, é alicerçado nessa tese que se justifica a completa ausência de uma maior reflexão por parte daqueles que o indicam.

Para a verdade médica dominante, o movimento humano é um padrão que se repete independente de seu autor, podendo ser medido, quantificado e qualificado como bom ou ruim, adequado ou inadequado, passível ou não de danos, segundo os desvios deste padrão. Sob essa mesma qualificação poderá ser mantido ou corrigido, simplesmente pela aproximação deste ao padrão proposto — considerado perfeito sob todos os aspectos e eterno sob todas as circunstâncias — porque assim o comprovam as experiências biomecânicas e cinesiológicas.

Mesmo quando a ignorância se alicerça na prática gerada e gerida pelo senso comum, ao médico não se pode deixar de cobrar o conhecimento de que a cinesiologia, a ortopedia, principalmente a secção relacionada com a medicina esportiva, obteve enormes saltos de conhecimento nas últimas décadas. Esse conhecimento criou novas propostas de terapêutica e aprendizado

motor, e influenciou diretamente, associada aos avanços tecnológicos da engenharia de materiais, para as conquistas das atuais marcas olímpicas e recordes mundiais; inclusive pela possibilidade de proporcionar ao indivíduo o uso de anabolizantes não detectáveis nas provas rotineiras.

Algumas contradições, entretanto, se esboçam no quadro traçado.

Os avanços de conhecimento sobre o movimento humano ocorrem em experimentações de acompanhamento a indivíduos que excedem a rotina humana de movimento, se circunscrevem a grupamentos musculares em trabalhos de isolamento de ação e de ultracapacitação para movimentos especializados, sobre articulações submetidas a exigências que ultrapassam em muito suas capacidades.

A esses indivíduos não é dado a chance do descanso pós trauma, o trauma há que ser resolvido ou por esforço psíquico, ou por abolição de seus sintomas, mesmo que isto resulte em seqüela definitiva.

Infelizmente freqüentemente é isso que acontece. Cria-se uma legião de superatletas, superhomens que posteriormente convivem com processos de destruição articular progressiva, lesões musculares e descompensações neuromotoras.

Uma matéria numa revista de generalidades em ciência, trazia para o conhecimento do leitor comum que "de acordo com os levantamentos das organizações esportivas, entre 30% e 70% dos atletas de ponta em todo o mundo sofrem de algum problema físico ou estão contundidos".¹⁹

19 *A Massa Arrebenta a Vitrine*, in *SuperInteressante*, SP, Ano 2, no.1, Novembro de 1988, p.78.

Manuel Sergio, sobre a Cultura Física, diz que "enquanto durar o seu biologicismo ditatorial - não se espere dela outra coisa do que a formação de bestas esplêndidas ou de militares membrudos, uns e outros verdadeiros animais amestrados pela classe dominante."20

Algumas das denúncias relacionadas à produção de grandes atletas resvalam em situações encontradas em roteiros de filme classe B.

Um dos programas da Rede Cultura de Televisão, mostrou em setembro de 1994 uma série documentária sobre o esporte e o modo como se dava o treinamento esportivo em várias partes do mundo.

A ênfase era sobre a disciplina férrea, o isolamento e a tensão a que eram submetidas crianças, adolescentes e atletas formados na intenção do melhor resultado. Outros dados associavam essa realidade ao aspecto financeiro ou político que se sobrepunha como determinante das ações que eram tomadas.

O lucro, o retorno financeiro ou o retorno em dividendos políticos eram muito mais importantes que qualquer inadequação que um indivíduo poderia estar sofrendo na sua formação de esportista.

De todos os artifícios utilizados sob o rótulo de necessário para criar um atleta vencedor um se destacava.

A medicina tem conhecimento que a gravidez é um momento muito especial na vida da gestante. Para se adequar, enquanto leito de desenvolvimento para o conceito, o corpo da gestante adquire novas qualidades.

Há um embebedimento das articulações que lhes dá maior elasticidade e amplitude de movimentos, há uma mudança qualitativa do grau de contração muscular e na sua capacidade de mobilizar glicogênio, há uma alteração para maior na capacidade das hemácias se abastecerem de oxigênio e de distribuí-lo para outras regiões do corpo. O comportamento dos processos cerebrais sofre modificações na rapidez e na efetividade dos impulsos. Há enfim uma sobrequalificação do corpo da gestante durante a gravidez.

A denúncia era que a União Soviética, nos períodos que precediam as grandes competições induzia a gravidez em suas atletas adolescentes, e no momento imediatamente anterior à competição as interrompia. A atleta poderia utilizar-se de um corpo de alta capacitação que a gestação lhe havia dado sem o inconveniente de transformar-se em futura mãe.

Essa atitude hedionda não foi todavia privativa do Urso soviético, anos antes denúncias semelhantes foram feitas contra o Tigre americano.

Poucos daqueles que se deliciam assistindo a um grande bailarino, a um grande ginasta, a um grande atleta, sabem que por trás daqueles poucos minutos, e às vezes segundos, de exibição, estão várias horas de fisioterapia, terapêutica analgésica, infiltrações, lesões tendinosas por esforços de repetição, e ou articulares geralmente progressivas.

Embora esses dados sejam de conhecimento daqueles que o produzem, a medicina insiste em reproduzi-los. A tecnicidade e a necessidade de investir no retorno que há para aqueles que

ocupam o Olimpo e, principalmente, para aqueles que os patrocina, assim o exige.

São os riscos da profissão, os riscos calculados da profissão. Calculados por quem?

Mas, a realidade excede este fato. A medicina não só reproduz, como transforma esses movimentos e as soluções encontradas para a sua efetividade, em padrão para o restante da humanidade.

Terapêuticas específicas para a solução provisória de lesões crônicas em andamento serão aplicadas ao homem comum, com todas as suas implicações negativas.

Se há uma razão que justifique que um indivíduo opte por utilizar-se, ou aplicar a terapêutica médica no sentido de enganar um processo lesivo, em si ou em outrem, para que a glória de uma medalha seja conquistada, não há qualquer razão para que essa seja a ótica que eleja a terapêutica para o cidadão comum.

A não ser a da lógica que elege padrões como fins a serem alcançados, normas a serem seguidas por todos, sem exceção, ao mesmo tempo que define como padrão para a qualidade de movimento e sua terapêutica não o resultado da observação do homem comum, mas sim o da observação daqueles poucos que há muito se excederam.

É a mesma lógica que movimenta a indústria automobilística quando sustenta que a permanência em evidência dos carros de corrida, os carros de Fórmula 1, ou outras provas de exceção, contribuem para o avanço que, hoje e no futuro,

serão observados nos veículos que estão sendo desenvolvidos para uso cotidiano.

A lógica das "bestas esplêndidas".

Para carros a tese é, aparentemente, verdadeira.

Victor Matsudo, médico esportivo e pesquisador em Medicina Esportiva dizia na reportagem citada anteriormente:

"Meu sonho é ver uma Olimpíada de gente normal".

São palavras a serem endossadas.

Se há contradições em se adotar como padrão características inerentes a indivíduos e a situações que são a exceção e não a norma, contradição maior há em se indicar para indivíduos que não foram especificamente analisados, terapêuticas cujas ações também não foram terapeuticamente analisadas.

A lógica justificadora, neste caso, carece de substrato. Resta a impressão de que a indicação à norma, melhor seria dizer a uma norma, é a intenção primeira a ser cumprida por este encaminhamento.

Embora a prática sistematizada sob esse discurso, e a medicina que se desenvolve em resposta a essa prática, seja altamente desenvolvida, sob o ponto de vista dominante de desenvolvimento - que o mensura pela quantidade de novas impressões tecnológicas inseridas, e na quantidade de respostas positivas àquelas inserções - a ideação do indivíduo como um elemento a ser normatizado, ante um padrão de perfeição eternizado a cada momento, se aproxima da visão grega clássica de ser como *essência* e deixa entreaberta a possibilidade de se

afirmar que a medicina moderna não *trabalha* ou não *prática* o corpo ou a corporalidade de seus assistidos, mas sim a essência de corpo, o corpo ideal.

Essa visão de corpo, ocorre por ignorância do saber médico - pela maneira como este se insere na estrutura social de dominação e sob sua influência se atomiza - e não por maniqueísmo ou manipulação de informações por parte daqueles que a veiculam.

Esta introdução parece suficiente como justificativa do ponto de partida e para a procura que dele se desenvolveu; a da compreensão do movimento humano como um dado cuja realidade está no corpo que se move e não nos padrões propostos de ideal de movimento.

Se num primeiro momento esta se ateve a comprovar ou negar dados fisicamente mensuráveis, num segundo momento vai progressivamente se desviando dessa ótica, para desembocar em questionamentos e em conclusões relacionadas à razão mesma do movimento corporal enquanto um evento ímpar, único, imediato, com um suporte não apenas estrutural, físico, mas essencialmente histórico, temporalmente transcendente, agente criador e portador de valores éticos, morais, políticos, que se sobrepõem à sua descritível e até previsível realidade animal.

CAPÍTULO I

As transformações no modo de pensar o corpo

A medicina, como já foi dito anteriormente, não conta entre suas cadeiras de formação profissional com disciplinas que façam o futuro médico pensar o corpo, senão apenas dissecá-lo e provê-lo dissecado, de sistematização²¹

Sistematização e dissecação estas que servirão para conduzi-lo na sua incansável luta contra as doenças e tudo aquilo que possa afastar o corpo de sua normalidade, de sua higidez pré estabelecida como o estado adequado ao modo de ser humano.

O movimento humano, sob a ótica desta medicina, é apenas o resultado de uma complexa ação muscular sobre articulações determinadas, que provocam modificações no modo de ser corporal, implicando em novas formas.

O aspecto criativo e modificador do movimento, elemento de ação do homem sobre o meio ambiente e produtor de mudanças neste meio, é reduzido a um papel circunstancial, frente ao aspecto plástico da relação entre os vários segmentos corporais.

O movimento corporal é o exercício do mecânico, não tem função externa ao corpo enquanto unidade física, não produz e não é produzido, não objetiva nem é objetivado.

Embora o papel do movimento humano no cotidiano de cada indivíduo e do todo social seja fato de indiscutível presença,

21 O verbete *sistematização* faz referência ao modo como uma parte da Anatomia, conhecida como Anatomia Sistemática, reúne os vários órgãos em aparelhos e sistemas voltados a uma ação fisiológica solidária em contrapartida à Anatomia Topográfica que estuda o corpo por regiões.

a ponto de não nos permitirmos imaginar o mundo, tal como o conhecemos, sem que o movimento humano o tivesse construído, não temos sob a égide do conhecimento médico esforços específicos no sentido de entendê-lo como um processo de criação em criação, mas apenas como movimento puro idealizado em suas componentes determinantes quais sejam: força, duração, sentido, ritmicidade, efetividade, etc.

Afasta-o de sua existência, desinsere-o do real, impede a sua objetivação, uma vez que o transforma numa série de equações e possibilidades, que o induz a ser norma e verdade eterna, aliena-o, como atividade humana, do homem.

A medicina absorvida pela concretude do movimento, não consegue perceber sua concatenação; preocupada com a sua existência, não atenta para sua origem nem para sua interatividade; concentrada em sua face estática, não adverte à sua dinâmica; obsecada pela criatura não consegue ver-lhe a criação.²²

E se assim é, através do concreto, que a medicina e áreas do conhecimento a ela relacionadas (cinesiologia, biomecânica, bioengenharia, etc.) vêem o movimento corporal, é conceitualmente idealizado e alienado que o elaboram. Paradoxalmente o que resulta desta elaboração é um corpo

22 Metafrase a Engels quando a respeito do método metafísico diz que este "se pierde en insolubles contradicciones, pues, absorbido por los objetos concretos, no alcanza a ver su concatenación; preocupado con su existencia, no para mientes em su génesis ni en su caducidad; concentrado em su estatismo, no advierte su dinámica; obsesionado por los árboles no alcanza a ver el bosque." (Friedrich Engels, Del Socialismo Utopico Al Socialismo Científico, Moscú, Ediciones en Lenguas Extranjeras, pg.54)

idealizado, sem movimentos, que pretende ser resolvido apenas às custas da significação que lhe é conferida pela razão.

Raro é se observar, na área médica e afins, quem examine o movimento corporal como produtor de cultura, como transformador social, como criador da história do homem e do homem da história.

Há muito o que se dizer do movimento corporal humano enquanto mediador da história.

Manuel Sergio partindo de uma visão global que tem dos valores éticos e políticos do corpo enumera as seguintes alíneas, dentre outras:

1- Pelo corpo se atinge uma concepção global do Homem.

2- Pela linguagem corporal, o Homem ganha um meio extraordinário de comunicação e diálogo.

(...)

4- O corpo revela uma personalidade, uma cultura e por extensão uma sociedade.²³

Há muito o que se falar sobre o corpo e sobre o corpo muito já foi dito, pouco entretanto sobre o movimento corporal, a não ser nas entrelinhas. Será buscando-as que algumas leituras corporais serão aqui analisadas.

Seria ingenuidade tentar abarcar criticamente todas as teorias que sobre o corpo foram levantadas, centraremos atenção portanto a uma porção restrita de teses e autores e como método nos faremos presentes em um diálogo já iniciado sob a regência e portanto a dominância de um deles.

²³ SERGIO, Manoel, *op. citada*, pg.33.

Nem sempre o corpo foi pensado como o é hoje, houve um primeiro momento, entendido como o modo primitivo de pensar, em que o homem não conseguia pensar seu corpo separado dos outros corpos ou da própria natureza. Apenas o todo existia. Nesse momento não havia o corpo conceituado como tal.

Para George Gusdorf "o primitivo não tem consciência de seu corpo enquanto corpo no mundo dos corpos; ele não possui aliás, para se falar propriamente, consciência de si, num mundo de indivíduos, distintos uns dos outros".²⁴

Essa fase intelectual é sucedida por um momento contemporaneamente nominado como sendo o do racionalismo ingênuo. Dessa fase dois pensadores são classicamente citados: Sócrates, que nos seus diálogos expõe o conceito de dissociação entre a alma e o corpo, e Platão, seu discípulo, que retoma e desenvolve este conceito. Gusdorf comenta que Platão desenvolve "com magnificência esta dissociação de alma e corpo, que se torna nele a oposição entre duas ordens de valores. A grandeza do homem, sua vocação essencial, concentra-se na alma; o corpo não é para a alma senão uma residência passageira e algo indigna...".²⁵

A dualidade corpo e alma para Platão mantém relação de mesma ordem que a encontrada entre a denominada realidade sensível e as realidades transcendentais, chamadas por ele de "mundo das Idéias".

O caminho do ser é abandonar o mundo sensível e caminhar para o mundo das Idéias.

O caminho do homem é ser alma pelo abandono ou, melhor dizendo, pela transcendência de sua corporeidade passageira.

²⁴ GUSDORF, George, *A agonia de nossa Civilização*, SP, Edições Convívio, 1978, pg.123.

²⁵ IDEM, *ibidem*, pg.124.

Essa indignação com o corpo transforma-se em ferrenha negação sob o modo de pensamento cartesiano, que se manifesta como sucessor do racionalismo ingênuo.

Malebranche, citado por Gusdorf, assim se exprime:

“Não existe relação necessária entre as duas substâncias de que somos compostos. As modalidades de nosso corpo não podem, por sua eficácia própria, mudar as de nosso espírito. (...) é evidente que um corpo, que extensão, substância puramente passiva não pode atuar por sua eficácia própria sobre um espírito, sobre um ser de natureza diferente e infinitamente superior à sua.”

À questão, por que o corpo? Malebranche, na citação de Gusdorf, responde:

“Aparentemente quis Deus dar-nos, como a seu filho, uma vítima que pudessemos oferecer-lhe, isto, porque quis que merecessemos, por uma espécie de sacrifício e de aniquilamento de nós mesmos, a posse dos bens eternos. Decerto isto parece justo e conforme a Ordem. Presentemente encontramos-nos em provação de nosso corpo. (*Entretiens sur la métaphysique*, Ed. Fontana, Paris)”²⁶

Estas afirmações, entretanto, não são suficientes para superar em objetividade as do próprio Descartes quando afirma que “a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e até mais fácil de conhecer do que ele, e ainda que este não existisse, ela não deixaria de ser tudo que é”.²⁷

O corpo é tormento, o corpo é provação, o corpo é algo a ser vencido para a existência do puro pensamento.

Não basta entretanto negar o corpo, para dele desfazer-se. Tormento ou não, provação ou não, o corpo mantém-se

26 IDEM, *Tratado de Metafísica*, SP, Cia Editora Nacional, pg. 253.

27 DESCARTES, René, *Discurso do Método*, Lisboa, Edições 70, 1979, pg. 75.

presença absoluta ante uma forma de pensar que o nega, tornando inconsistente a continuidade desta negação.

É a tentativa de eliminar esta inconsistência, residente na persistência da negação do corpo, que se encontra no cerne dos conceitos que surgem em contraposição aos até aqui expostos.

“Que pode o puro espírito, senão começar por se dar um corpo que atue sobre os demais corpos?(...) A extensão e o movimento não são concebíveis em si, são meras abstrações e só temos a certeza de que são reais na medida em que os julgamos dependentes de outra coisa de que estamos certos: a idéia do ser objetivo, condição da idéia de extensão”.(Lagneau, *Célèbre leçons et fragments*, Paris, 1950)²⁸

Ainda como ponto de vista semelhante Gusdorf cita Samuel Butler:

“O homem não é mais do que uma caixa de ferramentas e uma oficina ou um escritório ambulantes, que uma parcela de barro inteligente afeiçoou para seu uso em resultado de longa experiência”. (*Carnets*, Paris, NRF, 1936), e Joubert: “(...) o corpo, por indigno que seja, é indispensável, como um prego do qual se suspendem os pensamentos”. (*Pensées*, Ed. Dumay, Paris)²⁹

O intelecto justificando o corpo como necessário, submetendo-o, todavia, às “normas do pensamento”.

Sepulto pelo espírito, o corpo perde sua materialidade, seus contornos e suas capacidades, torna-se uma “abstração” da qual nem o movimento escapa.

Embora Gusdorf cite-os como pontos de vista equivalentes, a materialidade dispensada por Joubert ao corpo

28 GUSDORF, George, *Tratado de Metafísica*, SP, Cia Editora Nacional, pg.255.

29 IDEM, *ibidem*, pg. 255.

se contrapõe às outras duas citações onde ainda é o pensamento que constrói o corpo para seu uso.

Nas citações de Lagneau e Butler há um corpo que embora indispensável é indigno, ao passo que para Joubert há um corpo que embora indigno é indispensável.

A tônica utilizada por Joubert, antecipa o novo pensar, onde o corpo eleva-se a um valor que se equivale ao do espírito.

Gusdorf exemplifica esse momento com a citação de Schelling:

"A natureza é o espírito visível; o espírito a natureza invisível. Nesta identidade absoluta do espírito em nós e da natureza fora de nós reside a solução do problema e da possibilidade da existência de uma natureza exterior a nós" , e de Pierre Janet numa nota de rodapé: "o pensamento 'não é função da ponta de dedos, como nem função do cérebro (...). Pensamos com as mãos , como pensamos com o cérebro, pensamos com o estômago, pensamos com todo o organismo: não devemos separar o pensamento do corpo...' ".³⁰

Novamente Gusdorf empresta a estas outras duas afirmações idênticos valores. Não há, porém, como não reconhecer a grande distância entre o mecanicismo e racionalismo contidos na frase de Schelling e a dialética entranhada na afirmação de Pierre Janet, também ele antecipando uma postura, a tese materialista do corpo enquanto matéria pensante.

³⁰ IDEM, *ibidem*, pg. 256.

A citação de Schelling, está referida por S.Jankélévitch, no prefácio à sua tradução dos "Ensaio" daquele filósofo alemão. A citação de Pierre Janet encontra-se na obra "De L'Angoisse à l'extase", Paris, Alcan, 1926 (Nota de rodapé 12)

Para Gusdorf "a filosofia da natureza permite elevar o corpo de sua indignidade em valor e reconhecer-lhe ao menos uma unidade de destino e de significação com o pensamento, que lhe era negada pela teoria do corpo-coisa e do corpo-instrumento. Mas *Naturphilosophie* e *Wissenschaftslehre* apresentam, de comum, o inconveniente de serem filosofias de totalidade. (...) Intelectualismos e filosofias da natureza surgem como simples visões do espírito, desde que se tome consciência da presença irreduzível do corpo, como fundamento da realidade pessoal. (...) Filosofias da natureza e filosofias do espírito não operam distinção entre meu corpo e os demais corpos, entre um espírito e os outros espíritos".³¹

Sob outro ponto de vista, a análise daquelas duas referências levar-nos-ia a conclusões diversas da de Gusdorf.

Para Schelling, existe a possibilidade de existência de dada realidade a partir do espírito, e não, com o espírito, como sugere Gusdorf. Há uma unidade possível de significação, mas não de destino. Para Janet, por outro lado, a unidade é a própria realidade do corpo enquanto corpo real, matéria, e não enquanto significação aposta pelo pensamento.

Dito de outro modo é a partir do corpo real que se insinua, em Janet, sua significação, e não a significação que dá corpo à possibilidade de existência.

A solução para o descontentamento de Gusdorf encontra-se, todavia, na questão da totalidade, que se lhe configura idêntica em ambas as afirmações.

Mesmo isso, entretanto, não deve ser tão facilmente inferido. Schelling fala de uma totalidade de espírito que torna possível a natureza como uma outra totalidade, Janet ao referir-se ao corpo que pensa, fala de algo que tem mãos, pés,

31 IDEM, *ibidem*, pg. 257.

estômago. Um ser singular, e não um ser de universalidade difusa; a totalidade está nas relações deste ser com o que o circunda e não no ser em si.

Ao tornar evidente a inconveniência das filosofias de totalidade, Gusdorf põe-se à procura de uma filosofia que explique a experiência humana tal como é, uma vez que "é indiscutível que existe uma experiência de corpo como meu corpo, impossível de ser reduzida".³²

O início dessa procura está em Gabriel Marcel do qual Gusdorf afirma ter proclamado "sem reboço a prioridade absoluta do corpo".

Diz-nos Marcel, citado na obra de Gusdorf:

"Não posso por-me diante de meu corpo (como é necessário para pensar um objeto) e perguntar à mim mesmo o que é ele em relação à mim. Meu corpo pensado cessa de ser meu."

E, num outro momento:

"Por a prioridade absoluta equivale a dizer que sua mediação se torna necessária para prestar atenção ao que quer que seja, portanto para o conhecer."

E ainda:

"Eu não sou meu corpo, como não sou qualquer outra coisa, senão porque, para ser qualquer outra coisa, devo principalmente servir-me de meu corpo."³³

A tônica de Marcel desenvolve-se no sentido do racional objetivando a existência do corpo. Postula o corpo enquanto um mediador e manifesta a sua dificuldade na aceitação do corpo que pensa.

O corpo de Marcel é algo que ao ser, inteiro, corpo pensante, já não o é mais, porque a ele deve-se renunciar.

32 IDEM, *ibidem*, pg. 257.

33 IDEM, *ibidem*, pg. 258-259.

Essa mesma percepção manifesta por fim Gusdorf ao dizer que:

"Gabriel Marcel propala 'a prioridade do existente em relação ao ideal', entendendo-se que o 'existencial se refere de maneira inelutável, ao ser encarnado, ou seja ao fato de existir no mundo'. Introduz-se aqui uma ambigüidade definitiva na evolução do pensamento, que não pode contentar-se com andar à roda segundo as normas do intelecto: 'Ser encarnado, é aparecer como corpo, como este corpo, sem poder identificar-se com ele, sem poder também distinguir-se dele'."34

E ainda, insistindo na mesma questão:

"Este método, que é essencialmente o método do Diário Íntimo, da análise de si, circunscreve-se a uma espécie de fenomenologia da consciência em exercício; de sorte que o corpo de Gabriel Marcel, acantado na ordem do *vivido* e do *sentido*, não é corpo antropológico, mas uma com que realidade intermediária (...)."35

Acaba por concluir que a dualidade entre o *ser* e o *ter* é presente nas considerações de Marcel.

A idealização do ser em Marcel é a do ser individual, impossibilitado de ser porque carece de uma razão de inteireza, de uma razão de totalidade.

Ao comentar que o corpo em Gabriel Marcel não é o corpo antropológico, é possível observar-se em Gusdorf uma preocupação com a totalidade, que até agora havia obtido em suas análises apenas abordagens negativas.

O corpo antropológico é necessariamente resultado de uma universalidade, de uma totalidade.

34 IDEM, *ibidem*, pg. 260.

As citações que Gusdorf fez de G. Marcel estão contidas no "Journal Métaphysique", Paris, 1935; no "Du refus à l'invocation", Paris, 1940 e no "Être et avoir", Paris, 1935.

35 IDEM, *ibidem*, pg. 260.

O corpo antropológico é o corpo construído socialmente. Uma totalidade histórica e não um reducionismo como o que as filosofias da natureza e as filosofias do espírito operam ao não fazerem "distinção entre meu corpo e os demais corpos, entre um espírito e os outros espíritos".

Não encontrando em Marcel a hipótese de corpo que o satisfaça, Gusdorf desvia para Sartre as suas atenções de quem diz que, também ele, a "despeito da diferença de vocabulário e de contexto, proclama a prioridade do corpo próprio". E cita-o:

"Nascimento, passado, contingência, necessidade de um ponto de vista, condição de fato de toda ação possível sobre o mundo: isto é o corpo, isto é ele para mim. Não é pois, por forma alguma, adição contingente à minha alma, mas, pelo contrário estrutura permanente de meu ser, e a condição permanente de possibilidade de minha consciência do mundo e como projeto transcendente para o meu futuro...(Meu corpo é) a forma contingente assumida pela necessidade de minha contingência".

Replica Gusdorf:

"Simplesmente o corpo, sempre presente, não intervém, de ordinário, no campo da consciência que ele orienta. A realidade do corpo encosta todo conhecimento a um incognoscível que a estrutura, ..."36

Por estas alusões têm-se a impressão que em Sartre a historicidade é mecânica. O homem resultante é um ser isolado e impossibilitado de uma consciência real das coisas, e de si mesmo. Conhece-se o fenômeno. Mas não a realidade que o desencadeia.

36 IDEM, *ibidem*, pg. 261.

As citações de J.P.Sartre são da obra "L'Être e le néant", Paris, 1943.

Posição semelhante declara Gusdorf ao dizer que Sartre acrescenta "às análises de G. Marcel , nova dimensão que prossegue em aprofundar uma consciência solitária e recolhida...: a fenomenologia da pessoa acompanha-se aqui da fenomenologia do personagem em situação, que por tabela confere sua configuração objetiva à realidade humana. Num sentido, precisa Sartre, 'o corpo é o que eu sou imediatamente, noutro sentido estou dele separado pela infinita espessura do mundo, e ele é-me dado por um refluxo do mundo para a minha facticidade'..."³⁷

Sartre separa o ser construído de sua construção. O dado histórico da história. Daí a distância que ocorre. O fato único se faz dois e, neste caso sua distância é infinita.

"É lícito pois, duvidar que Sartre, a despeito de suas ousadias, haja conseguido

evadir-se da tradição espiritualista que opõe a alma ao corpo, como o puro ao impuro....Nem

Gabriel Marcel, nem Sartre conseguem elucidar o fato da encarnação..."³⁸

Tanto a afirmação de G. Marcel de que "meu corpo pensado cessa de ser meu", quanto a de Sartre de que meu corpo é "a forma contingente assumida pela necessidade de minha contingência", expõem paradoxos precisos de seus discursos.

O conhecimento, desde o pensar primitivo, percorreu um longo caminho. Ao corpo, não há mais como negá-lo. E mesmo sob o império do pensamento, já não é mais possível fazê-lo transcender, e transformar-se em essência pura ou no ser absoluto. Sua materialidade impossibilita esta passagem definitiva à dimensão da "pura consciência reflexiva", e desperta a enorme angústia de ser corpo, definitiva e eternamente corpo, sem nunca poder desencarnar-se em direção ao mundo do espírito, ou das Idéias, como cria Platão.

³⁷ IDEM, *ibidem*, pg.262.

³⁸ IDEM, *ibidem*, pg.263.

O corpo pensante com o impossível desejo de ser, de substar. Contingência que, se pensada, *faz-me perder-me de mim*. "uma náusea discreta e invencível revela perpetuamente meu corpo à minha consciência"(Sartre, *Náusea*).....

É o discurso sobre esta inegável realidade do corpo que aproxima Gusdorf das ponderações de Merleau-Ponty.

"A obra de Merleau-Ponty constitui uma penetrante epistemologia do corpo assim compreendido em seu exercício plenário. 'O corpo, escreve ele, exprime a existência total, não porque seja acompanhamento exterior dela, mas porque ela se realiza nele...' . O pensamento de Merleau-Ponty não tenta insurgir-se contra o real, mas sim elucidá-lo, valendo-se de todos os recursos das ciências humanas."³⁹

Para Merleau-Ponty, visto em Gusdorf, a "condição restritiva do corpo é imposta à existência humana", não valendo, porém, "a pena deplorá-lo pois que uma existência não encarnada, em rigor de expressão, não teria sentido para nós".⁴⁰

Como em Sartre, Merleau-Ponty ainda mantém uma idéia de corpo como restrição. Restrição a que? Sem dúvida ao pensamento, ao espírito. Só tem sentido pensar no corpo como restritivo, se houvesse a possibilidade de uma realidade não restritiva, uma realidade de "não corpo".

"Corpo, ser, substância; tudo isto é uma só e mesma idéia real. Não se pode separar o pensamento da matéria que pensa. Ela é o sujeito de todas as mudanças. A palavra infinito não tem sentido, a não ser a capacidade de nosso espírito de somar sem fim."⁴¹

39 IDEM, *ibidem*, pg.266.

40 IDEM, *ibidem*, pg.266.

41 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A Sagrada Família*, SP, Editora Moraes, 1987, pg.127.

Esta citação faz parte da interpretação que Marx tem das conclusões a que chegou Hobbes em suas teses, partindo do materialismo de Bacon

De um modo ou de outro a questão que se coloca tanto em Gabriel Marcel, Sartre ou Merleau-Ponty é a questão do primado do pensar sobre o ser.

Essa questão não se colocava anteriormente pois o corpo, enquanto invólucro a ser rompido para o florescimento da razão, ostentava em altos brados o primado do pensar. Esta tese atenuou-se em Gabriel Marcel, e mais ainda em Sartre e Merleau-Ponty, embora não tenha sido completamente descartada, pois, tanto no corpo *náusea* de Sartre quanto no corpo *restrição* de Ponty, o argumento principal é a angústia em ser corpo.

Por outro lado a evidência do corpo impõe pensá-lo materialmente, e pensá-lo materialmente é pensá-lo interagindo com o meio ambiente, sua realidade material.

A essa imposição respondem tanto um quanto outro quando relacionam a cinestesia à formação da consciência.

Para Gusdorf, em Sartre a cinestesia teria um papel de causa de nossa consciência, o que o diferenciaria de Merleau-Ponty para quem a cinestesia seria o efeito de nossa consciência.

Embora mantenha uma certa distância dessas posições o próprio Gusdorf conjectura que a "organização de nossos comportamentos obedece, em conjunto, a uma espécie de regra imanente que permite manter o mesmo equilíbrio através da variedade de movimentos e das vicissitudes das situações sucessivas".⁴²

"A noção de esquema corporal subministraria pois uma fórmula dinâmica de presença no mundo. Esta presença como princípio regulador da encarnação, é condição da

42 GUSDORF, George, *op. citada*, pg. 266.

consciência e não objeto da consciência e a cinestesia dá testemunho indireto sobre sua atividade.”⁴³

Esta afirmação de Gusdorf aproxima-o, portanto, da suposição de Sartre para quem a cinestesia teria uma papel de causa de nossa consciência.

Estendendo-se sobre sua inferência complementa que “a estrutura do ser pessoal, muito embora dependa de uma pré-história do pensamento, não é primitiva. Os recentes estudos de psicologia genética tem mostrado tratar-se aqui, não de um pressuposto de existência humana geral, mas de uma estrutura adquirida...”

Com efeito a noção de corpo faz ascender a um novo mundo conceitual, ela fixa a idéia pessoal, até então difusa e indeterminada, e implica a aceitação de estruturas de intelegibilidade e de ação.⁴⁴

Avançando em suas considerações e diferenciando-se daqueles a quem analisa sugere que em “termos mais exatos, o corpo próprio é tema cultural e não simplesmente expressão de uma realidade biológica fundamental”. Diz mais entretanto ao afirmar que há a “necessidade de uma antropologia que não se limite a ser fenomenologia da consciência humana, mas que se esforce em ligar esta consciência a suas condições objetivas.”⁴⁵

A tendência para assumir uma tese histórico-materialista está claramente manifesta nestas observações e já não há como continuar a tergiversar sobre as posições de seus contemporâneos.

Como havia feito com Marcel e Sartre, Gusdorf inicia um descartamento de Merleau-Ponty.

43 IDEM, *ibidem*, pg. 267.

44 IDEM, *ibidem*, pg. 268.

45 IDEM, *ibidem*, pg. 274.

"Merleau-Ponty, por exemplo, trata do corpo como consciência, da consciência do corpo, que se resolve em gestos, atitudes, comportamentos, significações.... Parece que esta dissociação (entre o domínio espiritual e da realidade orgânica) persiste nas análises de Merleau-Ponty..."⁴⁶

Seria um regresso ao ocasionalismo, pergunta?

"De fato não saímos (...) da oposição maciça entre o espírito e o corpo concebidos como duas realidades heterogêneas".

Gusdorf declara que Merleau-Ponty havia tentado uma solução desse dualismo ao afirmar que o corpo seria formado por vários corpos relativos: "o corpo massa de compostos químicos", "o corpo como dialética do vivente e de seu meio biológico", "o corpo como dialética do sujeito social", "o corpo como sendo o solo dialético adquirido sobre o qual se instala uma formação superior, e a alma é o sentido que então se estabelece." Assumindo a palavra, pondera Gusdorf: "Simplemte nada prova que a só magia da palavra 'dialética' baste para dissipar as trevas; nem se afigure mais decisiva que a palavra 'estrutura' que parece substituí-la na *Fenomenologia da percepção*..."⁴⁷

Apesar de suas manifestações entremeando as daqueles que cita, a posição de Gusdorf não foi ainda verdadeiramente objetivada.

"A posição tradicional opõe radicalmente dois domínios: de um lado, a consciência, o pensamento, que é da ordem das significações, das representações; do outro lado, o corpo biológico, objeto de ciência, cuja inteligibilidade se institui mediante relações causais..."⁴⁸

Oposição esta que aparentemente não é a posição de Gusdorf, senão vejamos:

46 IDEM, *ibidem*, pg.275.

47 IDEM, *ibidem*, pg.277.

48 IDEM, *ibidem*, pg.278.

"Se existe um fosso entre o ser psicológico do corpo vivido assumido pela fenomenologia, e o ser orgânico do corpo como funcionamento material, analisado pelo científico, tal fosso não está inscrito na natureza das coisas, porque a experiência de cada homem o nega a todo instante....A dificuldade situa-se ao nível de nossos meios de análise, e o erro milenário consiste em converter as deficiências de nossa epistemologia numa ontologia dogmática. Importa contudo notar que o corpo objeto, tal como a ciência o constitui, não é a própria coisa em si, em seu 'dentro', em sua materialidade inacessível, mas um sistema de representação."⁴⁹

O que Gusdorf procura salientar é que a dualidade que se manifesta nas definições tradicionais de corpo, não são características do corpo mesmo, mas se deve a uma deficiência epistemológica que nos leva a ver seus vários pontos de vista como totalidades em si, não nos permitindo ver que no corpo mesmo há uma totalidade, sua materialidade, que é, no todo, inacessível. O que conhecemos então são aspectos parciais de um todo material impossível de se conhecer.

Vejamos todavia que interpretação nos dá Gusdorf de uma experiência que, segundo ele mesmo, configuraria essa totalidade do corpo.

Diz ele, da dor de dente, que de fato ela "não nasce de minha livre decisão, e, via de regra, o dentista não tem dificuldade em descobrir a causa do mal; este apresenta-se então, a um tempo, como acontecimento fisiológico...e impressão que afeta dolorosamente minha vida pessoal...O dentista possui a versão verdadeira de minha dor de dentes que a mim só aparece numa leitura subjetiva. A situação global é a unidade da relação causal e da significação vivida."⁵⁰

49 IDEM, *ibidem*, pg.279.

50 IDEM, *ibidem*, pg.279.

Se como antes dissera, o conhecimento da ciência "não é a própria coisa em si", "mas um sistema de representação", como pode afirmar que o dentista, portador de um sistema de representação, possa possuir a *versão verdadeira da minha dor de dente*. Se a coisa em si, é uma materialidade inacessível, não há quem possua sua versão verdadeira, a não ser que versão verdadeira da coisa e a coisa mesma sejam substâncias diferentes. Que verdade e realidade não sejam categorias semelhantes. Que verdade, sob este ponto de vista, não seja sequer um conhecimento parcial da realidade.

Se análises feitas em relação ao progresso da biologia e da medicina como modificadoras do aspecto histórico do homem são certas, "o conjunto das significações que constituem o corpo vivido já não está separado por um fosso intransponível do conjunto das relações causais de que se compõe o corpo material. O corpo nada mais pode ser que a totalidade dos conhecimentos que dele possuímos na ordem da afetividade imediata, e da ação ou da intelecção discursiva".⁵¹

Se não basta a Merleau-Ponty utilizar-se da palavra *dialética*, uma vez que esta não tem, em realidade, qualquer intrínseco poder de modificar o que em realidade é dito, também não basta a Gusdorf dizer que *corpo vivido e corpo material* diz-se do mesmo e único objeto, uma vez que, ao complementá-la com a definição de que o corpo *é o conhecimento* que dele tem na *ordem da afetividade e da intelecção discursiva*, diz efetivamente que o *corpo é o que dele conhece*. *Conhecer o corpo é discursar intelectualmente sobre ele*. *O corpo é o que dele é pensado sob a forma de discurso intelectual*. Franca asserção às

⁵¹ IDEM, *ibidem*, pg. 281.

palavras de Merleau-Ponty. Verdade e realidade são universos diversos.

Essas colocações constituem em Gusdorf um conjunto de contradições, que é visível quando em seguida afirma:

“O corpo total encontra-se sempre, em sua realidade plenária, além daquilo que dele sabemos.”

Significará essa afirmação a tese agnóstica de que da realidade nada se pode saber? Aparentemente não, uma vez que complementa:

“O corpo não é o resquício ineliminável de uma análise lógica, mas sim fundamento do serhumano, não é obstáculo ao conhecimento, mas meio de todo conhecimento e, além disso, origem e fim de todo conhecimento”.⁵²

Os aspectos contraditos residem na sua tentativa de propôr-se a superar a descrição fenomenológica de corpo, presente em Merleau-Ponty, mas resistir a desenvolver, e assumir, uma visão histórico-materialista para a qual constantemente tende.

Embora diga não ser “senhor do contrato de adesão que me é imposto pelo nascimento: saúde ou enfermidade, constituição hereditária, como também classe social e momento histórico são outras tantas cláusulas decisivas cuja influência orientará minha vida inteira...”, sugerindo uma possível aproximação àquela posição, pela implícita proposta dialética do corpo e momento histórico em mútua constituição, logo retoma a tese do corpo como um elemento passivo, não participante de sua criação, quando complementa que estes fatores são “postulados de uma axiomática, da qual devo tirar as conseqüências sem que tenha tido a liberdade de escolher os princípios. O corpo é o conjunto de

⁵² IDEM, *ibidem*, pg.284.

dados de fato que me é imposto desde o princípio do jogo, e do qual não posso prescindir (...) .A única saída parece ser aceitar a existência humana tal qual nos é imposta, como fenômeno de totalidade e que cumpre nos esforcemos por elucidar..."⁵³

Sustentando-se com freqüência numa condição biológica do corpo na determinação do corpo individual, utiliza a doença e seus aspectos individuais — o saber médico, fisiológico e, com uma intensidade que se diferencia, o psicoterapêutico — na identificação de individualidades para corroborar sua tese de unidade e, ao mesmo tempo, vai fazendo tomar corpo a sensação de que esse indivíduo particularizado, particularmente exposto através da doença e determinado através do conhecimento médico, é não só individual na sua existência, mas passível de ser, também racionalmente, isolado de todos os outros.

"A especificidade biológica da personalidade está pois inscrita nos fatos: o testemunho da cinestesia, o 'corpo vivido' é a atestação, perante a consciência, de um estilo de vida rigorosamente individual".⁵⁴

A noção de corpo próprio presente em Gabriel Marcel, Sartre e categorizada por Merleau-Ponty, é substituída pela noção de corpo vivido, que assim assume um caráter de historicidade.

"O corpo representa para cada homem uma espécie de pacto de estabelecimento na situação vivida, uma retomada individual do horizonte mais imediato".⁵⁵

Da mesma maneira que Merleau-Ponty colocava no "esquema corporal" a resposta para a descoberta do corpo próprio, enquanto a essência do homem, Gusdorf aparenta colocar no

⁵³ IDEM, *ibidem*, pg.285.

⁵⁴ IDEM, *ibidem*, pg.291.

⁵⁵ IDEM, *ibidem*, pg.292.

conhecimento neurofisiológico e da fisiologia da personalidade, na descoberta da individualidade da sensação a descoberta do corpo vivido.

Cada vez mais o conhecimento de si, aí conquistado, é apresentado como porta de libertação: mas para um mundo onde todos serão cada um. Uma sociedade de individualidades totalmente definidas e portanto determinadas. Não há nesse homem a construção pela sociabilização.

Partindo daí na busca desta individualidade afirma que "conhecem-se doenças hereditárias, defeitos de conformação congênitos, e embora a questão não seja simples, há sem dúvida igualmente aptidões, disposições inatas para tal ou tal atividade particular".⁵⁶

Já na época desses escritos a neurofisiologia negava a existência de aptidões inatas, versão que associada aos conhecimentos gerados pela genética e pela antropologia, colocou por terra, no plano da política social, a tese das raças puras, que motivou o nazismo a afirmar a raça ariana como *a naturalmente apta* a dominar os outros povos e o mundo. Partia exatamente do discurso, até então proferido nos meios científicos, das aptidões inatas.

Desde então as aptidões são admitidas como condicionadas por fatores não inteiramente conhecidos, porém presentes no processo de maturação biológica e de integração social do indivíduo. Abrindo caminho para a tese de que as aptidões são social e historicamente construídas.⁵⁷

⁵⁶ IDEM, *ibidem*, pg. 293.

⁵⁷ Entre os autores que mais contribuíram para a queda da tese da inatidade das aptidões estão: Lev S. Vigotsky, Alexander R. Luria, Henri A. Wallon, Jean Piaget e Arnold Gesell.

A sugestão de que tanto a doença quanto as aptidões poderiam ser *potências que se realizam em atos* a qual poderia ser inferida das afirmações anteriores de Gusdorf, é de imediato refutada.

"Restringir o corpo ao organismo em sua anatomia e fisiologia é tentar limitar os desperdícios: um falso materialismo é então o preço pago para liberar um não menos falso intelectualismo.

A despeito das aparências, meu corpo não se reduz a montagem orgânica descrita pelos tratados da especialidade, nem também a configuração da imagem no espelho."⁵⁸

Embora assim se posicione, é novamente na relação pessoal de cada um com uma doença, um trauma, uma amputação, na análise psicológica do homem e suas tendências a transformar estados corporais deficientes em muletas para sublimações ou compensações, que Gusdorf busca exemplos para aferir sua tese de corpo vivido.

E contraditoriamente, esses exemplos servem para que afirme que "todos estes fatos provam que a anatomia não forma setor autônomo do ser pessoal. O próprio esquema corporal não passa de mera abstração..."⁵⁹

Finalmente declara:

"Na realidade meu corpo é, para mim, a primeira ordem da experiência; subministra-me por sua constituição, a mais originária reserva de significações vividas...não instrumento distinto de mim, mas sim matéria prima de meu ser no mundo..."⁶⁰

Ambíguo, na tentativa de objetivar uma realidade do corpo enquanto unidade, permanece dual e espiritualista.

58 GUSDORF, George, *op. citada*, pg. 294.

59 IDEM, *ibidem*, pg. 296.

60 IDEM, *ibidem*, pg. 297.

Ao identificar o espírito no corpo, utiliza-se de valores eminentemente psicanalíticos, estes sim, em nenhum momento negados; a relação de *si* para *consigo* aparece como seu maior incentivo.

Seu ser é um ser que se realiza no conhecimento de *si*, tendo em *si* todas as respostas, psicanaliticamente identificáveis, para seu comportamento. A experiência é algo mecânica e a historicidade algo que se acrescenta ao corpo vivido. São contidas em seu corpo.

Ao não mais encontrar-se no outro, como Marcel e Sartre, mas ao reconhecer-se a *si* mesmo sem entrar nos conflitos, evidentes em Merleau-Ponty, quando não aceita a possibilidade do corpo ver a *si* como objeto, a mente reconhece o corpo como seu igual, ou vice versa, mas são individualizados neste reconhecimento.

Para o "metafísico, cioso da existência humana em sua totalidade, o corpo define a camada mais imediata, que dota o ser humano de suas características básicas. Esta tomada de terra impõe à existência, em todo seu desenvolvimento ulterior, características essenciais, todas elas marcadas com o sinete da *finitude*; confere contingência à realidade humana mesmo na ordem biológica, na qual introduz a contribuição congenita da hereditariedade, a saúde e a doença, o nascimento e a morte, encontra-se ao nível do intelecto, onde a encarnação introduz os limites do erro... enfim, o ser encarnado implica a participação na história, também ela fonte de servidão, de sofrimento e de morte; a contingência da história prolonga e utiliza a contingência do corpo, visto determinar o ser humano estilizando-o."⁶¹

O corpo do ser participa de contingências, que assim colocadas, são externas a ele. A encarnação introduz no ser

61 IDEM, *ibidem*, pg.299.

limites de ordem biológica, introduz no ser limites intelectuais e implica a contingência da história.

~~Não fora a encarnação e o ser não teria limites~~ biológicos, intelectuais ou temporais. A encarnação, portanto, se sobrepõe ao ser, limitando-o, é um fardo que a entidade ~~ser~~ carrega submetendo-o às contingências biológicas, históricas, etc.

"A encarnação como finitude, é condição de exercício de humanidade...

O corpo não limita o ser, no sentido negativo e restritivo, mas delimita-o num **sentido positivo.**"⁶²

O corpo para Gusdorf, efetivamente não é o ser, mas seu *limite*.

Embora acrescente às teses desenvolvidas por Marcel, Sartre e Merleau-Ponty na afirmação do ser como unidade, principalmente quando se dispõe a contrapor as colocações daqueles, a todo momento na sua definição de ser idealiza um ser infinito num corpo finito, uma entidade definitivamente dual.

"Nada há de ininteligível nem de escandaloso nesta passagem do corpo ao espírito, uma vez que cada vida pessoal renova esta promoção da inconsciência orgânica à consciência, e depois da consciência à reflexão."⁶³

Uma entidade dual que busca a passagem do corpo ao espírito, do ser cuja verdade só é alcançada com a ultrapassagem dos limites que lhe foram impostos com a encarnação. O ser encarnado se conscientiza numa relação e

62 IDEM, *ibidem*, pg.299.

63 IDEM, *ibidem*, pg.299.

solução de ordem psicanalítica, de *si* para consigo, onde se individualiza, no contexto social, ao mesmo tempo que dele se isola tanto no nível imediato quanto histórico. Um ser que prescinde de toda sociabilização.

O ser orgânico, cumprindo uma dialética socrática na afirmação da essência do ser, não é mais socrático, porque individualizado na presença de *si* mesmo.

Se em Gusdorf ao tecer conjecturas sobre as afirmações de Marcel, Sartre e Merleau-Ponty, fica claro uma tendência a uma solução histórico-materialista, fica claro também que é exatamente por não querer ceder a esta solução que define o ser como uma individualidade que prescinde do seu processo de relação com os outros seres, face ao que não poderia em nenhum momento ser individual, uma vez que seria produto da totalidade dos indivíduos na sua relação com o mundo.

Esta opção pela individualidade, faz com que perca a possibilidade da singularidade, que seguramente evitaria seus conflitos e contradições. Embora manifeste seu repúdio à preconceção como determinadora de um discurso, é muito a preconceção com que se estende sobre a dialética, nas poucas oportunidades em que o fez, que parece determinar sua escolha na definição que adota de corpo.

O que observamos, todavia, nessas discussões, e já anteriormente comentado, é que o corpo enquanto realidade física intransponível pela argumentação vazia que tenta explicá-lo, adquiriu nobreza, se não na primazia frente ao

pensamento, pelo menos na ordem dos argumentos que passam a ser utilizados para desvendá-lo.

Essas proposições deixam de utilizar-se de categorias firmadas no universo do pensamento e, intencionalmente, arregimentam eficazes suposições que fazem parte do fisicamente mensurável, do mundo material.

É notável como a partir desse momento cabe ao movimento ou as estruturas perceptivas do movimento o importante papel de sustentar a razão corporal, seja sob a ótica do corpo próprio, seja sob a ótica do corpo vivido.

Importa pouco que essa prova de materialidade não supere a mecanicidade que lhe é imposta pelo idealismo intrínseco dos que a utilizam como argumento. Importa sim, que a evidência, mesmo maculada, não mais será descartada.

Sob o ponto de vista da psicologia genética, ou, mais precisamente, da psicologia dialética de Wallon, conforme exposto por Heloisa Dantas, "o movimento, a princípio, desencadeia e conduz o pensamento. O controle do gesto pela idéia inverte-se ao longo do desenvolvimento".⁶⁴

"Assim é que, para Wallon, o ato mental — que se desenvolve a partir do ato motor — passa em seguida a inibi-lo, sem deixar de ser atividade corpórea."⁶⁵

Outro representante da psicologia genética, comentado por Marta Kohl, Vigotsky, afirma que "o indivíduo humano, dotado de um aparato biológico que estabelece limites e possibilidades para seu funcionamento psicológico, interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real dadas pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento,

64 DANTAS, Heloisa, *Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência*, in Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão, SP, Summus Editorial, 1992, pg.41.

65 IDEM, *ibidem*, pg.38.

internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento".⁶⁶

Sartre, como já foi citado, declara que a cinestesia é a causa da consciência, e mesmo Gusdorf a infere como condição para a consciência. Essas suposições equiparam-se às de Wallon quando este afirma que o movimento, a princípio, desencadeia e conduz o pensamento.

O movimento é anterior à consciência. A consciência é resultante da relação corpo↔mundo através do movimento que a reflete como um espelho.

Ocorre que tanto em Wallon, quanto em Vygotsky a questão do movimento tem dimensão primariamente histórica e social, o movimento, a consciência, o ser⁶⁷, é constantemente engendrado por aqueles valores ao tempo que os engendra e modifica.

Mais que causa ou efeito na formação da consciência, a cinestesia não é um dado pré-determinado com ação passiva na construção do homem.

Não basta descobrir o homem como possuidor de processos físicos comprometidos na condição da consciência, mas entender que nosso comportamento é construído. Se constitui no tempo e no espaço vivido.

66 OLIVEIRA, Marta Kohl de, *Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos*, in Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão, SP, Summus Editorial, 1992, pg.24.

67 Em algumas ocasiões anteriores a esta, mas principalmente nos capítulos que se seguirão, o verbete *ser* será utilizado como sinônimo de *homem*, atitude que tem a intenção de reconhecer o homem como uma totalidade, independente do grau de conhecimento acumulado que se possa ter dele num momento dado.

Não podemos levar em consideração, na tentativa de formalizarmos conceitos sobre essa consciência, apenas o ser terminado, completamente definido, seja filogênica ou ontologicamente, com uma organização anatômica passiva na intermediação do corpo com o ambiente.

O corpo é matéria, matéria que diferenciou-se do meio em função do movimento, e tendo dele se apropriado desenvolveu-se, transformou-se e transformou o meio. Por ação mútua organizou-se, com a intermediação do movimento, de modo a formular pensamentos, posteriormente, organizadores de seu movimento e de sua ação.

O pensamento se funda na matéria em movimento.

O corpo é matéria pensante.

Não podemos levar em consideração, na tentativa de formalizarmos conceitos sobre essa consciência, apenas o ser terminado, completamente definido, seja filogênica ou ontologicamente, com uma organização anatômica passiva na intermediação do corpo com o ambiente.

O corpo é matéria, matéria que diferenciou-se do meio em função do movimento, e tendo dele se apropriado desenvolveu-se, transformou-se e transformou o meio. Por ação mútua organizou-se, com a intermediação do movimento, de modo a formular pensamentos, posteriormente, organizadores de seu movimento e de sua ação.

O pensamento se funda na matéria em movimento...

O corpo é matéria pensante.

CAPÍTULO II

O corpo enquanto resultado de um processo em desenvolvimento

O ser é determinado pela sua realidade física desenvolvida sob um contexto social específico.

A discussão sobre o ser só pode ser considerada adequada quando traça ou investiga caminhos de possibilidades para o seu processo, iniciando as perguntas ou os questionamentos à sua objetivação e subjetivação nas referências físicas e biológicas que permitem sua ação sob e sobre o meio que o circunstancia.

Sob o princípio materialista, do homem sendo construído historicamente na sua relação com o meio, pela intermediação de seu movimento, é importante que se objetive seu corpo, sua estrutura corporal e suas possibilidades de movimento, responsáveis pela especificidade de suas relações, e — uma vez afirmado que o pensamento se funda na matéria em movimento — de seu pensar.

Da especificidade desse desenvolvimento cuidará este segundo capítulo.

Em apostila utilizada em aula do curso "Aproximacion a la temática psicologica", oferecido em 1977 no Estudio Patricia Stokoe, o professor Guillermo Blanck, a título de introdução ao conceito de atividade psíquica e sua determinação, relatou a história de duas crianças que haviam crescido entre animais selvagens.

Por interessante, faz-se a transcrição traduzida de parte da história relatada na apostila citada:

"O fato ocorreu na Índia. Transcorria o ano de 1920. Um grupo de pessoas realizava uma viagem por povoados isolados e esparramados pela selva indiana. Entre eles viajava um homem chamado Zingg. Zingg era responsável por um albergue infantil e percorria periodicamente as aldeias, para recolher crianças abandonadas. Levava-as para o albergue e ali, com a ajuda de sua esposa, as alimentava e educava.

Quando Zingg chegou a aldeia de Godamur, os moradores lhe pediram que os livrassem de alguns *fantasmas* com corpo humano e uma cabeça horrível que estavam rondando a região. Zingg acalmou os assustados moradores e lhes prometeu esclarecer o fenômeno.

No dia seguinte, montou-se, numa árvore próxima ao lugar em que os fantasmas haviam sido vistos, um tablado. Perto da árvore havia um pequeno monte com várias entradas e saídas. Transcorridas algumas horas, ao entardecer, um lobo apareceu em uma das entradas do esconderijo. Atrás dele saíram uma loba, dois lobinhos e os dois fantasmas. Zingg pôde ver com seus binóculos que não só o corpo, mas também as cabeças dos fantasmas eram humanas.

Passadas vinte e quatro horas, Zingg e os moradores começaram a destruir o esconderijo. O primeiro a sair foi o lobo, que se refugiou na selva. A loba atacou as pessoas e tiveram que matá-la. Quando abriram o suficiente a entrada do esconderijo, puderam ver em seu interior os dois lobinhos e, em uma atitude mais agressiva, os dois fantasmas. Eles os recolheram e os transportaram para a aldeia, onde uma jaula foi improvisada. Zingg devia prosseguir seu caminho e deixou as criaturas aos cuidados dos aldeões. Quando regressou, ao fim de uma semana, encontrou-os desfalecidos: os moradores, assustados, haviam abandonado a aldeia deixando-os sem alimentos nem água.

Zingg conseguiu salvá-los e os conduziu a seu albergue. Logo depois de lavá-los e cortar-lhes o cabelo, Zingg e sua esposa comprovaram que eram meninas. Chamaram Kamala à maior, que teria aproximadamente oito anos, e Amala à menor, de cerca de dois anos de idade. Exceto eles, ninguém sabia a procedência real das crianças.

As meninas -a rigor não o eram, como veremos- apresentavam em seus corpos a impressão que lhes havia deixado a convivência com os lobos. Havia-se alimentado regularmente de carne crua. Seus maxilares, especialmente em Kamala, haviam tido um grande desenvolvimento, correspondente à hipertrofia dos seus músculos mastigatórios e algumas peculiaridades de sua dentadura. Kamala destroçava facilmente, sem a ajuda das mãos, grandes pedaços de carne crua e fibrosa como nem um adulto poderia fazê-lo.

Deslocavam-se se arrastando de joelhos e se apoiando nas mãos ou corriam de gatas. Eram totalmente incapazes de se manterem na posição vertical sustentando-se sobre os pés. Não podiam endireitar-se pela grande adaptação que haviam sofrido suas articulações para que pudessem andar de gatas. Seus membros superiores não exerciam funções preensais, só realizavam a função de extremidade de apoio.

Porém o que mais surpreendia aos seus observadores não eram estas características, mas sim as particularidades de suas condutas. Levavam um gênero de vida noturno, sofriam de uma acentuada fotofobia: fugiam da maneira como podiam da luz e, por isso, permaneciam, durante o dia, escondidas em abrigos escuros ou dormiam, como as feras, tombadas uma sobre a outra.

Ao entardecer, empreendiam uma notável atividade. Quando tinham fome, cheiravam o lugar onde costumavam receber sua comida. Tinham o sentido de olfato notavelmente desenvolvido. Não bebiam, no sentido estrito da palavra, tomavam a água a linguadas, postas de quatro. Comiam da mesma maneira.

Não se lhes ouviu mais que um som: um uivo alto, penetrante e prolongado, à maneira dos lobos. Repetiam este som exatamente às mesmas horas: às dez da noite e à uma ou duas da madrugada. Resistiam a toda intenção de aproximação com outras crianças, eram agressivas e tratavam de fugir. Resistiam de todos os modos a serem banhadas. Arrancavam quantas roupas lhes fossem postas, de modo que os Zingg se viram obrigados a atá-las.

Durante os primeiros meses, os Zingg não notaram nenhum sinal de emoções, consciência ou pensamentos, no sentido com que habitualmente designamos com estes

termos a estas propriedades dos seres humanos. A única coisa que as inquietava era a necessidade de alimentos.

Estas criaturas, ainda que geradas de uma mulher, não eram meninas no sentido próprio desta palavra. Tanto pelo tipo de alimentação como pelo modo de deslocar-se, assim como pelo caráter de sua conduta e sua atitude frente ao meio social, humano. Eram meninas-lobas, animais superiores sem nenhum detalhe de atividade psíquica.

Os Zingg se propuseram convertê-las em seres humanos comuns. A maior dificuldade para alcançar esse objetivo era a sólida estruturação de seus sistemas reflexos, por sua convivência com os lobos; isto era, como esperado, mais notável em Kamala. Desde os primeiros momentos os Zingg procuraram familiarizá-las com a linguagem e o trato humanos. A senhora Zingg falava sem cessar com elas, porém isto foi, em realidade, um monólogo por vários anos. Com grande trabalho, foram acostumando-as à vida diurna e, apesar de suas resistências, faziam com que participassem de jogos coletivos com os outros pequenos do albergue.

Como a comida consistia na principal atração das criaturas, a senhora Zingg lhes oferecia uma certa variedade de alimentos que ao mesmo tempo eram designados por seus nomes. Certo tempo depois, Kamala aprendeu a apontar com a mão o que desejava receber. As tentativas de que pudessem adotar uma atitude bípede fracassavam sistematicamente.

Após um ano, Amala faleceu de nefrite. Este acontecimento foi um golpe muito forte para Kamala. Não se separava do cadáver, tentava movê-la, fazê-la brincar, abria lhe os olhos. Quando de alguma maneira compreendeu o que havia ocorrido, pôs-se a chorar amargamente. Esta foi a primeira emoção humana que se observou em Kamala.

Em três anos, Kamala aprendeu a compreender o que lhe diziam, não mais fugia com a aproximação das outras crianças e se afeiçoou à senhora Zingg. Um dia que esta se ausentou, Kamala se negou a comer, porém quando o Sr. Zingg lhe disse que ela logo voltaria, Kamala se alimentou.

Depois de três anos de estadia no albergue, Kamala pronunciou os primeiros vocábulos, que significavam *sim* e *não*. Aos cinco anos, chegou a ter um vocabulário de umas quarenta palavras, embora fosse muito reticente em pronunciá-las. Sua máxima aquisição foi a pronúncia de uma frase como a que se segue: um dia que a senhora Zingg regressou depois de uma ausência pouco usual, Kamala, ao vê-la, lançou-se ao seu encontro correndo de quatro -pois só assim o fazia- gritando 'mamãe voltou'. Chegou a articular frases breves deste tipo durante brincadeiras com outras crianças, com as quais já se dava muito bem.

Inclusive chegou a adquirir algumas representações elementares de quantidade. Uma vez a senhora Zingg lhe havia dado um biscoito. Kamala não o comeu. À hora do chá, quando se sentou à mesa com as outras crianças, a senhora Zingg disse que cada um poderia servir-se de dois biscoitos apenas. Kamala, que havia colocado sobre a mesa o biscoito recebido anteriormente, quando chegou sua vez, pegou apenas um biscoito que juntou ao que já tinha.

Tendo-se convertido num ser humano, com todas as limitações que descrevemos, por sua convivência social de nove anos no albergue, Kamala faleceu, também de nefrite, em novembro de 1929. Nesta data Zingg considerava que Kamala havia chegado, no que se refere ao desenvolvimento intelectual, ao nível de uma criança de cinco anos.

Os oito anos de sua vida à margem da sociedade haviam impedido o desenvolvimento de uma atividade psíquica em uma menina que, potencialmente, estava dotada com as premissas necessárias para tê-lo. Pelo contrário, haviam dado à menina um estilo de vida animal e representaram um grande freio para adquirir uma atividade psíquica com um desenvolvimento intelectual normal quando as condições de vida se tornaram favoráveis para isto. É esta a conclusão fundamental a que chegamos quando analisamos o caso de Kamala e Amala.⁶⁸

68 GUILLERMO BLANCK, Julio, *La determinacion social de la actividad psiquica especificamente humana*. Aula dada no curso de 'Aproximacion a la tematica psicologica', em 23.04.77. Estudio Patricia Stokoe. B.A. Argentina.

Guillermo Blanck utiliza essa história para ilustrar como a ausência de experiências sociais interferem, a ponto de impedir o desenvolvimento de atividades psíquicas e intelectual, em seres potencialmente dotados. Entretanto, a todo momento, encontramos em sua exposição descrições das posturas e dos movimentos efetuados pelas irmãs meninas-lobas. Essas descrições não deixam dúvidas quanto a interferência sofridas por aquelas estruturas corporais face as experiências de movimento que tiveram.

Os movimentos descritos eram o resultado visual de uma série de experimentações, aprendizados e adestramentos neuro-músculo-esqueléticos, geradores de um organismo condicionado aos movimentos que efetuava num determinado momento, tanto na forma quanto no modo como os efetuava. De fato, como ocorre com qualquer outro indivíduo.

Não basta ao homem uma estrutura corporal potencialmente capaz de cumprir movimentos humanos, se lhe falta a história de seu movimento, se lhe falta o gerenciamento de seu aprendizado no seio da sociedade que o constituiu, se lhe falta a experiência social humana de movimento.

Dentro da perspectiva de recuperar, sucintamente, a história natural, material do movimento humano, é oportuno recordar-se alguns aspectos da história do homem.

O homem, um elemento de caráter universal

Num primeiro momento é importante que se identifique o homem enquanto um elemento de caráter universal.

Uma das teorias da formação do Universo, a do "Big Bang", situa sua origem numa enorme explosão ocorrida entre 20 e 15 bilhões de anos atrás, a partir de um estado de concentração de matéria existente num espaço que caberia na ponta de uma agulha.

Outros dados estimam que, a partir daí, a Via Láctea teria se originado há 10 bilhões de anos, o Sistema Solar há 5 bilhões, a Terra há 4,8 bilhões, as rochas superficiais antigas há 1,5 bilhões de anos, os primeiros sinais de vida há 1 bilhão de anos, os mamíferos há 130 milhões de anos, o homem há 1 milhão de anos e o *Homo sapiens* há 100.000 anos, num processo crônico, complexo e interdependente de reorganização da matéria e da energia existentes no universo. O homem um aspecto específico dessa reorganização.

Os animais e as plantas atualmente existentes (e as numerosas espécies extintas) compreendem uma grande variedade de formas progressivamente mais complexas, desde os unicelulares até os vertebrados superiores. "... a história dos animais e plantas sobre a terra tem consistido em um processo de continua evolução orgânica que teria produzido as espécies existentes. (...) admite-se que os seres vivos atuais sejam descendentes modificados, porém diretos de outras espécies que viveram em épocas geológicas anteriores."⁶⁹

Assim sendo:

"... toda a evolução se produz em relação ao ambiente, inclusive o ambiente biológico e suas mudanças. Trata-se de um processo universal de adaptação, embora esta possa assumir as mais variadas formas, que vão desde o ajustamento material das partes do

69 STORER, Tracy L, *Zoologia General*, Barcelona, Ediciones Omega, 1968, p.317.

complexo gênico entre si, até o desenvolvimento de órgãos elaborados, servindo a fins biológicos específicos.

Por outro lado, nenhum componente do processo evolutivo pode ser compreendido a não ser em referência aos demais. A origem do cavalo não é um fenômeno isolado, deve ser estudada em relação à irradiação adaptativa dos mamíferos placentários, às mudanças climáticas durante o período cenozóico, ao processo de especiação em outros grupos, à ecologia geral do período, à velocidade segundo à qual a seleção pode transformar o complexo gênico.⁷⁰

No caso do homem, pode-se dizer que ele é um SER ANIMADO, como o são as bactérias e as plantas; do REINO ANIMAL, como o são as amebas, os moluscos e os insetos; do PHYLUM CORDATA, como os tunicados e o anfioxus; do GRUPO CRANIATA (VERTEBRATA), como as lampréias; do SUBPHYLUM GNATOSTOMOS, como os peixes; da SUPERCLASSE TETRAPODE como a rã e o jacaré, da CLASSE MAMMALLIA, como o ornitorrinco; da SUBCLASSE THERIA, como o canguru; da INFRACLASSE EUTHERIA, como o morcego; da ORDEM PRIMATA, como o lemur; da SUBORDEM ANTHROPOIDEA, como o babuíno e o mandril; da SUPERFAMÍLIA HOMINOIDEA, como o gorila, o chimpanzé e o orangotango; da FAMÍLIA HOMINIDAE, como o *Pithecanthropus erectus*, do GÊNERO HOMO, como o *Homo Neanderthalensis*, da ESPÉCIE SAPIENS.⁷¹

O homem é, portanto, a nível de espécie, o resultado da evolução, de milhões de anos, de formas de vida que o antecederam na escala de desenvolvimento dos seres vivos.

70 HUXLEY, Julian, *O Processo Evolutivo*, in Gioconda Mussolini, Evolução, Raça e cultura, SP, Editora Nacional, 1974, p.23.

71 Informações colhidas em Tracy I. Storer e Robert L. Usinger, *Zoologia Geral*, SP, Cia Editora Nacional, 1977.

Uma forma mais poética, coreográfica até, seria dizer que o *Homo sapiens* é a síntese de uma "memória" adicionada, desde a origem, de novos elementos, diferenciando-se a cada momento daquele que caminhava ao seu lado no processo evolucionário, e mantendo, daquele que o antecedeu, as informações necessárias para a sua sobrevivência momentânea como espécie.

Uma espécie que para se adaptar, isto é, se objetivar enquanto homem, transforma o ambiente em que vive e a si próprio.⁷²

Resultados diretos do Big-Bang, como tudo que existe.

A evolução cósmica abrindo espaço à evolução geológica, esta à evolução orgânica e esta à evolução social.

O *Homo sapiens* conquistou nesse processo evolutivo um esquema corporal específico e um movimento, também específico, correspondente a esse esquema corporal.

Foi citado anteriormente que o indivíduo em movimento é o resultado visual de uma série de experimentos, aprendizados e adestramentos: um organismo condicionado aos movimentos que efetua num determinado momento, na forma e no modo como os efetua. Esses adestramentos ultrapassam a simples referência à

72 Essa visão da evolução das espécies não pretende privilegiar nenhuma teoria antropológica, sejam estas evolucionistas ou partidária das macromutações. Não se trata de privilegiar a sucessão e o acúmulo versus a desordem e a descontinuidade, o caos. A evolução das espécies deve ser entendida como experimentos relacionados ao meio. Sob este aspecto não há sentido em se trabalhar com o dogma de organismo mais ou menos evoluído de *per si*, mas sim com a idéia de um organismo capaz de superar as condições dadas pelo meio ambiente, resultando em sucessões sempre mais evoluídas que a forma precedente, mantendo como estatuto dessa afirmação a relação dialética indivíduo $\Leftrightarrow$ meio.

esfera física, como resultado do desenvolvimento de uma estrutura orgânica, e se realizam em esferas ecológicas, — que precedem, simultaneizam e sucedem a um soma⁷³ específico — e em esferas sociais nas quais ele se insere real ou virtualmente. São historicamente determinados.⁷⁴

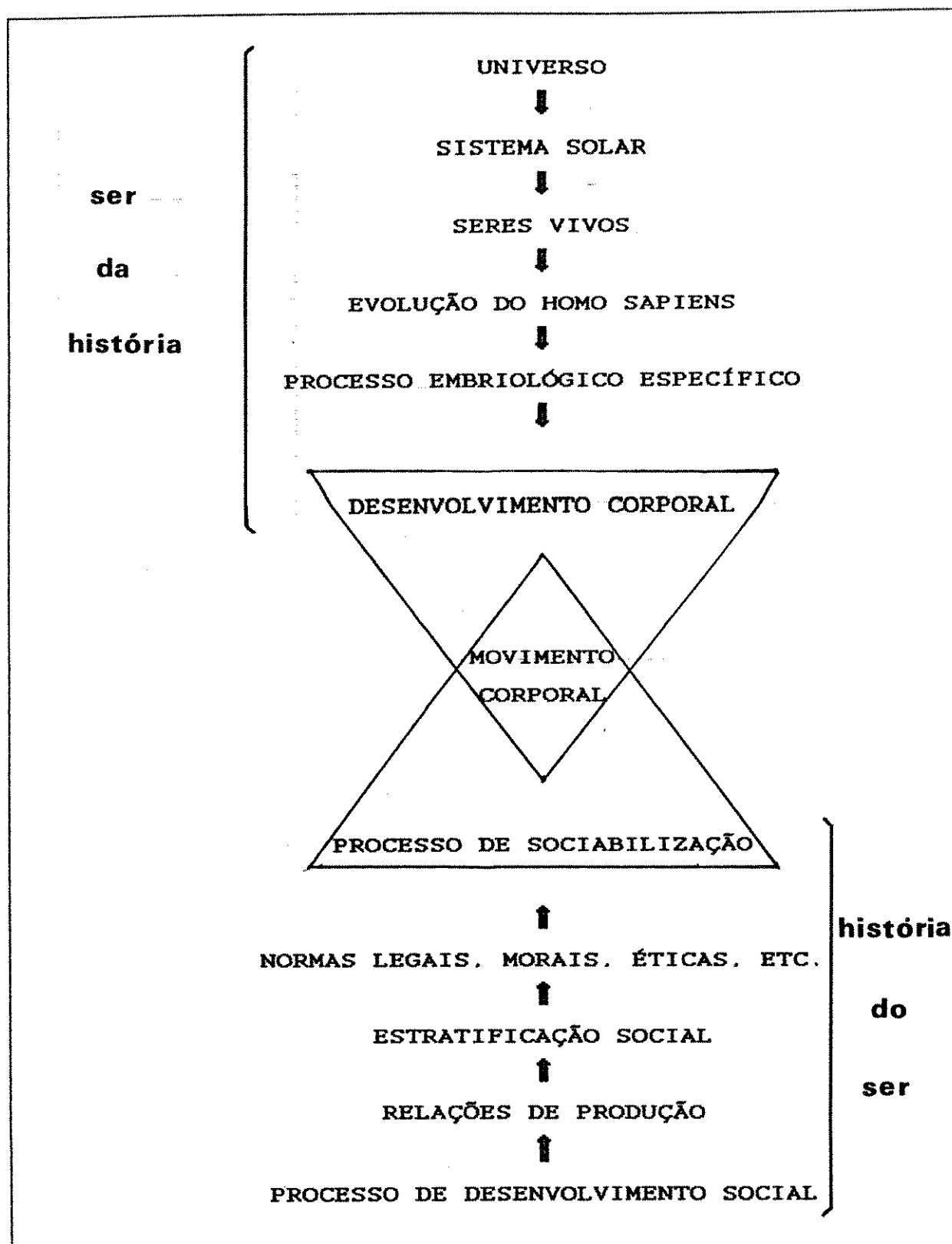
O movimento de um indivíduo num determinado momento, depende, de um lado, da linha evolutiva de sua espécie, de seu próprio desenvolvimento como embrião, feto, etc., e, de outro lado, de como esse indivíduo se insere no universo de normas legais, morais, éticas que o cercam e aos seus antecedentes, e da maneira como se relaciona com elas: em passividade, em submissão, em rebeldia, em aceitação ativa ou passiva, em inaceitação ativa ou passiva. (Quadro I)

Se fosse possível rastrear estes processos, o produto final da somatória desta busca seria o levantamento de sua genealogia somática e social, no que concerne ao movimento, singularizado em suas ações.

Na impossibilidade de tratar as peculiaridades de cada indivíduo, algumas generalizações se fazem necessárias.

73 Conjunto de tecidos do corpo vivo que mantém e transmite o germe, elemento de perpetuação da espécie. (Conforme Dicionário Novo Aurélio-1985)

74 O mundo contemporâneo com suas divisões de poder características, criou pólos de dominância claramente relacionados a esse poder. Do indivíduo maturado sob estes pólos de dominância digo terem inserção real à uma determinada esfera social. Por outro lado várias regiões apresentam-se ainda num estado de aparente distância das razões emanadas destes pólos de dominação, embora sofram sua permanente influência, seja por sonharem os sonhos que lá nascem, seja por viverem os pesadelos que de lá resultam. Dos indivíduos aí maturados digo terem uma inserção virtual.



Quadro I - Esquema das interdependências do processo de movimento corporal

Heranças evolutivas

A primeira dessas generalizações diz respeito às heranças evolutivas do *Homo sapiens*, esboçadas apenas o suficiente para levar-nos à linha desejada.

As primeiras entidades orgânicas vivas foram, provavelmente, estruturas proteicas livres em um caldo nutriente. Essas estruturas precederam as estruturas unicelulares com envoltório definido (membrana celular), que por sua vez foram sucedidas por organismos pluricelulares de maior complexidade organizados simbioticamente, com grupos celulares especializados em funções ou grupos de funções definidas.

Esse organismo pluricelular ganhou um eixo dorsal precedendo aos que, como os peixes, já apresentavam uma coluna vertebral definida. Os peixes foram seguidos dos anfíbios que já apresentavam projeções ou membros locomotores especializados. Os répteis com pernas e braços curtos, semi-flexionados com a parede abdominal próxima ao chão, sucederam aos peixes e foram por sua vez seguidos do aparecimento dos mamíferos.

A evolução mamífera gerou, num de seus ramos, os primatas que paulatinamente foram adotando uma postura ereta e bípede, com membros superiores e inferiores mais estendidos que seus antecessores, até o surgimento do gênero *Homo*.

Nesse processo evolutivo, uma série de razões para algumas relações musculares apresentadas pelos atuais *Homo*

sapiens surgidos nos últimos 100.000 anos de vida sobre a Terra podem ser inferidas.

A atenção sobre algumas modificações estruturais, possibilita um melhor entendimento sobre a importância dessas relações.

Observe-se inicialmente a coluna, a cintura pélvica, e a caixa torácica.

A coluna passou de uma forma em C, que lhe garantia estabilidade e sustentação, na posição horizontal, para uma forma em S, que lhe garante estabilidade e sustentação na posição vertical.

Essa elevação da coluna ocorreu por um reforço na musculatura da região paravertebral dorsal, criando uma força de sustentação dirigida para baixo no sentido nuca-cóccix. Ao mesmo tempo para equilibrar essa tensão posterior para baixo e criar uma plataforma de sustentação perpendicular a este eixo o quadril sofre uma bascula anterior às custas da musculatura abdominal anterior e lateral.

Essas forças ajudam na verticalização da coluna e projetam os tubérculos isquiáticos para baixo, apontando-os em direção ao chão.

A tensão anterior tem direção púbis-externo tendendo a se equilibrar continuamente com a tensão posterior.

Num primeiro momento, para evitar que a bascula posterior do quadril provoque a dobradura do corpo para a frente à procura de uma posição quadrúpede e num segundo momento, para evitar que a força que eleva a coluna continue a

forçar a coluna no sentido da hiperextensão (flexão para trás), dando prosseguimento à intenção da coluna de afastar-se do chão. (Figuras 1a e 1b)

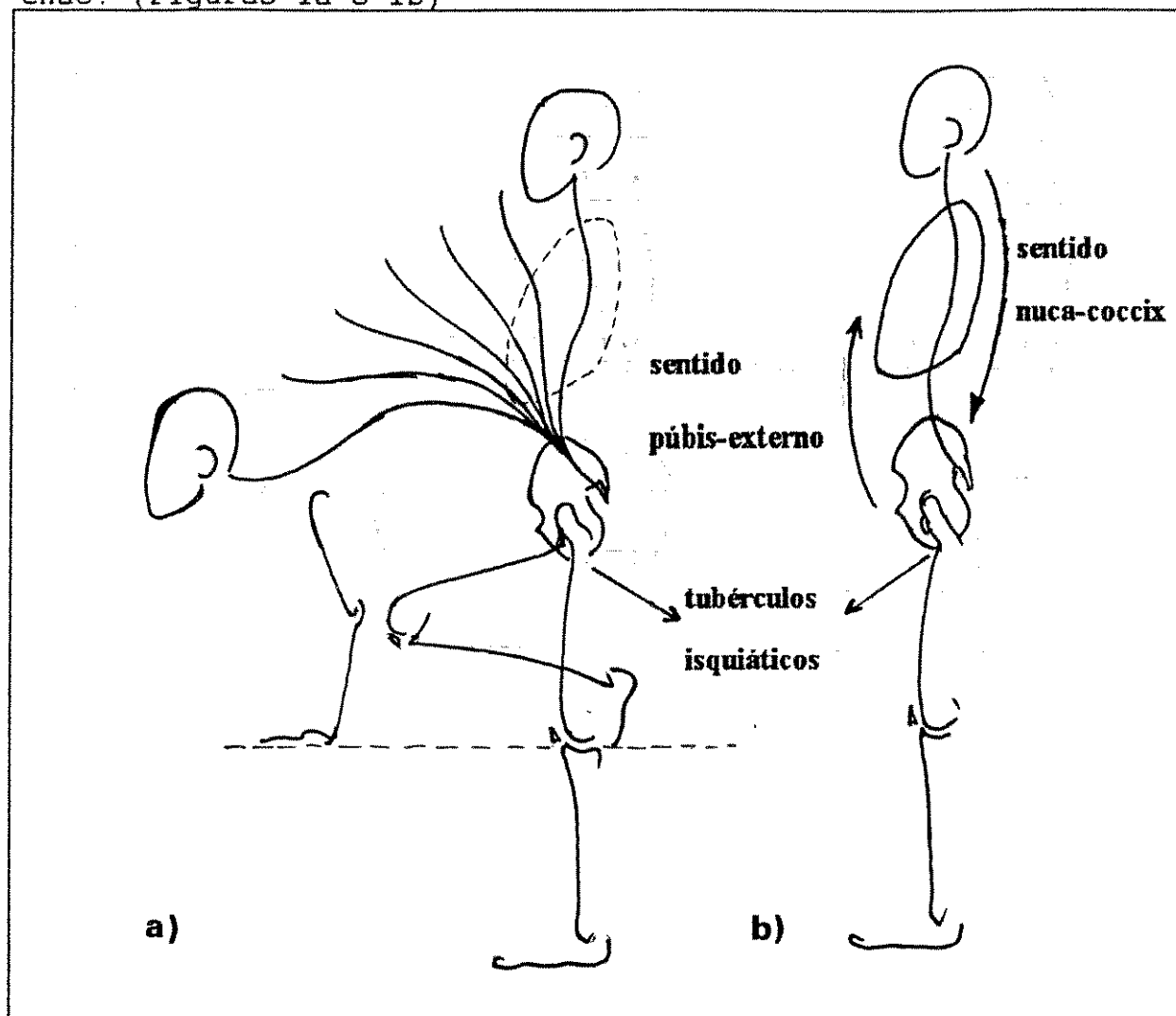


Figura 1 - Processo de elevação da coluna na evolução do homem.

Acompanhando a elevação da coluna o tórax mudou seu sentido de maior expansibilidade de antero-posterior para latero-lateral, evidenciando uma tendência, no homem, para a lateralização de seus movimentos e ao mesmo tempo liberando a musculatura abdominal anterior para a tensão necessária ao equilíbrio do quadril. (Figura 2)

Observando-se as modificações ocorridas na região da cintura escapular mais claro se manifesta a tendência a lateralização antes referida.

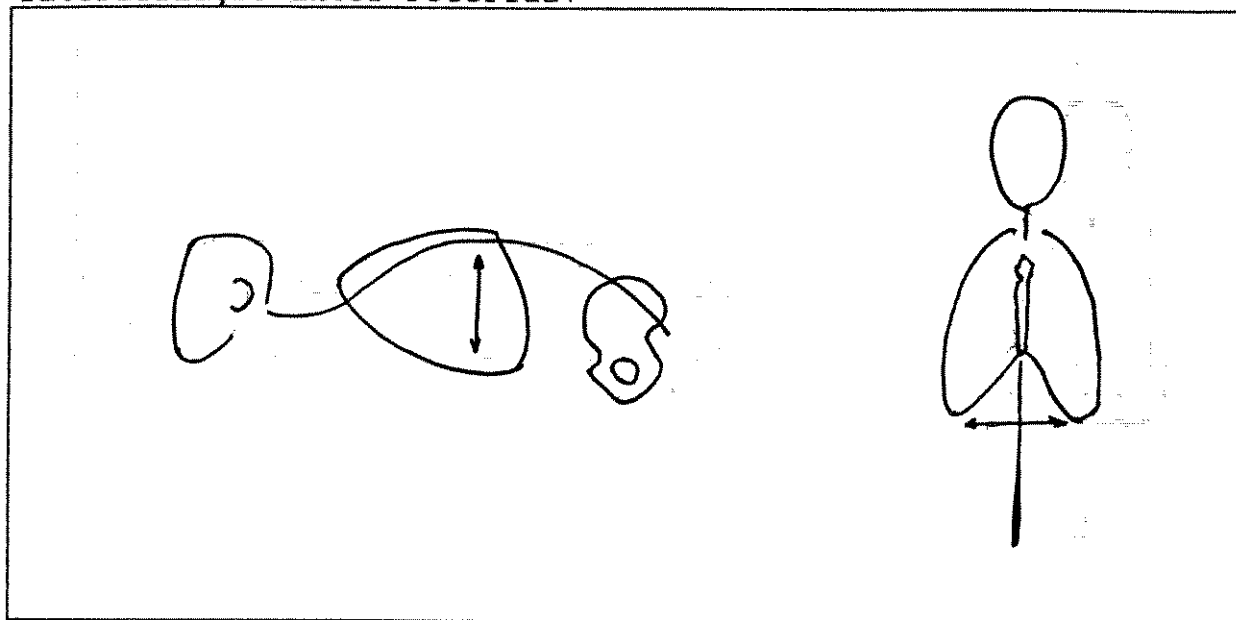


Figura 2- Mudança no sentido de maior expansibilidade torácica do quadrúpede para o bípede.

As escápulas inicialmente estão situadas lateralmente ao tronco com um desenvolvimento incipiente, ligando-se a membros superiores curtos e fletidos, os cotovelos para fora, os ossos do segmento distal (antebraço) soldados entre si, as "mãos" apontando para dentro e o conjunto todo em franca rotação interna.

O afastamento gradativo da parede abdominal do chão, solicita uma extensão dos membros superiores e essa extensão é possibilitada por uma rotação externa de todo o conjunto, as "mãos" apontando para a frente.

Posteriormente, já na fase primata, as mãos saem do chão e iniciam os movimentos laterais, as omoplatas correm para as regiões posteriores do tronco, a cintura escapular, como um

todo, cresce e se desenvolve, permitindo amplos movimentos dos membros superiores para os lados e para trás. Nesse momento é nítida a extensão e a rotação externa relativa destes apêndices. (Figura 3)

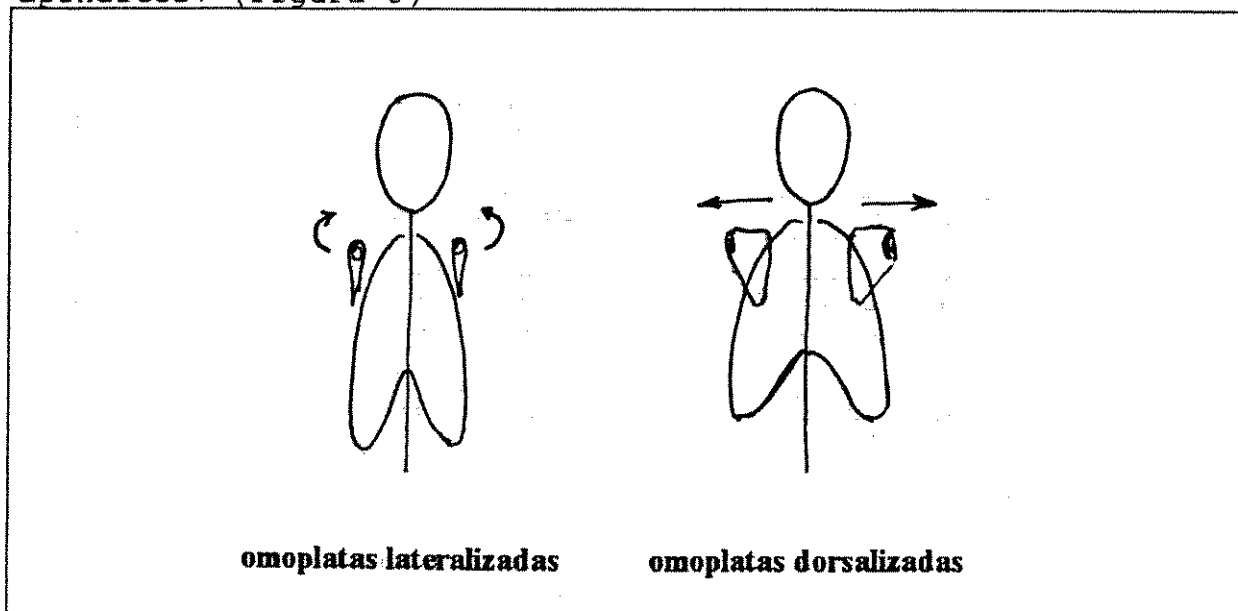


Figura 3 - Modificação da localização das omoplatas no quadrúpede e no bípede.

O trabalho dos membros superiores que o primata é obrigado a desenvolver nas árvores (braquiação), transforma a capacidade de sustentação da cintura escapular, que agora se dá em situação de completa abertura lateral, transmitindo ao tronco um reforço extra à sua capacidade de sustentação na posição ereta.

Acompanhando essas mudanças, o quadril, antes também pouco desenvolvido, evolui com o crescimento de duas grandes asas laterais, onde se fixarão os músculos responsáveis pela extensão do fêmur sobre o quadril e, portanto, pela impulsão do tronco sobre a perna no processo de locomoção. As pernas evoluem de uma posição em flexão com os joelhos apontando para

fora e os pés também seguindo essa tendência, para uma posição de extensão total com os joelhos e os pés apontando para a frente. O peso do corpo, na postura ortostática repousa sobre o metatarso, a borda externa e o calcanhar. (Figura 4)

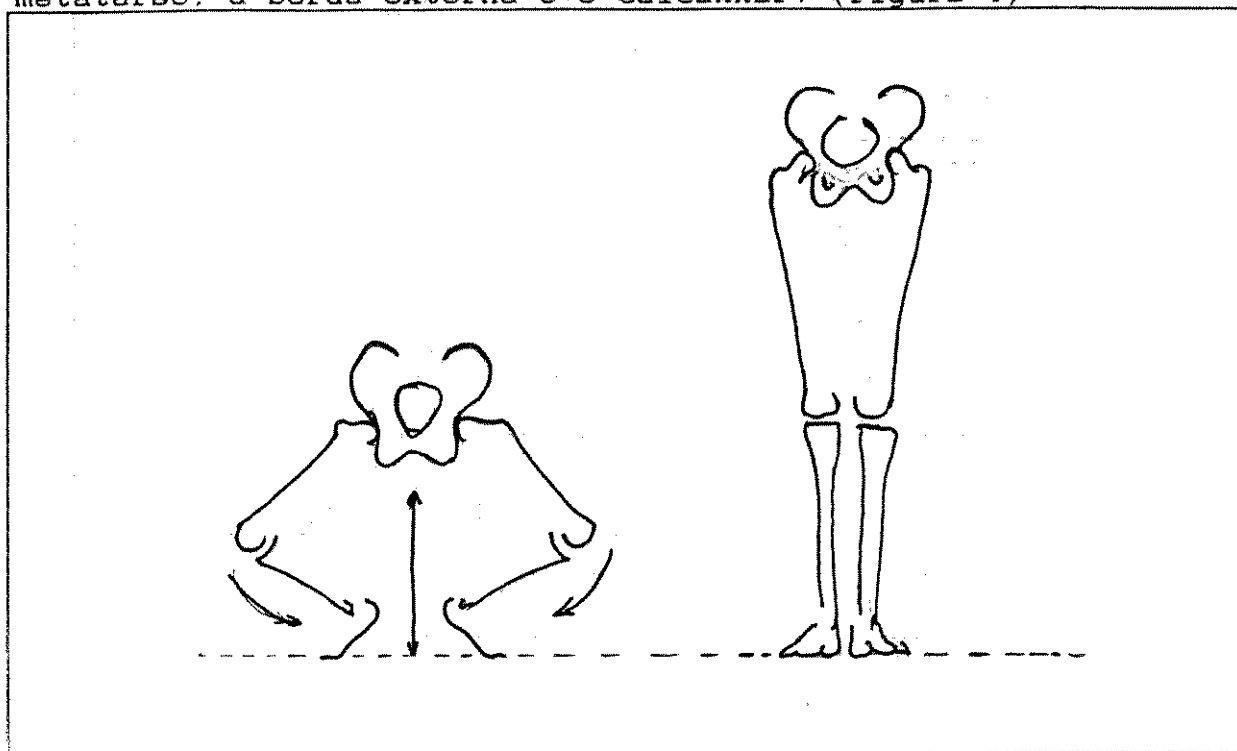


Figura 4 - Modificações na posição dos membros inferiores da posição em flexão para a posição em extensão.

A resolução do impulso que membros inferiores e membros superiores criam para a sustentação ou locomoção do corpo, é a força criada pelas relações musculares que descreve um caminho espiral, como se os membros durante estes processos de sustentação ou impulso tendessem a uma rotação externa. Essa afirmação é verificável tanto nos braços quanto nas pernas. A confirmação é obtida quando, partindo de uma posição fletida de qualquer um dos quatro membros, e mantendo a extremidade contra uma superfície de apoio, distancia-se o corpo desta superfície. O movimento deve ser lento, para que se possa observar as

mudanças que ocorrerão, e deve ser executado até o final, quando o toque com a superfície é apenas virtual. Nessa situação percebe-se que o membro sofreu do começo do movimento até seu final uma rotação externa evidente. (Figura 5)

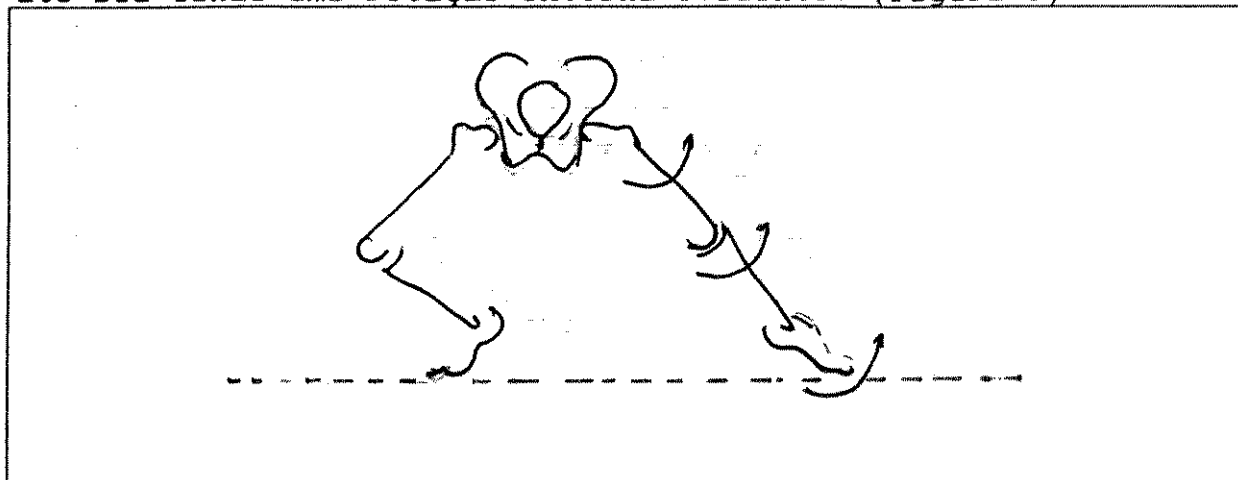


Figura 5 - Esquemática da direção das forças atuantes nos MMII (membros inferiores) em movimentos de impulsão.

Esta força dos membros, em espiral, tendendo à rotação externa cria mais um reforço à posição ereta da coluna. Esta afirmação pode ser melhor entendida na situação adiante descrita: ponha-se uma boneca de pano em posição semelhante a quadrúpede, gire-se lentamente suas pernas em rotação externa, o tronco tende à posição ereta, vertical, sobre as pernas. Se por outro lado as extremidades giradas forem os braços, também em rotação externa, a tendência do tronco a ficar ereto, leva-o a um posicionamento sob os ombros, tal o caráter das forças exercidas em ambos os casos.

A cabeça cumpre papel extremamente importante nas relações de movimento do corpo. Nela encontram-se os centros neurológicos e os órgãos dos sentidos mais recentes. Atentando para o processo evolutivo verifica-se que durante toda a

evolução a região craniana procura um posicionamento que lhe permita encontrar-se em posição de melhor observação do mundo que a rodeia. O princípio da vida de relação se dando por intermediação dos sentidos que o homem possui, leva ao entendimento que o posicionamento da cabeça enquanto região beneficiária desses sentidos é prima na sua relação estrutural. As relações musculares mantidas entre o crânio e o tronco reforça a hipótese de que a situação relativa da cabeça rege todas as relações musculares intentando sempre um melhor posicionamento, capaz de permitir a melhor observação e o melhor contato, segundo a intenção que estimula o movimento.

Esta assertiva é particularmente observável no caso da visão. A princípio o olhar é sempre dirigido para a frente em relação à caixa craniana. Essa direção foi mantida, embora tivesse havido uma modificação da direção da coluna, em relação ao chão e ao olhar. Ao mesmo tempo em que o olho evolui de uma visão monocular para uma visão binocular, a cabeça, de uma posição anterior ao tronco e horizontal em relação à coluna, vai assumindo uma posição superior, diminuindo o ângulo formado entre ela e o queixo. (Figura 6)

Esquemáticamente as forças decorrentes das relações musculares perceptíveis quando se observa o Homo sapiens, enquanto processo evolutivo forma↔movimento, estão delineadas nas figuras que se seguem. (Figuras 7a e 7b)

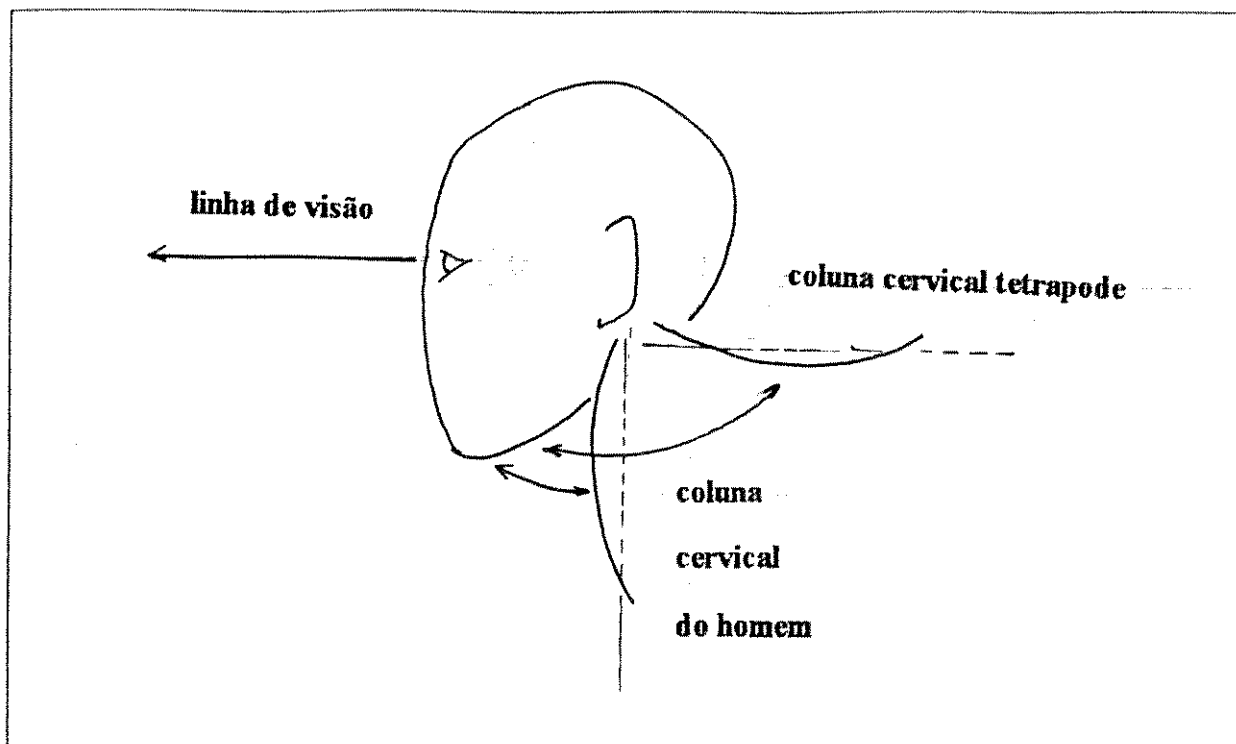


Figura 6 - Manutenção da linha da visão e modificação relativa da posição da cabeça para a coluna cervical

Estas forças compõe um visual que poderia ser chamado de intenção postural do *Homo sapiens*. O apoio sobre os pés sendo mantido por uma relação muscular em rotação externa nos MMII, por uma báscula postero-anterior na colocação do quadril, por forças musculares verticais dorsais e ventrais, na coluna, por uma rotação externa dos MMSS (membros superiores) agindo sobre a cintura escapular e pela colocação da cabeça sobre a coluna em uma situação que tende a manter a visão (a linha da visão), perpendicular à coluna.⁷⁵

⁷⁵ As considerações relativas as alterações evolutivas e posturais sofridas pelo homem foram, em parte, baseadas nas obras: Zoologia Geral; Anatomia Comparada dos Vertebrados; Zoologia General; Biologia-Genética, Evolução e Ecologia; Evolução, Raça e Cultura; Cinesiologia Aplicada. Todas estão citadas na bibliografia ao final desta dissertação.

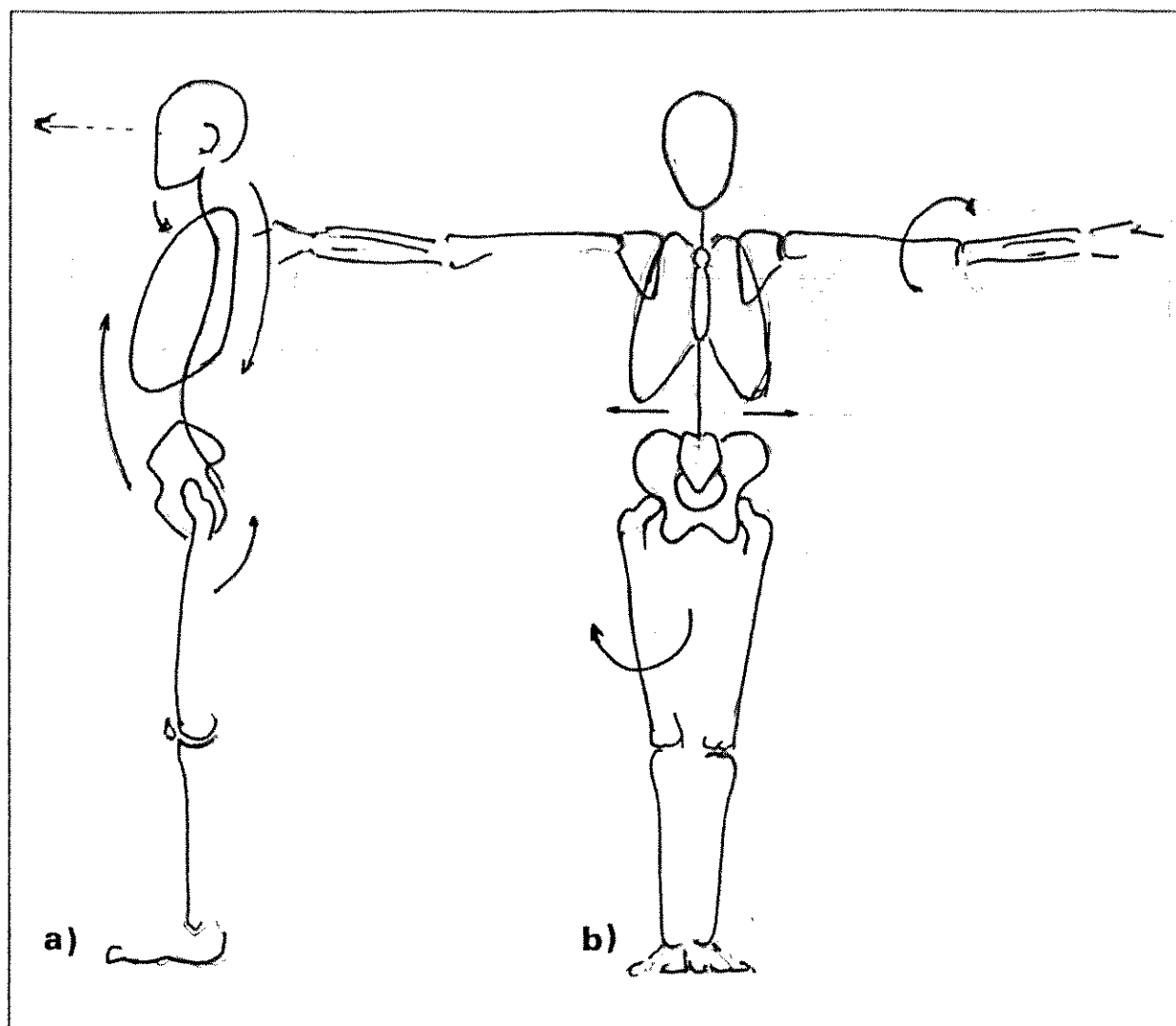


Figura 7 - Esquematisação da direção das forças que agem sobre o corpo na intenção de mantê-lo ereto, na posição ortostática.

A interferência da força da gravidade

Uma segunda generalidade que interfere nas relações singulares de movimento são as forças físicas externas contra as quais temos de nos opor para cumprir um deslocamento. A principal força externa atuante sobre nós, assim como sobre todas as partículas de massa do Universo, pela sua constância e direção, é a força de gravidade.

Força de gravidade é a força de atração que cada partícula de massa do universo exerce, mutuamente uma sobre a outra. Varia proporcionalmente à massa e inversamente à distância entre as partículas.

Na superfície da Terra, em virtude de sua massa consideravelmente grande, da distância pequena que guardamos em relação à ela, da enorme distância que estamos de outros corpos celestes, e ainda da pequena massa que constitui os corpos móveis sobre a sua superfície, força de gravidade é a força com que nosso planeta atrai todos os corpos em direção ao seu centro.

Essa força atua sobre toda a extensão de massa do corpo afetado. Entretanto, considera-se, por facilitação didática, que esta atração se dá ou é exercida sobre o centro de gravidade dos corpos a ela submetidos.

Centro de gravidade seria a região física, adimensional, puntiforme onde se concentraria toda a massa do corpo em questão.

Essas afirmações escondem duas outras assertivas.

1ª) todo corpo sobre a superfície do planeta só se movimenta se a força que implica neste movimento for superior à força exercida pela atração gravitacional.

2ª) todo movimento de um corpo implica em deslocamento de seu centro de gravidade⁷⁶, seu centro de massa.

Embora o corpo humano movimente-se eventualmente às expensas de forças externas a ele, será considerado nesta

⁷⁶ Doravante será mencionado pela sigla CG.

Algumas destas relações podem ser visualizadas atentando-se para o CG.

CG é a região que concentra a massa de um corpo, e o movimento de um corpo é sempre o movimento de seu CG. Mesmo o movimento feito pelos dedos da mão em um indivíduo deitado, com o restante de seu corpo "imóvel", implica no movimento e deslocamento de seu centro de gravidade.

Sob essas afirmações serão abordadas algumas relações particulares do movimento.

Para que uma bola de chumbo de dez kilos de peso possa ser mantida a altura de um metro do chão, dois métodos podem ser utilizados.

1ª) Ela poderia ser empurrada para cima com uma força, adequada ao cumprimento do desejo acima expresso, aplicada embaixo da bola.

2ª) Ela poderia ser puxada para cima com uma força adequada sendo exercida na parte superior da bola. (Figura 8)

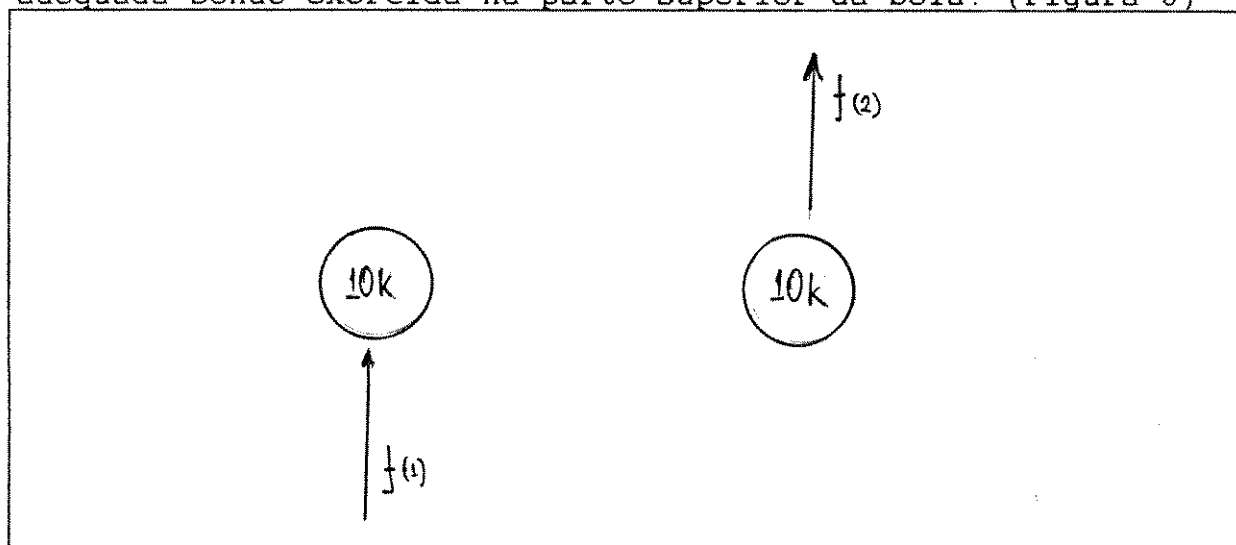


Figura 8 - Modo de aplicação das forças que agem sobre uma massa qualquer.

Ou ela é empurrada, ou ela é puxada.

Nos dois casos a resultante da força que mantém a massa de chumbo suspensa, tem direção para cima, foge da terra, é antigravitária.

Outro modo seria a aplicação dos dois componentes ao mesmo tempo, empurrando-a por baixo e puxando-a por cima, diminuindo dessa maneira a quantidade de força necessária em cada um dos componentes utilizados.

Aplicando-se esses princípios ao ser vivo, considere-se de início que seu peso se concentra no seu CG.

Um quadrúpede, como os ancestrais distantes do homem, tem seu centro de gravidade localizado no tronco e sustentado por quatro apoios. As forças externas tendem a abaixar seu CG, aproximando sua barriga do chão. O que deve ser feito para que a postura seja mantida?

Este quadrúpede utiliza-se de sua musculatura para criar as seguintes relações:

a) a musculatura que se encontra sob o CG, trabalhará "empurrando-o" para cima.

b) a musculatura que se encontra acima do CG, trabalhará "puxando-o" para cima.

As forças agem de maneira semelhante ao modo como atuaram sobre a bola de chumbo. (Figura 9)

O ser humano tem dois apoios e seu CG, quando na posição ortostática, ocupa uma região entre as cristas ilíacas. Nessa posição tem-se as seguintes relações:

passagem apenas as forças criadas internamente, ou seja, aquelas que se manifestam sob a forma de contrações musculares na geração de impulsos que modifiquem a situação anterior do corpo.

Um corpo estará tão mais propenso à imobilidade quanto mais estável estiver seu CG e tão mais propenso ao movimento quanto menos estável estiver seu CG.

O processo evolutivo nos fornece uma associação imediata às afirmações ora esboçadas.

O ascendente humano que mantinha todo seu tronco contido num meio denso, portanto apoiado em toda a sua superfície corporal, transformou-se num indivíduo que em terra mantinha apenas a superfície ventral apoiada, mudou para uma postura com quatro apoios e na sua última fase evolutiva passou a uma postura com dois apoios inicialmente fletidos e depois estendidos.

A estabilidade inicial do CG foi sendo paulatinamente substituída por uma grande instabilidade, uma grande quantidade potencial de movimento.

Esse processo entretanto não é circunstancial, mas progressivo, somatório, e desde sua ancestralidade mais remota o homem experimentou a atração da gravidade como um fator impeditivo de seu movimento. Foi sob esse impedimento constante que se fizeram e foram modificadas suas relações anatómicas — articulares, ósseas, musculares, neurológicas, vegetativas, etc. — e é ainda sob esse impedimento que hoje o homem se coloca ereto e se locomove.

a) As pernas e a musculatura componente da cintura pélvica trabalharão empurrando-o para cima.

b) O tronco, os componentes da cintura escapular e os braços trabalharão puxando-o, também para cima.

Se num dado momento esse humano assumisse uma posição quadrúpede, suas relações musculares teriam que assumir as relações válidas para o quadrúpede.

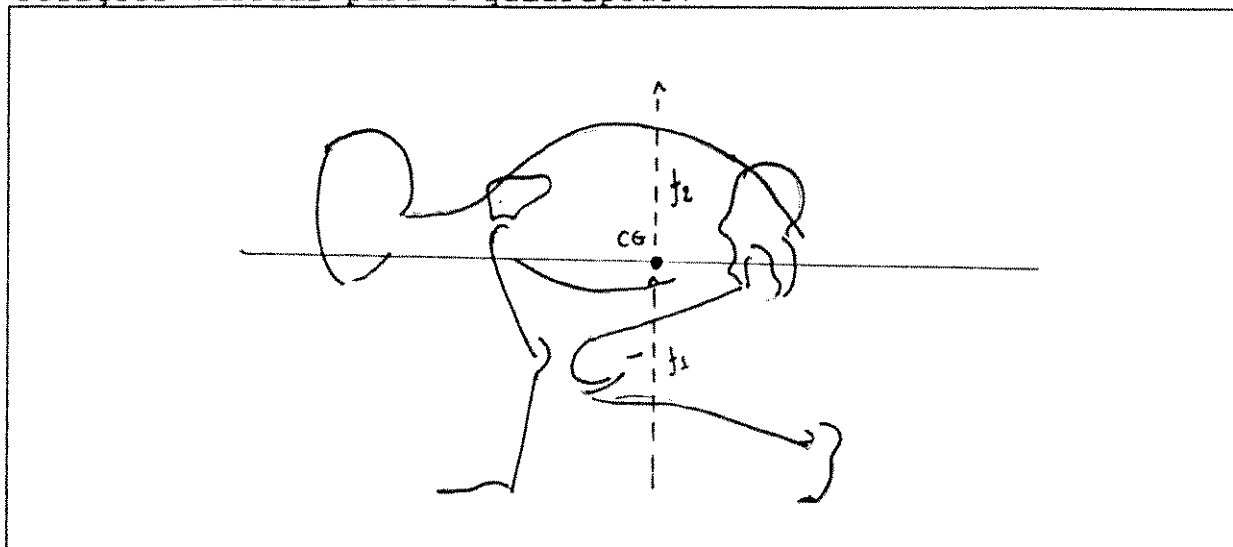


Figura 9 - Modo de atuação das forças antigравitárias no quadrúpede.

Generalizando esses dados, em qualquer postura assumida pelo homem sua sustentação estará se garantindo com forças antigравitacionais que se manifestam desta maneira: as musculaturas que se encontram abaixo do CG empurram-no para cima, as que se encontrarem acima puxam-no. (Figura 10)

Se a musculatura abaixo do CG parar de empurrá-lo para cima o restante da musculatura não conseguirá sustentá-lo e o corpo tenderá a se aproximar do chão. Se a musculatura acima cessar seu trabalho haverá sobrecarga para a musculatura que se encontra abaixo e o corpo tenderá a se aproximar do chão.

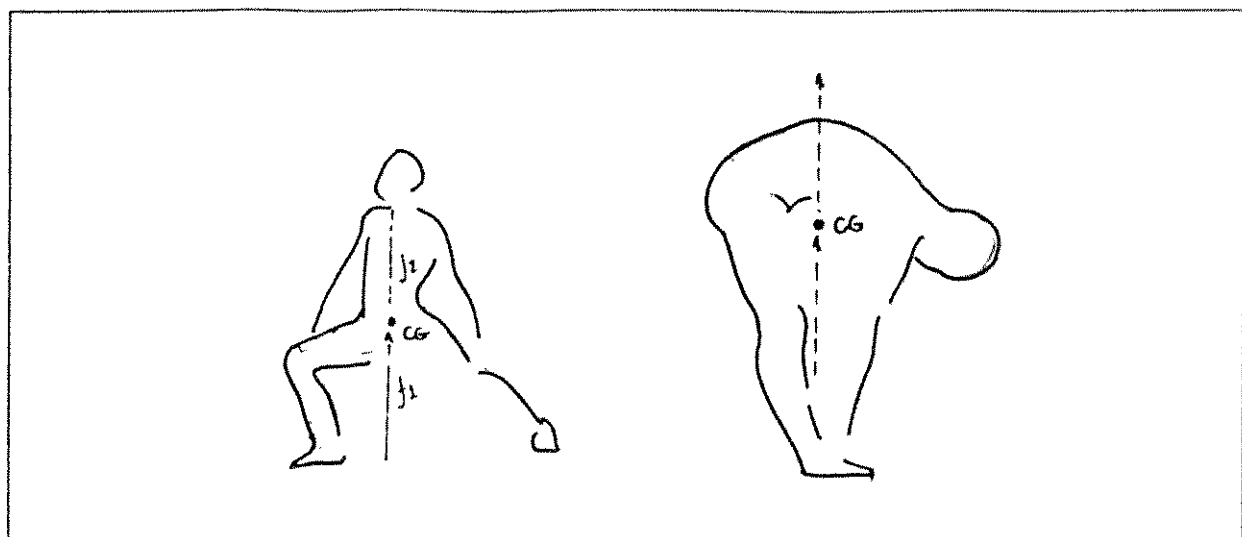


Figura 10 - Modo de atuação das forças antigravitárias no homem.

Essa aproximação do chão se dará incorporando uma tendência a assumir posturas primitivas, na nossa escala evolutiva, como é possível inferir. Por outro lado a manutenção das forças acima expostas implicam em relações musculares que corroboram as relações descritas como evidenciáveis no processo evolutivo, o que é lógico porque são visões compartimentadas do mesmo fato.⁷⁷

As heranças embriológicas

Dentre as outras generalidades que compõem o entendimento do movimento humano, merecem comentário aquelas que podem ser melhor elucidadas quando vistas sob o ponto de vista embriológico.

⁷⁷ As considerações relativas ao Centro de Gravidade foram, em parte, baseadas nas obras: Cinesiologia Aplicada; Anatomie por le mouvement; Anatomia Comparada dos Vertebrados; Fisiologia Articular-Esquemas comentados de mecânica humana, todos devidamente citados na bibliografia ao final desta dissertação.

O desenvolvimento do embrião é parte integrante do processo evolutivo de uma espécie, é seu final, o momento em que cada espécie experimenta a capacitação de sua gênese.

Já foi dito, e não é de toda inverdade, que durante o processo de desenvolvimento o embrião repete todo o processo evolutivo. A verdade está nas comparações e nos paralelismos que se pode fazer desse desenvolvimento com o processo evolutivo.

O primeiro indício de uma nova vida é o ovo embrionário, célula única formada pela união do gameta masculino e feminino. (Figura 11a)

Essa célula, após várias divisões mitóticas, forma um indivíduo multicelular de componentes celulares indiferenciados com forma discóide. (Figura 11b) Esse disco, mitoses seguidas adiante, assume aspecto fusiforme. Neste momento aparece em sua região dorsal um cordão que tem função de eixo longitudinal primitivo. (Figura 11c) Suas bordas laterais se dobram para baixo, descrevendo um círculo, e se fundem fechando esse círculo e dando ao embrião um aspecto cilíndrico. (Figuras 11d,e)

Surgem gomos na região dorsal desse cilindro que continua a se desenvolver tanto em diâmetro quanto em comprimento. (Figura 11f)

Lateralmente surgem dois pares de brotos, nas posições superior (ou anterior) e inferior (ou posterior), que se desenvolvem mantendo uma relação inicial perpendicular ao corpo do cilindro. (Figura 11g)

Esses brotos são os futuros braços e pernas do feto e a projeção perpendicular destes mostra os cotovelos "olhando" para os joelhos. (Figura 11h)

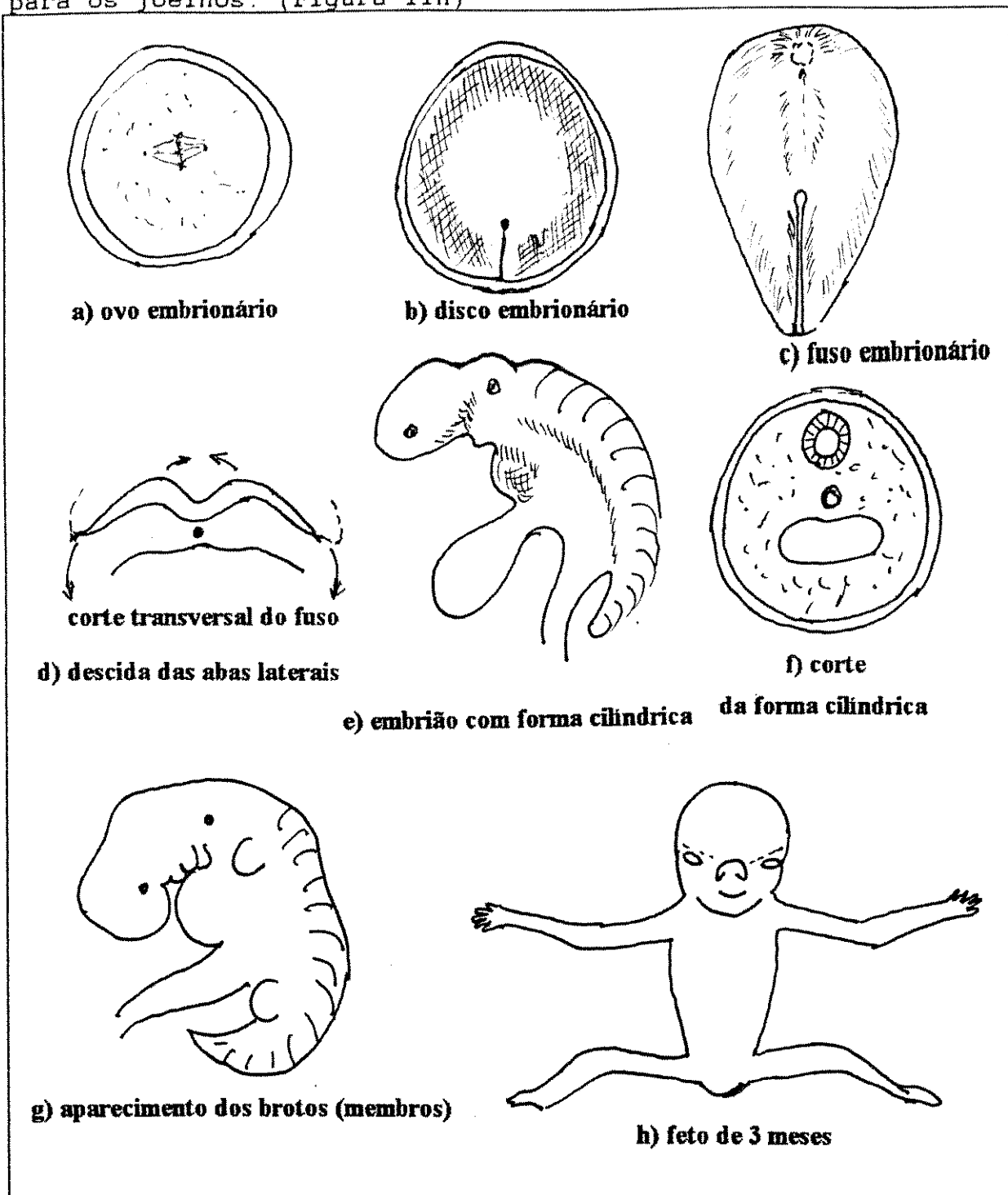


Figura 11 - Esquematização do processo de desenvolvimento embriológico do homem.

No momento em que os membros iniciam seu desenvolvimento dá-se também a diferenciação dos ossos e dos músculos em grupos celulares específicos (em torno da quinta semana de vida intrauterina).

Na oitava semana de vida intrauterina o embrião tem cerca de 30 mm de tamanho longitudinal e aspecto de um homúnculo. (Figura 12)

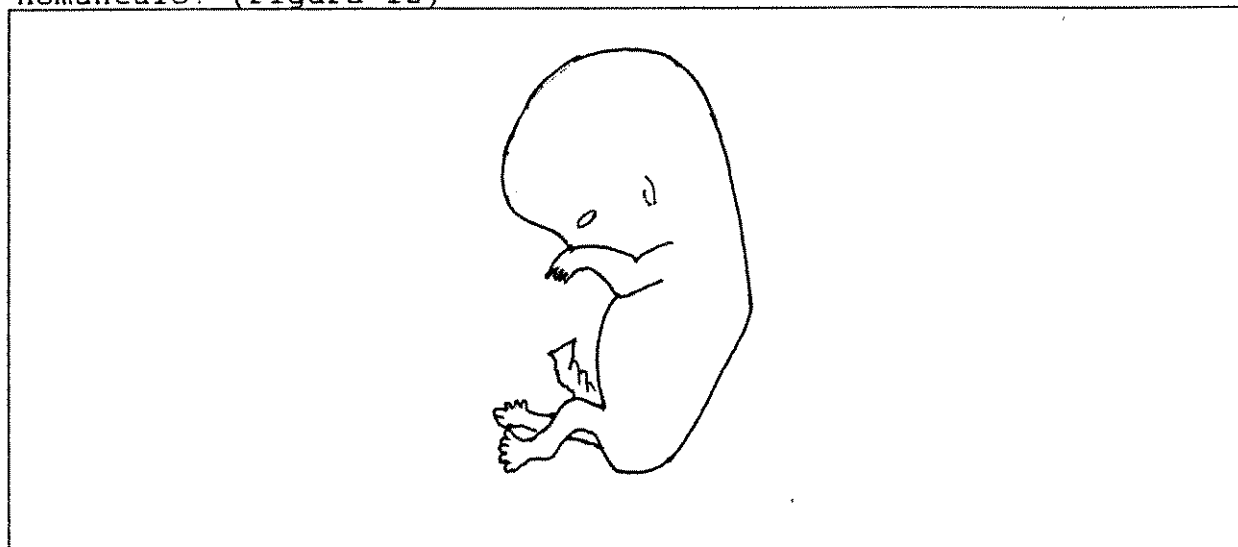


Figura 12 - Embrião de 8 semanas (aproximadamente 30mm)

As primeiras comparações podem ser feitas. Um ser unicelular, transforma-se num ser multicelular, ganha um eixo longitudinal dorsal e desenvolve membros pareados dois a dois ao longo de seu corpo.

A observação de vários embriões de diferentes grupos vertebrados mostra que, externamente eles só se distinguirão um do outro após certo grau de maturação. É possível distinguir antes os embriões de peixe, depois os de anfíbios, a seguir os de répteis, depois os de aves e mamíferos, depois

individualizaremos os primatas e mais adiante saberemos se o feto é de um homem ou de um chimpanzé.

Seu desenvolvimento, entretanto, guarda outras semelhanças: os arcos branquiais, estruturas embriogênicas, que dão origem a várias estruturas na região do pescoço e da cabeça, se assemelham a estruturas adultas de outras espécies primitivas; os rins do embrião são inicialmente idênticos aos rins de peixes, posteriormente se atrofiam e são substituídos pelos rins evoluídos da espécie *Homo sapiens*; a genitália tem um aspecto inicial hermafrodita e a via de excreção é uma cloaca semelhante ao de peixes, anfíbios e de aves, só posteriormente se diferenciam em aparelhos femininos e masculinos e óstios excretorios urinário e intestinal.

Nesse sentido o embrião humano faz uma verdadeira viagem ao passado até o momento em que a estrada de seu desenvolvimento define-se como aquela que desemboca no *Homo sapiens*, a única que lhe cabe, porque já estava gravada em seus genes.

Essa descrição, fornece várias razões para o atual movimento humano. Prescindindo-se, por objetividade, das minúcias em favor de fatos visivelmente preciosos nessa observação, alguns aspectos do desenvolvimento muscular e osteo-articular merecem comentários.

Os gomos, citados como aparentes na região dorsal do embrião, são projeções externas de massas musculares em formação sob a pele.

Quando as abas laterais do fuso caminham circularmente para baixo, formando um cilindro, carregam consigo “línguas” ou bordas destes gomos musculares, fazendo com que a musculatura se desenvolva com características essencialmente circulares no tronco. O processo final mostra, também, duas colunas musculares longitudinais na região dorsal, e duas colunas musculares longitudinais na região ventral. A da região dorsal é volumosa e bem definida, responsável que será pela sustentação da posição ereta do indivíduo que está sendo formado. (Figuras 13a,b)

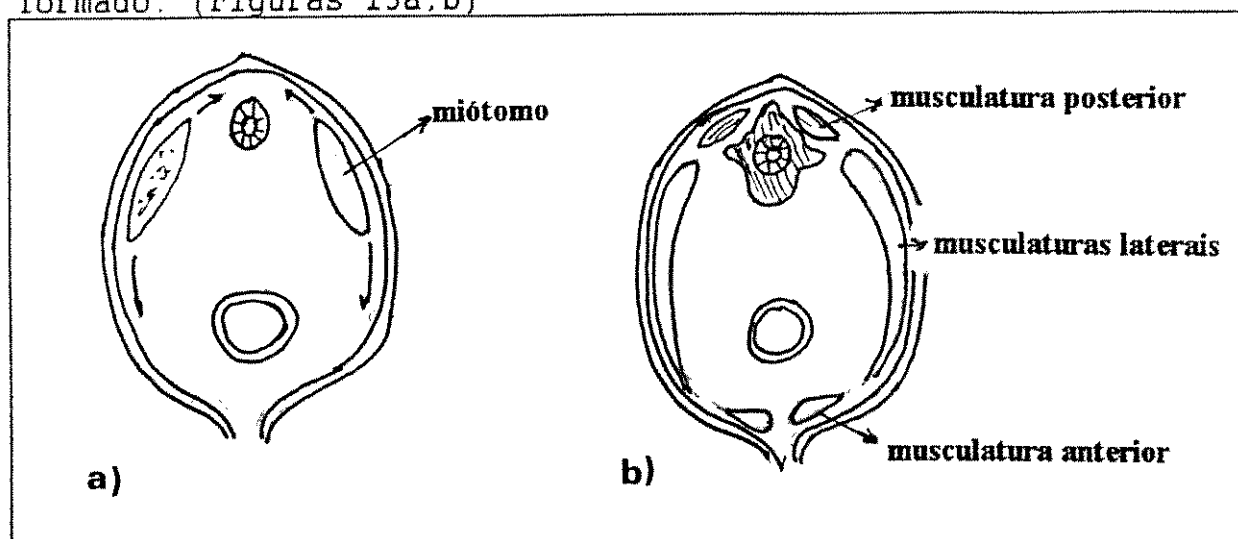


Figura 13 - Aspecto esquemático do desenvolvimento das massas musculares no tronco

Os brotos dos membros crescendo em angulo reto, a partir das laterais desse cilindro, “carregam” consigo, na região em que brotam, cintas musculares que adotarão uma distribuição longitudinal nos membros. (Figura 14)

Podemos a partir daí construir um primeiro esboço da distribuição da musculatura no corpo humano. (Figura 15)

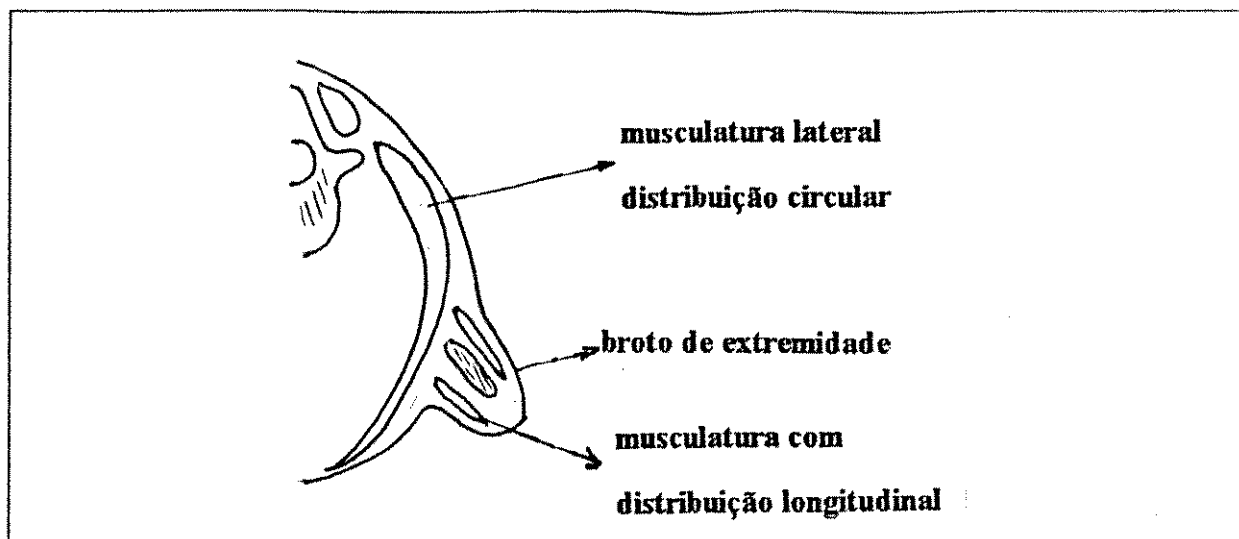


Figura 14 - Esquema do aparecimento da musculatura nos membros do embrião.

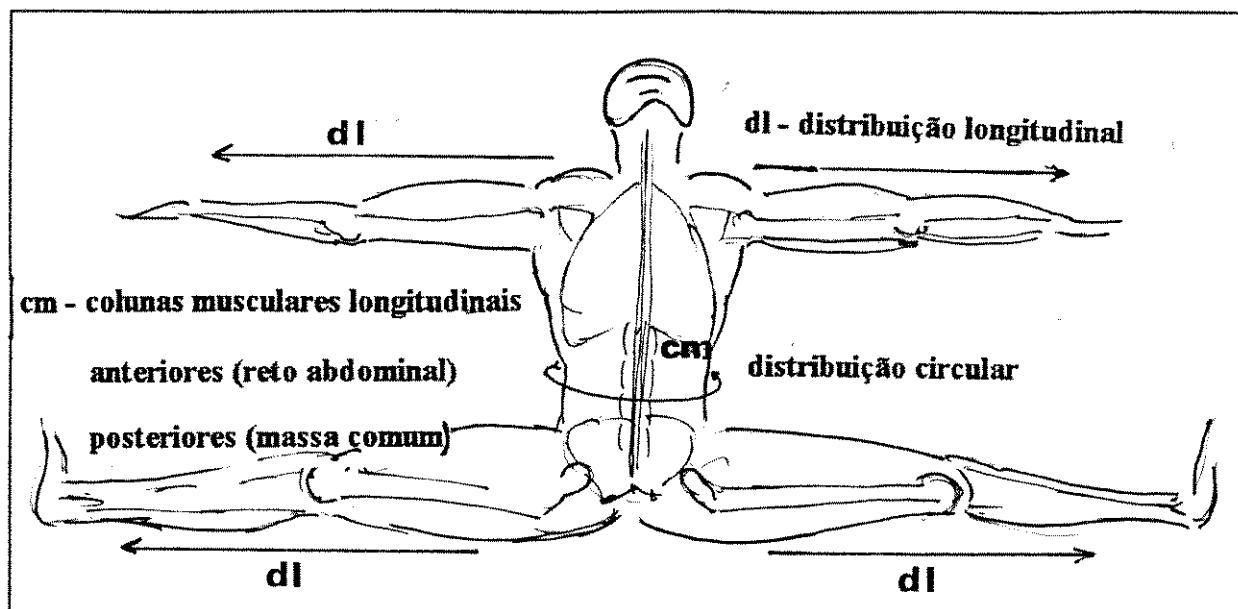


Figura 15 - Esquema do tipo de distribuição muscular no homem.

A figura anterior mostra um boneco com os braços e pernas estendidos lateralmente, seguindo a realidade da intenção dos brotos dos membros ao se manifestarem. Posteriormente estes sofrem rotações e flexões que lhes permitem, conforme se desenvolvem, uma acomodação na cavidade uterina que seria impedida se os membros permanecessem estendidos.

Os braços e as pernas sofrem inicialmente uma rotação de 90° , no sentido postero-anterior, os cotovelos olham agora para trás e os joelhos para a frente, concomitantemente vão flexionando o antebraço e a perna sobre os segmentos proximais e estes (braços e coxas) se flexionando em direção ao tronco, dando ao feto, quando juntamos a estes movimentos o da flexão de tronco, a postura fetal típica que lhe permite ocupar um volume pequeno no espaço intra uterino. (Figura 16)



Figura 16 - O ovólde fetal. Acomodação do feto na luz uterina. Reprodução de Jorge de Rezende e Carlos Antonio Barbosa Montenegro, Obstetrícia Fundamental, RJ, Edição Guanabara, pg.103 e 118.

Para o raciocínio pretendido, é necessário imaginar o feto sem essas flexões e rotações acomodativas. Restará a imagem esboçada na figura 15. Essa imagem nos cede uma

informação extremamente importante no tocante as articulações umeroescapular e coxofemural.

Essa é a maneira como se desenvolvem estas articulações. Esse desenvolvimento, visualizado naquela posição, informa a possibilidade máxima anatômica de extensão e rotação externa daquelas articulações.

Por outro lado informa que ao serem ultrapassados esses limites, o trabalho se dará em hiperrotação articular com danos reais maiores ou menores às estruturas de sustentação articular passiva e ativa. Prejudiciais, portanto, à capacidade de movimento.

Outra informação que é obtida daquele esboço é das relações musculares por afinidade e de movimentos associados.

Consideremos a figura 15, evidenciando-a, todavia, como um objeto de seis faces: a face anterior ou frontal, que inclui a frente do tronco, o lado interno das pernas e o lado interno dos braços; a face posterior ou dorsal que inclui as costas do tronco, o lado externo das pernas e dos braços; a face superior que incluem os lados superiores dos braços e a face; a face inferior que inclui a região perineal e perianal e os lados posteriores das pernas; e as faces laterais direita e esquerda que incluem as faces laterais do tronco, os lados anteriores das pernas e posteriores dos braços, à direita e à esquerda respectivamente. (Figura 17a à 17e)

As relações foram feitas associando-se o esboço da figura 15 à postura adulta ortostática do homem.

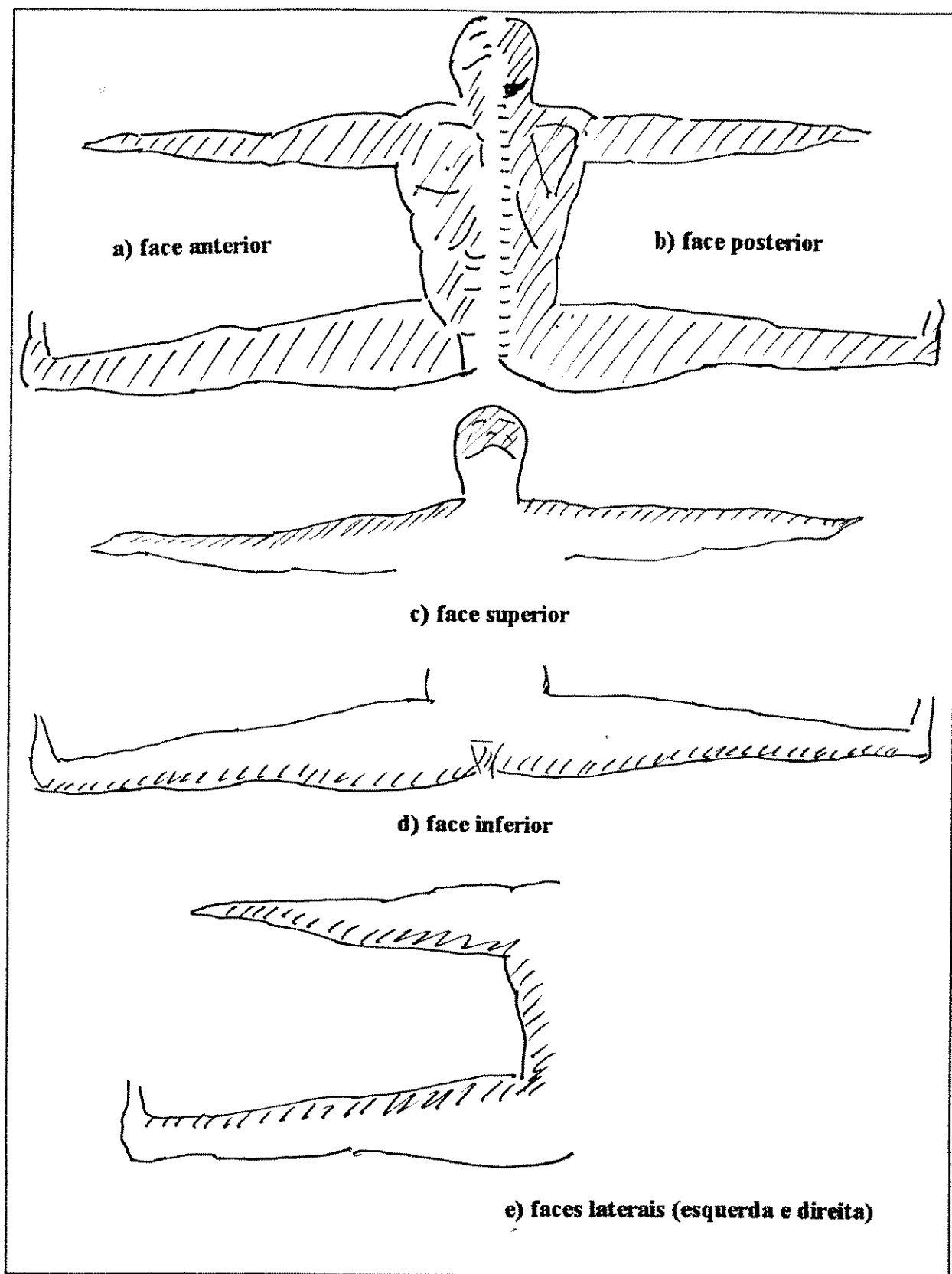


Figura 17 - Esquemática da distribuição dos grupamentos musculares afins.

O que está sendo chamado de movimentos musculares associados é a tendência ou a facilitação com que as regiões que compreendem cada face cumprem movimentos conjuntos, isolados das outras regiões.

Alguns exemplos desses movimentos associados:

-ao aproximarmos o cotovelo da face lateral do tronco este se flexiona lateralmente facilitando a aproximação de nosso joelho, também lateralmente e em flexão, de nosso cotovelo.

-ao flexionarmos o tronco para a frente, temos a tendência ou facilitação para aproximarmos as faces internas dos braços e pernas, do tronco, buscando a postura fetal.

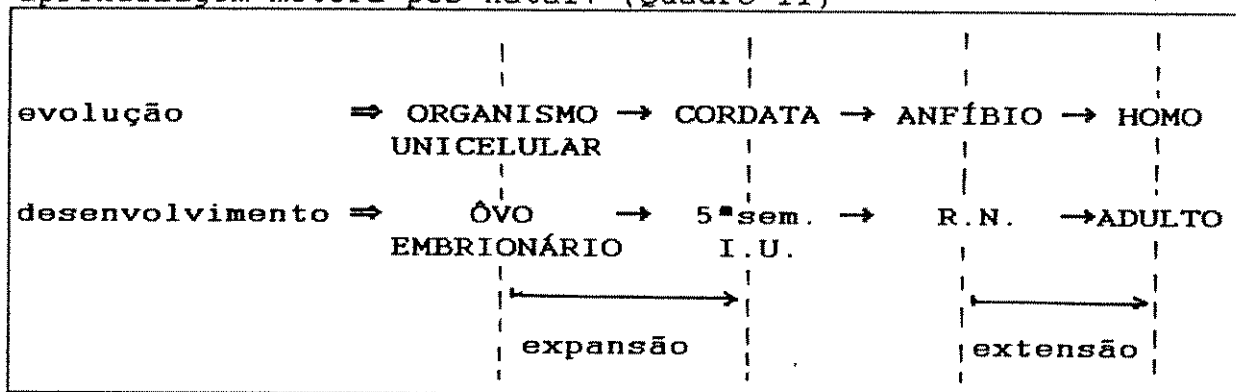
Outra associação visível a partir do esboço é a de movimentos de diferentes eixos que se associam livremente. O movimento de flexão-extensão, primitivo, o de adução-abdução, recente e o de rotação interna-externa, bem recente, nos fornecem esta informação.

Partindo da extensão observamos que ao sermos solicitados a uma flexão intensa associamos a esta os movimentos de rotação interna dos membros e sua adução. Contrariamente, ao sermos solicitados à uma extensão intensa, associamos a esta os movimentos de rotação externa e abdução. Em um extremo temos a postura fetal, em outro o esboço do boneco em toda a sua capacidade de extensão.

Um outro tipo de movimentos associados seriam os cruzados: extensão lateral com flexão contra-lateral, ou flexão lateral superior com flexão lateral contrária inferior.

Há algumas páginas atrás (p.69) comentávamos sobre o fato de que no processo evolutivo, a extensão da perna do Homo sapiens se faz com uma intenção muscular à rotação externa. No desenvolvimento, embriológico da musculatura, encontramos a razão para este fato, uma vez que o movimento de extensão se associa francamente ao de rotação externa.

O quadro abaixo pretende fazer um paralelismo entre o processo evolutivo e o de desenvolvimento embriológico e de aprendizagem motora pós natal. (Quadro II)⁷⁸



Quadro II - Paralelismo esquemático entre evolução e desenvolvimento. (IU - intra-uterina, RN - recém nascido)

A aprendizagem motora

Como tópico complementar informações adicionais podem ser obtidas dos períodos de maturação dos vários sistemas de nosso corpo, imediatamente relacionados aos movimentos.

Serão consideradas neste tópico as fases de maturação do sistema nervoso condutor, do sistema músculo-tendíneo e do sistema ósteo-articular paralelamente às características neurofisiológicas de apreensão de informações, e às fases ou

⁷⁸ As considerações relativas ao desenvolvimento embriológico do embrião foram, em parte, baseadas nas obras Embriologia Médica; Evolução, Raça e Cultura; Zoologia Geral; Zoologia General, Anatomia Comparada dos Vertebrados, todos devidamente citados na bibliografia ao final da dissertação.

momentos do desenvolvimento que envolvem a escolha, a negação ou a afirmação.

Com relação ao sistema ósteo-articular, a ossificação inicia-se nos, chamados, centros de ossificação de modelos cartilaginosos e se propagam de maneira lenta e progressiva por todo o molde, transformando-o em uma estrutura óssea.

Aos três anos a criança mostra diáfises ossificadas e ausência de ossificação epifisária, com articulações pouco maduras. Aos 10 anos mostra ossificação de diáfises e epífises porém sem calcificação na região da cartilagem de crescimento, que se encontra na junção das partes anteriormente mencionadas e, como o próprio nome indica, importante para o crescimento em extensão do segmento ósseo. Nesse momento as articulações já se encontram razoavelmente definidas. Entre os quatorze e dezoito anos vamos encontrar ossos plenamente desenvolvidos, capazes ao choque e ao esforço e articulações maduras. Cumpre lembrar que a pressão útil estimula o crescimento ósseo, a pressão abaixo da útil torna o osso frágil, rarefeito e a pressão excessiva provoca ossificação precoce do molde inicialmente cartilaginoso, com influência definitiva no comprimento do segmento ósseo, para menos.

As particularidades de crescimento e estímulo coloca as seguintes questões importantes quando da solicitação ao movimento:

Os primeiros movimentos não devem sob nenhuma hipótese incluir suportes de carga pelo menos até uma idade de quatorze anos.

Os movimentos propostos não podem ser intensamente repetitivos ou extremamente específicos num primeiro momento, podendo, no entanto, terem sua frequência em repetição e especificidade aumentadas e livres a partir de uma idade em torno dos quatorze anos.

Essas afirmações devem-se ao fato de que movimentos repetitivos ou específicos para um determinado estilo de movimento provocam pressões localizadas sempre nos mesmos pontos e faces ósseas, implicando em aceleração da ossificação em regiões preferenciais a esses movimentos com alteração do padrão de desenvolvimento ósseo e vícios posturais de difícil intervenção posterior, por condicionamento precoce da estrutura óssea.

Não devem ser solicitados movimentos que exijam permanência numa mesma postura por tempo excessivo, seja contínuo ou intervalado, uma vez que esses também provocam pressões constantes localizadas. Um exemplo flagrante dessas alterações é a perna em varo (ou a cavaleiro) de crianças que cedo iniciam o hipismo ou esportes congêneres.

A maturação óssea exige, portanto, movimentos inespecíficos e diversificados num primeiro momento, evoluindo para, numa idade próxima aos quatorze anos, permitir ao indivíduo ser submetido a movimentos definitivamente específicos e repetitivos típicos de movimentos especializados.

O sistema músculo-tendíneo tem sua capacidade regulada tanto pela capacidade de elaboração e coordenação neurológica, já descrita (necessitando sejam evitadas as solicitações

inconvenientes aquele sistema), quanto pela sua própria capacidade para a tensão que pode empreender.

Num primeiro momento o alongamento músculo-tendíneo é amplo e sua capacidade para a tensão, para o esforço súbito, pequena. Sua capacitação para a tensão próxima ao máximo manifesta-se por volta dos quatorze anos.

O trabalho proposto, quanto ao sistema músculo-tendíneo deve respeitar a incapacidade para a força, num primeiro momento, incapacidade esta que posteriormente vai se tornando menos evidente, ao mesmo tempo que deve ser composto de solicitações que mantenham o alongamento, ou seja, incluam grande quantidade de estímulos a amplitude de movimentos e à extensão.

O sistema nervoso, enquanto condutor de estímulos motores, depende do desenvolvimento, nos axônios condutores, de um envoltório chamado de bainha de mielina. Apenas com a completa maturação deste envoltório o neurônio será um bom condutor e é esta boa condução em todos os neurônios motores que proporcionará aos músculos o substrato para respostas ótimas em busca da capacitação.

Essa bainha está normalmente desenvolvida aos sete anos de idade, ou seja, ao nascer a criança não está apta a cumprir tarefas coordenadas e essa aptidão é progressivamente maior até os sete anos, quando estará com capacidade próxima ao máximo, pronto para a elaboração motora de movimentos mais complicados. Isto implica que nas fases iniciais de crescimento do indivíduo não lhes seja solicitada de maneira impositiva movimentos cuja

definição se dêem pela coordenação ou pela repetição rápida e continua. Outras implicações não nos interessam no momento.

Ao lado das generalidades até agora abordadas que são relacionadas a características essencialmente processuais (evolutivas), uma outra se faz de importante menção, e diz respeito a fatores que interferem naqueles processos.

Esta abordagem merece ser feita em íntima relação com o desenvolvimento do movimento do homem, sua maturação.

Os primeiros movimentos que são notados no feto e no neonato são essencialmente reflexos, que, ou são necessários à sua sobrevivência, ou simulam remotamente essa necessidade. Esses são os reflexos de sugar, preensão palmar e plantar, o reflexo de fuga, o reflexo de pressão plantar, o ato reflexo de andar e outros.

Esses movimentos reflexos desaparecem entre o segundo e o sexto mês de vida em indivíduos que se desenvolvem adequadamente. Concomitantemente vão sendo desenvolvidos os movimentos voluntários, que carecem de elaboração em sua coordenação inicial para se tornarem efetivos e cumprirem a ação que os solicita. O amadurecimento desses movimentos no sentido de efetivação desta elaboração têm características de imitação e experimentação. O experimento, a imitação, os erros e os acertos, levam o aprendiz a julgar qual o caminho adequado e qual o caminho inadequado. A insistência e a repetição levam-no a adquirir cada vez maior certeza e maior capacidade naquilo que pretende, até o momento em que esse movimento se torna

completamente condicionado não sendo mais necessário que se pense em suas etapas para a sua concretização.

Isto pode ser chamado de condicionamento motor, e envolve a aquisição de coordenação, tônus, flexibilidade, força, alongamento, que se qualificam em circunstâncias determinadas.

O adestramento não se finda. Continuamente o homem está envolvido em novas tarefas que impõe necessidades de movimentos voluntários experimentais, utilizando a razão para sua conclusão e a repetição para transformá-los em movimentos voluntários condicionados.

O importante é que tão mais próximo seja nosso condicionamento geral das capacidades naturais de nosso todo orgânico, mais facilmente entenderemos nossas limitações e capacidades para novos aprendizados, novos adestramentos, novos condicionamentos.

Essas fases de auto conhecimento quanto as nossas capacidades orgânicas, coincidem com nossas fases de contato com o mundo e seus limites, suas normas, suas regras.

Tanto nosso movimento pode influir em uma leitura particular dessas regras de tal maneira a não serem tolhidos por elas, quanto essas regras podem ter características tais de limitação que o próprio movimento se vê limitado, interrompido, nunca sendo experimentado até seu limite, nunca oferecendo ao indivíduo as reais informações sobre seus limites e capacidades.

O desenvolvimento da personalidade

A vários indivíduos, integrantes de grupos de trabalho em condicionamento motor, foi solicitado que à menção de uma palavra fizessem, corporalmente, uma associação livre dessa palavra à ação de manter o corpo encolhido, em flexão, ou expandido, em extensão.

As palavras escolhidas foram palavras que formavam dois grupos antagônicos: branco-preto, escuro-claro, livre-presos, alegre-triste, noite-dia, leve-pesado, e os grupos eram formados por pessoas adultas, com uma experiência de vida, ou definições das palavras sugeridas, plenamente estabelecidas.

Nos vários grupos assim formados verificou-se que a associação freqüente era se relacionar extensão com: alegre, branco, claro, dia, leve, solto, etc. e flexão com: triste, preto, escuro, noite, pesado, presos, etc. O aprendizado social dessas palavras levou-as a manifestarem-se corporalmente segundo um determinado código de movimento. Uma determinação que condiciona o corpo à flexão diante de certas situações.

As descrições das características desses três sistemas diversos propõe, cada um a sua maneira e por razões particulares, um trabalho inicialmente diversificado, inespecífico, sem o uso da força e com solicitação a movimentos amplos em extensão, progredindo gradativamente para em torno dos quatorze anos serem submetidos a trabalhos específicos, repetitivos e de força muscular próximas ao máximo.

Sob o ponto de vista neurofisiológico e de formação dos processos superiores de atividade cerebral, sabe-se que o

cérebro conta com subsistemas para recolhimento, guarda e seleção de informações e de polarização de energia para o agenciamento dessas informações.

"Luria e Leontiev han demostrado que el hombre, el niño, nace con esta biología (ni siquiera madurada totalmente, porque ese proceso termina más tarde) y sólo la interacción desde el nacimiento, con los padres y los representantes de la sociedad y con los objetos de la cultura y con el lenguaje, va formando conexiones. O sea que después del nacimiento se ponen en conexión las zonas de elaboración psíquica superior, las zonas de los llamados analizadores (antes llamados centros de los sentidos), las imágenes motoras, más tarde las imágenes lingüísticas, las sensoperceptivas (éstas, a su vez, tienen zonas directas de recepción de la información, tienen zonas que las rodean donde reelaboran la información, tienen zonas de interconexiones asociativas entre si y con el resto del tallo cerebral). Quiere decir que, después del nacimiento, se van formando sistemas llamados 'sistemas concertados', 'constelaciones de trabajo'. El hombre no nace con ellos. Después de su nacimiento entre una zona y las otras se van formando conexiones. Estas conexiones forman imágenes significativas del mundo. Se forma una peculiar manera de mirar, con tonalidades afectivas, con tonalidades cognocitivas. Por ej., un plástico mira de manera distinta a nosotros. Me imagino que la mirada que tenía Castagnini era distinta a la nuestra. Lo mismo ocurre con el oído musical del especialista en música.

Es claro que esta unidad concertada, que tiene en cuenta las especialidades anatómicas, adquiere características específicas en el aprendizaje social: saber, por ej., qué nos está diciendo aquél con la sinfonía que creó o aquel otro que esbozó una fórmula matemática."⁷⁹

Num primeiro momento, eventualmente ainda na vida intrauterina esses subsistemas são linhas abertas aos estímulos

79 BERDICHEVSKY, Francisco, *Organos Funcionales e Imagen Creativa*, aula dada no dia 26.11.77, no Estudio Patricia Stokoe, BA.

externos sem qualquer pré-seleção, sem talentos pré programados inclusive os de caráter supostamente hereditários.

Um estímulo qualquer provoca centralmente uma série de associações paralelas. Um som pode ser imediatamente associado a uma cor, uma textura, a uma forma, a um sentido, a uma emoção, a um sabor, a um cheiro, e da mesma maneira os estímulos iniciais diferentes de um som podem ser entremeados a uma rede de associações diversas.

Todo e qualquer estímulo cai nessa malha associativa e desperta as mais variadas reações. Este estímulo é guardado no subsistema que recolhe os dados, as informações. A partir do momento em que uma dessas informações torna-se preferencial às demais o subsistema que guarda os dados obtidos manterá maiores espaços para informações associadas àquela preferida, ao mesmo tempo será acionado o subsistema de polarização de energia, dando condições ao subsistema que procura dados no exterior para captação e seleção preferencial daqueles que de algum modo se relacionem com o estímulo desejado.

A informação num primeiro momento diversificada, vai se tornando mais e mais específica. Se este indivíduo tiver em seu meio informações suficientes para serem associadas e liberdade suficiente para trabalhá-las sua busca do diverso para o específico terá grandes chances de ser coroada de êxito, com a conseqüente concretização de seus desejos.

Qualquer impossibilidade tanto na aquisição do universo de informações desejadas quanto na possibilidade de utilizá-las

criaria desvios sobre o desejo inicial podendo redundar em frustrações.

A título de exemplo leve-se em conta o seguinte encadeamento: um som é ouvido, desperta afeto positivo e é associado a uma série de outros estímulos, a busca desses estímulos tem início e as informações associadas são guardadas. O universo de informações é rico e a seleção vai se dando sem restrições, até que finalmente esse indivíduo seja reverenciado como um músico de grande talento. O estímulo inicial poderia ter preferenciado um caminho secundário para a cor, por exemplo, e o indivíduo poderia ter experimentado perfeita harmonia com o fazer do pintor ou do analista químico. Por outro lado suponhamos que o universo de informações não seja amplo, embora a liberdade de trabalho de informações seja adequado. Ele será um músico, só que muito tardiamente descobrirá que preferia ser flautista a violinista, ou que preferia a associação com o movimento e ter se dedicado à dança e não à pintura ou à química, ou poderia mesmo caminhar para um tipo de atividade que não teria uma imediata relação com o estímulo inicial.

Num outro exemplo admita-se um universo amplo de informações, porém com restrições ao seu uso ou trabalho. Esse indivíduo poderá vir a ser um médico, um advogado, um engenheiro, ou um operário, atividades permitidas pelas imposições restritivas, que toca flauta ou pinta timidamente e por "hobby", ou simplesmente não se aproximará dessas

atividades. Em qualquer dos casos haverá um processo de frustrações evidentes, racionalizadas ou sublimadas.

A relação sobre esse universo de informações e as relações sociais são flagrantes por serem estas que possibilitam este universo tanto no sentido de permiti-lo enquanto realidade objetiva, ampla ou restrita, quanto no sentido de restringi-lo enquanto realidade permitida.

Novamente percebemos a importância em que os estímulos iniciais sejam diversificados e inespecíficos e só posteriormente caminhem para ofertas específicas.

"En los últimos años se há comprobado que el desarrollo de la conducta del niño no está determinado por los factores constitucionales solos, ni por las influencias del medio ambiente, sino por la interacción compleja entre los primeros y las segundas. Ha sido posible demostrar que las experiencias, pueden llegar muy tarde o muy temprano, para afectar por completo el desarrollo de la conducta del niño. Hay evidencia de que practicar una nueva habilidad motriz antes de que las etapas particulares del desarrollo motriz se hayan alcanzado, es menos efectivo qu después de haber-se completado el desarrollo de tales etapas. (Gesell y Thompson, 1929; Hilgard, 1933)⁸⁰

Encerrando as associações, serão citados alguns momentos do desenvolvimento da personalidade importantes na relação pessoa↔mundo quanto a aceitação ou a negação passivas ou ativas das realidades oferecidas.

Um primeiro momento de negação ou afirmação se dá num período próximo aos três anos de idade com características de pouca definição a respeito do objeto de desejo e de rápida

80 INGRAM, T.T.S., *Desarrollo de la actividad nerviosa superior y sus transtornos en la infancia*, in *Neurofisiologia Contemporânea*, vv.zz., Instituto Cubano del Libro, La Habana Editorial Orbe, 1975, pg.36.

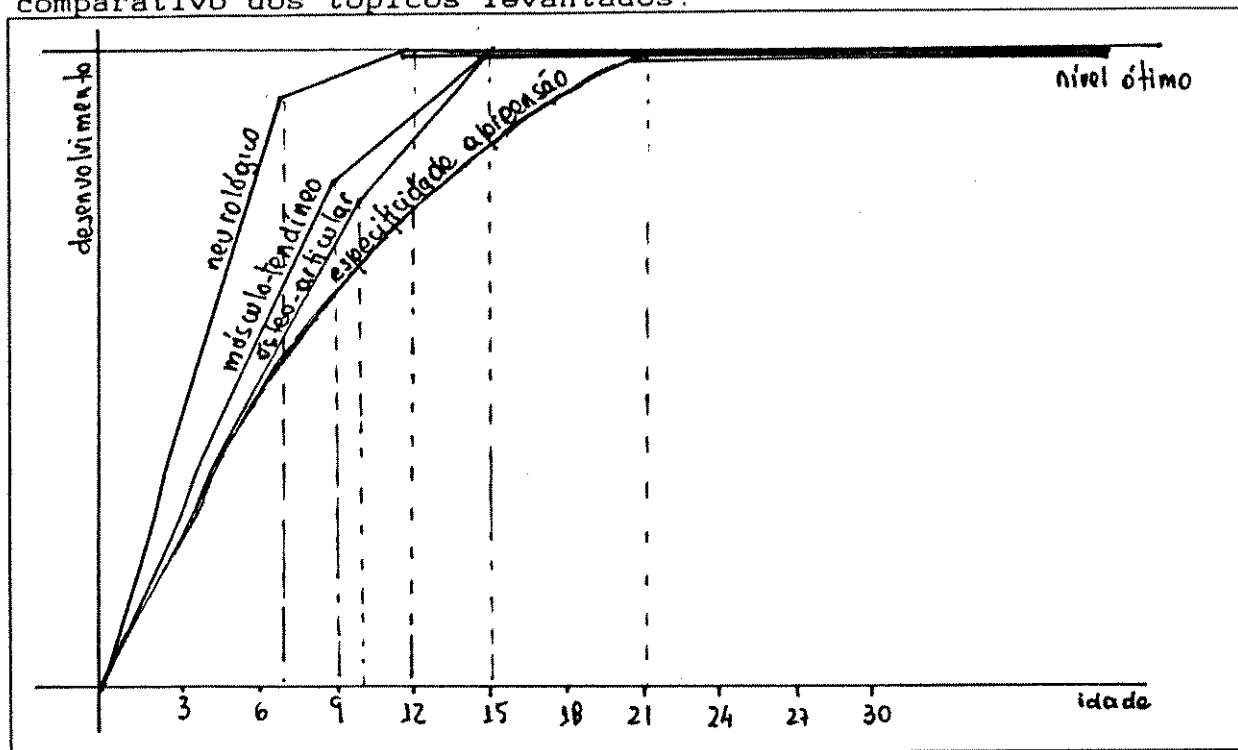
resolução, importante como primeira afirmação expressa de si. Um segundo momento que se encontra próximo a idade de sete à dez anos com características mais precisas, embora amplas, a respeito do objeto de desejo com a resolução assumindo caráter mais duradouro que as do momento anterior. Um novo momento de escolha se encontra próximo dos treze aos dezoito anos, onde a negação, inclusive de seus objetos de desejo mais reais, é uma constante, possivelmente numa tentativa de não se perceber misturado a eles, de não perder seus contornos naqueles objetos. Neste momento embora a relação com os objetos de desejo seja caótica e também de rápida resolução, existe uma definição real do que são esses objetos, a escolha feita tanto pode ser duradoura quanto de curta duração.

Um novo momento surge em torno dos vinte e um anos, quando a especificidade de sua escolha já se descortina como possivelmente correta, embora presa de certa maneira à escolha da fase anterior, há uma crença na correção da escolha, as perdas podendo ser medidas e enfrentadas com maturidade.

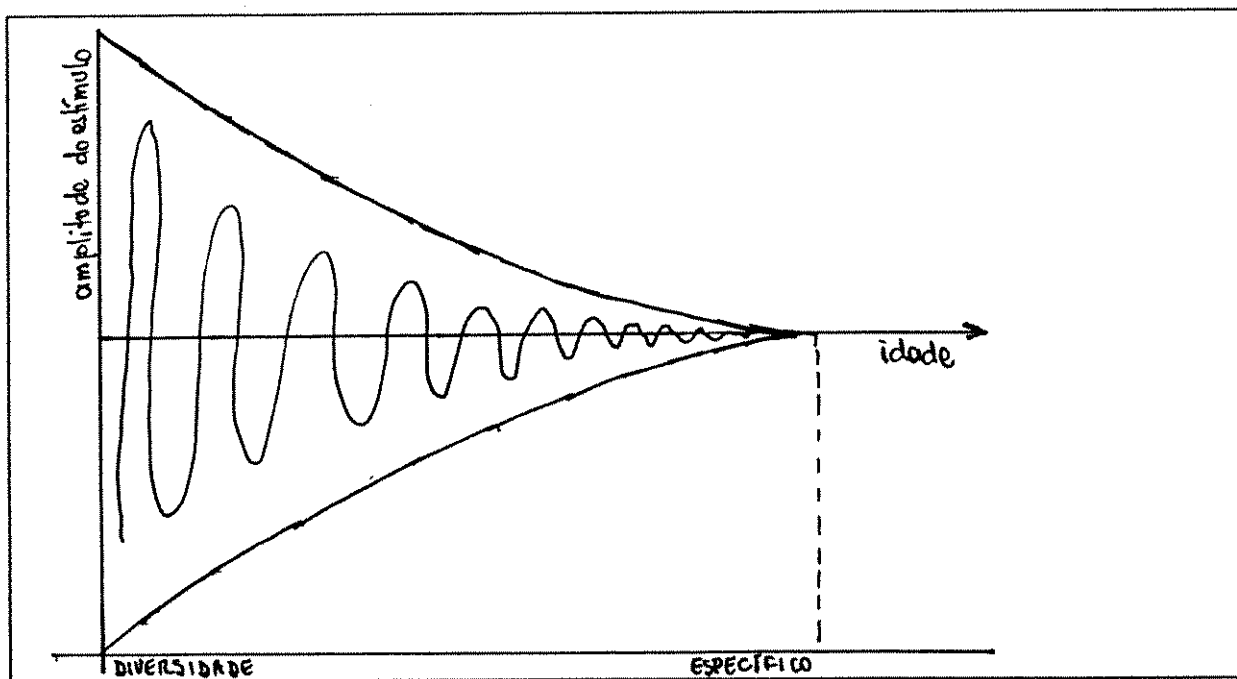
Em todos esses momentos há uma escolha, uma reafirmação ou uma negação da escolha anterior, e em cada um desses momentos a especificidade da escolha se manifesta com maior evidência.

Após esse momento, durante a maturidade do indivíduo, há outros períodos de redefinição das escolhas anteriormente efetuadas, momentos que normalmente implicam em grandes reviravoltas, oportunidades para a reafirmação final do êxito ou da frustração.

Os dois quadros que se seguem oferecem melhor padrão comparativo dos tópicos levantados.

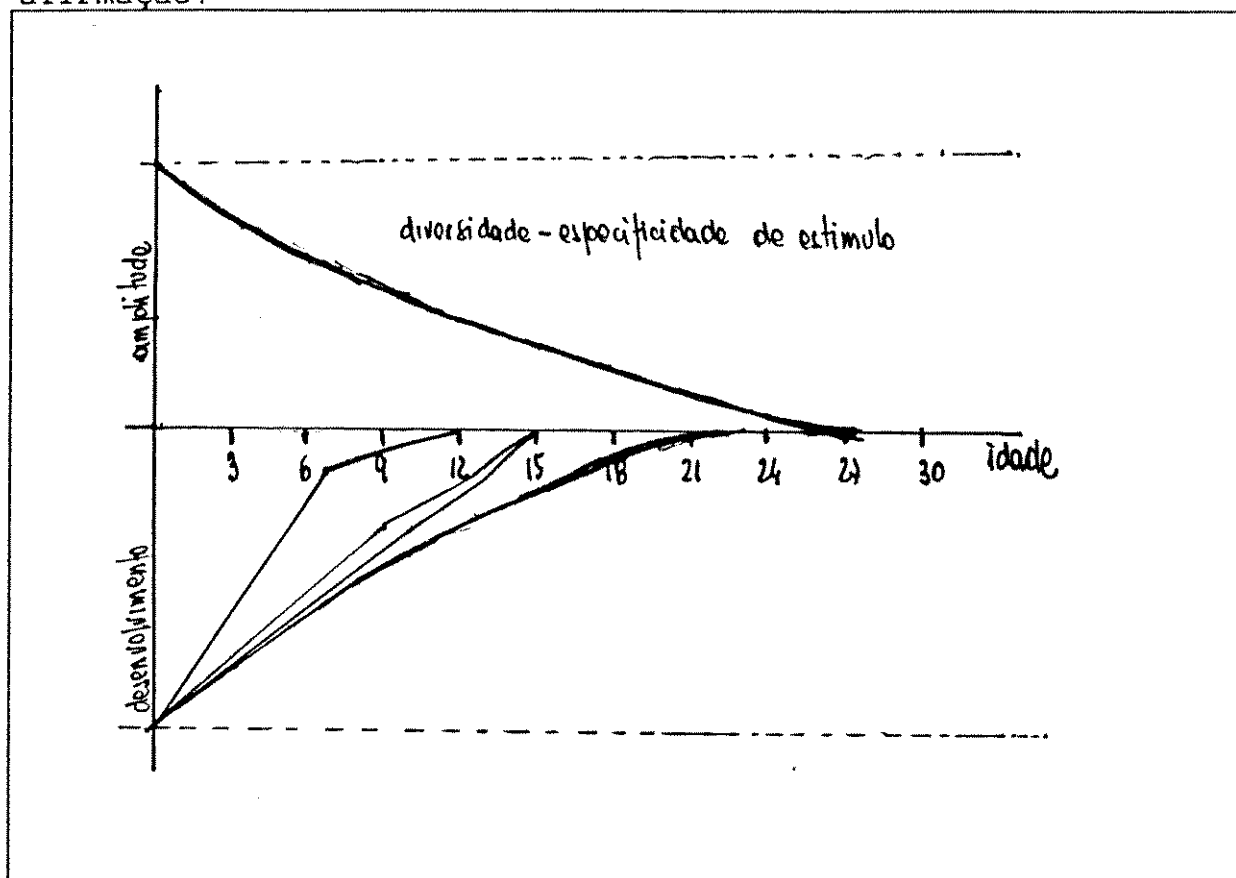


Quadro III - Gráfico comparativo do desenvolvimento dos vários sistemas analisados.



Quadro IV - Gráfico do preparo para a especificidade/diversidade do aprendizado

A sobreposição desses dois esquemas resultam em um terceiro, finalizando este capítulo e trazendo consigo uma afirmação.



Quadro V - Gráfico comparativo entre a evolução dos sistemas e a capacidade de aprendizado de estímulos específicos.

A afirmação é a de que os dados de desenvolvimento corporal indicam que os estímulos para o movimento corporal devem ser de início os mais amplos, os mais diversificados, e o menos próximo de técnicas específicas. Num primeiro momento o estímulo deve seguir a solicitação da criança. Após os cinco anos movimentos tão amplos quanto os primeiros porém mais dirigidos substituiriam os anteriores, somente após os dez anos especificariam um tipo, e apenas após os quatorze

especificariam uma técnica. Essa seqüência parece válida para todo tipo de aprendizado.

Os dados, apresentados até o momento são suficientes para reforçar a afirmação do final do capítulo anterior e do início deste, que argumentava ser o movimento praticado pelo homem dependente de um processo universal de desenvolvimento biológico, dados que são fisicamente mensuráveis embora passíveis de abordagens específicas.

Abre por outro lado em seus últimos parágrafos o caminho para a discussão de sua historicidade como a outra face da moeda que o constitui.

Em "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem". Engels infere:

"O aperfeiçoamento gradual da mão do homem a a adaptação concomitante dos pés ao andar em posição erecta exerceram indubitavelmente, em virtude da referida correlação, certa influência sobre outras partes do organismo. Contudo, essa ação se acha ainda tão pouco estudada que aqui não podemos senão assinalá-la em termos gerais.

Muito mais importante é a ação direta — possível de ser demonstrada — exercida pelo desenvolvimento da mão sobre o resto do organismo."⁸¹

Mais adiante, em seu texto, refere que "graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se a alcançar objetivos cada vez mais elevados."⁸²

81 ENGELS, Friedrich, *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, in Marx & Engels Obras Escolhidas, Vol.2, RJ, Editorial Vitoria, 1961, pg. 273.

82 IDEM, *ibidem*, pg. 277.

A mão surge nesse texto como alavanca para a modificação e a transformação do homem e da sociedade, embora associada a outras instâncias da biologia humana.

Ainda sobre a mão refere-se Manuel Sérgio:

"E a manualidade gestual? Nela é possível detectar o grau de sociabilidade humana; ela empresta maior autenticidade à comunicação inter-pessoal; com ela se colhe que a mão constitui o agente mais perfeito da motricidade do Homem e portanto em relação íntima com o consciente e o inconsciente. Quando a criança entra de explorar o meio que a envolve; quando se inicia nas actividades gráficas, fazendo riscos que ninguém entende...a não ser ela mesma; quando se exprime ou se movimenta — a mão surge inevitavelmente."⁸³

Por todo o exposto, entretanto, cumpre refutar tal precedência.

A mão, a linguagem, o desenvolvimento cerebral, a postura ereta, e o andar sobre os pés; são todas facetas específicas de uma mesma história.

Toda transformação corporal havida com o homem, ocorreu do modo como ocorreu, na sua construção de si e do social mediada pelo movimento que lhe era dado.

Argumentar sobre a precedência de qualquer uma de suas especificidades é alimentar o mesmo jogo da dualidade corpo-alma, que mesmo ante uma expressa negação, tanto melindres de raciocínio ainda causa.

Do homem real foi lembrada sua evolução e transformação, assim como a particularidade com que se expõe ao aprendizado e a sociabilização.

⁸³ SÉRGIO, Manuel, *op. citada*, pg. 65.

Cumpre, adiante, tecer comentários acerca do movimento corporal, desde o início a intenção primeira, mediador da transformação do homem.

CAPÍTULO III

O movimento corporal enquanto reflexo de contradições

Movimento Corporal e Expressão

Chame-se de movimento corporal humano a todo deslocamento parcial ou total do corpo do homem, consciente ou inconsciente, racional ou não racional, que se realiza no sentido de agir sobre ou de responder a uma solicitação gerada no meio que o cerca.

Embora discrimine o movimento corporal como um fenômeno visível, cumpre estabelecer que esse é resultado da somatória de atividades que se desenvolvem num plano do não imediatamente visível, intracorpóreo.

A definição de movimento corporal enfatiza o movimento enquanto um fenômeno do mundo macroscópico. Entretanto, é de suma importância considerar que o corpo humano, enquanto unidade orgânica, mesmo na imobilidade do coma profundo, mantém-se em intensa atividade vegetativa, intra e extracelular, em inúmeros processos químicos e físicos responsáveis em última instância -como base primeira da capacidade estrutural do corpo- pela possibilidade de que uma intenção se concretize naquele fenômeno visível do movimento. A verdadeira ausência de movimento corporal de um ser vivo seria a ausência dos movimentos caracterizados a nível do intracorpóreo, seria a perda da identidade e da particularidade que esses movimentos conferem à unidade orgânica, seria a desestruturação desta unidade e seu retorno ao mundo das matérias inertes, primas, seria a morte do corpo, enquanto identidade, enquanto indivíduo.

Os limites definidores de uma ação como ação original, isto é, originada da vontade, ou originada como resposta ao meio, são os limites mesmo da relação dialética entre o "agir sobre" e "sofrer a ação de" ou entre o que é ação e o que é reação.

A afirmação do movimento humano como uma relação de ação⇌reação entre o indivíduo e o meio em que se encontra, é de fundamental importância na caracterização desse mesmo movimento, é verdadeiramente aquilo que lhe dá objetivação.

Dentro desta relação homem⇌meio — num sentido mais amplo é uma relação natureza⇌história — podemos dizer que o movimento corporal humano tem como primeiro limite a capacidade estrutural do corpo de cada um, ou seja, nenhum ser humano poderá fazer um movimento que exceda a capacidade de sua estrutura corporal. Esse limite é ditado por razões que caracterizam cada espécime em particular, cada estrutura física em particular.

Mesmo quando cria instrumentos que servem de prolongamentos de seu corpo, o que determina a criação desses instrumentos é precisamente a existência de um limite corporal que necessita ser contornado. Todos os instrumentos que o homem cria têm a intenção de contornar seus limites corporais estabelecendo novos limites que introduzirão novos argumentos ao seu processo de objetivação e sociabilização. Da lasca de pedra ao avião, do primeiro computador à realidade virtual, todos necessários ao estabelecimento de novos horizontes. Um segundo limite a este se sobrepõe. Esse segundo limite é ditado

pelas condições do meio em que se insere o espécime em questão, ou seja, o indivíduo não pode efetuar movimentos que superem os impedimentos do meio ambiente. Não importam quais sejam as características desses impedimentos, uma intenção só se transformará em movimento após superá-los.

Os limites que o ambiente impõe ao indivíduo podem ser de ordem física, psicológica, moral, ética, religiosa, etc.. Um pássaro em uma gaiola não aprenderá a voar plenamente por não ter condições físicas para esse tipo de qualidade de movimento, e só poderá fazê-lo após superar esta limitação, a limitação da gaiola. Um indivíduo que acredita que os homens foram divinamente divididos em dominantes e dominados, não fará nada para quebrar essa relação de dominância até que supere esse limite imposto pela sua crença.

Poderia ser dito que o pensamento transcende o limite do corpo ou do meio, mas o pensamento, enquanto "processo mental que se concentra nas idéias, ou, atividade psíquica que abarca os fenômenos cognitivos" (Dicionário Novo Aurélio, 1985), é produto objetivo do corpo não transcendendo, por um lado os limites impostos pelo desenvolvimento neurológico e por outro os limites impostos pelo conhecimento adquirido no seu contato com a realidade. Segue, portanto, as mesmas leis que regem o próprio movimento. Mesmo quando o pensamento cuida de assuntos abstratos ou fantasiosos, esses são resultados de uma realidade experimentada. "Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações

necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais."⁸⁴

Capacidade estrutural do corpo humano é a capacidade da unidade que o compõe — sua componente autônoma, vegetativa, sua componente voluntária, essencialmente neuro-músculo-esquelética, sua componente 'imaterial', seus pensamentos, suas idéias, sua psiquê — e como condições do meio, todas as circunstâncias existentes na realidade em que o indivíduo se insere (geográficas, políticas, sociais, econômicas, morais, éticas, ecológicas, familiares, afetivas, etc.).

A relação entre esses dois momentos estabelece o movimento possível de ser vivenciado, aprendido e apropriado pelo indivíduo.

No sentido filogenico foi sob uma determinada relação meio⇌indivíduo que se deu a evolução das espécies — não apenas do homem, cujas circunstâncias são infinitamente mais complexas, mas de todos os seres — até os dias atuais, ou seja, a relação que cada indivíduo de cada espécie sobrevivia em dado momento, manteve com o meio que a circunstanciou, criou possibilidades de que as mutações que se seguiram pudessem se efetivar. Essa relação se deu também interferindo e modificando estas mesmas condições circunstanciais num ciclo de dependência produtiva vasta e complexa. Sob essa afirmação é possível inferir-se que o atual movimento corporal humano tem

84 MARX, K e ENGELS, F, "*A Ideologia Alemã*" - Volume I, Ed. Presença, Portugal e Livraria Martins Fontes, Brasil, p.26.

responsabilidade nas atuais condições do meio com recíproca verdadeira.

Só a partir do momento em que o conceito de corpo real é estabelecido no sentido de definir o caráter da existência do homem, é que passa a ter sentido a conceituação de seu movimento. (Capítulo I)

Movimento é uma característica de corpos materiais.

Vendo-o, pois, como característica de um corpo específico, material e historicamente descrito, será possível encontrar-lhe um significado que transcenda a descrição de sua pura ação mecânica modificadora do meio?

Em capítulo anterior (Capítulo I) a título de ilustração da importância do movimento humano citou-se Wallon como referência para a afirmação de que o ato motor antecede o ato mental, cria-o e lhe dá substância. Posteriormente, segundo o mesmo Wallon, seria o pensamento quem dirigiria o movimento.

Qual o valor intrínseco que permanece, todavia, no movimento corporal que possa ser lido nele mesmo e não somente enquanto uma resultante culturalmente impressa determinada pelo pensamento?

Que movimento corporal pratica o homem, mais especificamente o homem moderno?

Qual é o movimento corporal praticado pelos indivíduos que constituem a sociedade moderna, científica, tecnológica, autocrática — resultado da expansão do modelo industrial financeiro do capitalismo e recém entrante na era da cibernética — resultante, a seu tempo, desse mesmo movimento?

Sob essa questão parece legítimo explorar essencialmente a versão urbana (ou urbanizada) desse indivíduos, habitantes da região mais característica dessa sociedade, enquanto processo de fundação e solidificação das formas capitalistas de produção.

A cidade surgiu da sociedade humana e sob suas concepções floresceu, transformando-se na área de ação preponderante desse momento social. A cidade surge na história da civilização como um local diverso e oposto ao campo. É com essas características que presta-se a necessidade do novo modo de produção social que se punha manifesto na Idade Média com o desenvolvimento do capital independente, da propriedade fundiária, e tendo por base o trabalho e as trocas.

"A oposição entre a cidade e o campo surge com a passagem da barbárie à civilização, da organização tribal ao Estado, do provincialismo à nação, e persiste através de toda a história da civilização até aos nossos dias(...). A existência da cidade implica imediatamente a necessidade da administração, da polícia, dos impostos, etc., numa palavra, a necessidade da organização comunitária, partindo da política em geral(...). A cidade é o resultado da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, ao passo que o campo põe em evidência o facto oposto, o isolamento e a dispersão. A oposição entre a cidade e o campo só pode existir no quadro da propriedade privada; é a mais flagrante expressão da subordinação do indivíduo à divisão do trabalho, da subordinação a uma atividade determinada que lhe é imposta."⁸⁵

É aí que podem ser encontrados os melhores exemplos de movimento corporal do homem moderno; é aí que mais claramente

⁸⁵ IDEM, *ibidem*, p.62.

podem ser definidas possíveis perdas quantitativas e qualitativas sofridas por esse movimento.

Se o que se pretende, é realmente atentar ao significado do movimento deve-se inicialmente esquecer o que dele resulta e atentar-se para aquilo que, sem modificar o ato, possa modificar a sua compreensão.

Ao observar-se um corpo humano em movimento, pode obter-se várias informações transmitidas e passíveis de análises as mais variadas segundo referenciais previamente estabelecidos.

"Hoje se fala muito na comunicação não verbal. Psiquiatras, psicólogos e educadores vêm prestando mais e mais atenção ao fato de que a forma pela qual nos comunicamos diz mais do que o puro significado das palavras. A expressão facial, a posição do corpo em relação ao espaço e os gestos podem reforçar ou negar com eloquência o que a boca está dizendo".⁸⁶

O movimento corporal comunica algo, esteja o autor consciente ou não dessa comunicação. Todo movimento, técnico ou improvisado, voluntário ou reflexo, elaborado ou espontâneo, traduz no seu fazer — mecanicamente lido — as sensações, as motivações, as intenções ali elaboradas.

"Convidar alguém para entrar enquanto bloqueamos a porta semi-aberta é como dizer: eu quero é que você se mande. Dizer 'que bom ver você de novo', forçando um sorriso sem graça é negar com o gesto o que verbalmente estamos dizendo".⁸⁷

86 SERRA, Mônica, *Dança Terapêutica, ou a cura pelo movimento*, Psicologia Atual, n.11, p.37.

87 IDEM, *ibidem*, p.37.

Ao "inverter-se o controle do gesto pela idéia", como afirma Wallon, não terá o pensamento passado a significar o movimento, da mesma maneira que o movimento anteriormente o significou?

O ato mental não "inibe" simplesmente o ato motor mas através dele se estampa, se expõe, se torna matéria.

Os movimentos corporais expressam algo, tenha agido o autor de maneira racional — voluntária — ou não nessa expressão. O movimento corporal é expressão na acepção da palavra, simplesmente pelo fato de que todo e qualquer movimento pode ser lido, pode ser analisado, não apenas anatomo-fisiologicamente, mas enquanto um texto que se anima, que se manifesta, que personifica o íntimo de quem o cumpre, um texto que enuncia, mesmo quando o que é enunciado denuncia uma incoerência entre esses vários movimentos, aquele que expressa a intenção social, aquele que expressa a intenção real do indivíduo, que torna flagrante sua contradição. Seu autor, pela historicidade impressa em cada ato, expressa-se ao mesmo tempo como orador individual e coletivo no discurso que encerra.

Se novamente se empreender a leitura das duas citações acima referidas observa-se que ambas pretendem uma comunicação verbal sendo reforçada ou negada por uma comunicação não verbal. E, embora tenham servido de apoio para uma primeira análise, cumpre uma ação transformadora de releitura.

A comunicação expressa por todos os movimentos do indivíduo deve ser entendida como resultado expresso de uma única linguagem que adquire substância na palavra, nos sons corporais e nos gestos, e assim deve ser lida, não dissociando

seus componentes, mas os lendo como vocábulos plenos daquilo que expressam. Desta maneira não há negação ou reforço do gesto ao som, mas uma *adequação* do que é dito ao modo de dizer. A linguagem do pensamento.

Em outras palavras, não estão sendo ditas duas frases que se contradizem, mas apenas uma que pretende ter apenas um significado.

Essa leitura, sem dúvida, coloca o leitor frente a um dado importante a respeito do movimento do homem moderno: a dialética presente na intenção de um gesto, um tanto social, outro tanto pessoal.

Se isso acarreta uma interpretação de que aí se encerra uma contradição não racional, não voluntária, o que realmente se expressa na unidade desses movimentos?

Uma primeira resposta talvez fosse que o que se expressa é a objetivação do indivíduo que fala. Outro caminho é carecer, mesmo ante esta resposta objetiva, de mais alguns dados.

Neste ponto é oportuno que se retome a afirmação inicial concernente ao fato de que a estrutura corporal de um indivíduo determina sua tipicidade de movimento.

Buscando melhor entendimento quanto a essa afirmação, considere-se um indivíduo de 1,80m de altura, esguio, tipo longilíneo, e outro com 1,10m de altura, anão, membros curtos, que não alcançam as costas, como soem ser. Cada um desses indivíduos se apresentará com movimentos tipicamente diferenciados entre si e relacionados a sua estrutura corporal.

Um terá movimentos amplos, abrangentes, seu centro de gravidade elevado exigirá constantes correções de equilíbrio; o outro apresentará movimentos curtos, travados, seu centro de gravidade baixo sugere estabilidade e apresentará poucas correções de seu equilíbrio, as quedas da própria altura para um e para outro terão conseqüências diferentes, e cada um deles agirá sobre o meio tipicamente, modificando-o também de maneira específica, criando histórias pessoais de sua relação com o meio, que apresentarão contextos e formas diferentes.

"A primeira condição de toda a história humana é evidentemente a existência de seres humanos vivos. O primeiro estado real que encontramos é então constituído pela complexidade corporal desses indivíduos e as relações a que ela obriga com o resto da natureza."⁸⁸

Movimento Corporal e Consciência

A compleição física dos indivíduos é um fato de realidade dada, não discutível. Essa compleição física lhes permite movimentos específicos, característicos dessa mesma compleição, da mesma maneira que as características morfológicas de uma dobradiça determinam suas características de movimento. Essa possibilidade de movimento, ou seja, o movimento possível de ser feito por essa estrutura física cria uma relação entre o indivíduo e o resto da natureza.

Um indivíduo cujo corpo possibilite movimentos que lhe permita subir facilmente em uma árvore, criará com esse tipo de

⁸⁸ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *op. citada*, p.18.

elemento e com o resto da natureza uma relação diferente daquele no qual não se percebe esta facilidade.

A possibilidade de movimento inerente à estrutura corporal não define, todavia, a realidade de movimento que será praticada por aquele que a detém. Uma é a possibilidade de movimento, o movimento possível de ser praticado, quando utilizando-se da capacidade potencial do corpo. Outro é a realidade do movimento, o movimento realmente praticado frente as circunstâncias dadas.

Essa relação criada pelo movimento corporal preenche o cotidiano do indivíduo. Seu movimento corporal é a expressão real desse cotidiano, do cotidiano possível, dadas as suas possibilidades de movimento enquanto estrutura corporal e dadas as relações com o resto da natureza enquanto meio que com ele se relaciona. O movimento expressa, então, a consciência corporal dessa relação. A consciência da relação homem/natureza.

Essa relação se modifica a todo momento ao tempo em que modifica a natureza e distingue o homem entre suas partes. O homem não age sobre a natureza como o restante da vida animal, mas altera-a no sentido de torná-la complementar a ele, de torná-la extensão de suas capacidades, organizando-a de um modo peculiar, para servi-lo, mesmo quando essa ação não a destrói, mas a preserva e atenta para a sua continuidade. É nessa atividade constante de ação sobre a natureza que o homem cria cultura e nela se cria. "Pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os

homens iniciam a *produção* dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material."⁸⁹

Impresso no ato motor, o pensamento através dele se manifesta, havendo possibilidade de ser cumprido até onde o possa a estrutura corporal que se expressa. Por ele anteriorizado e sob suas circunstâncias, desenvolvido, moldou-se o pensamento às peculiaridades desse movimento, não restando pois diferenças entre pensamento e movimento.

No homem o mesmo é o pensar e o mover-se.

Os movimentos possíveis de serem efetuados por sua estrutura física produzem meios de existência específicos e a eles relacionados, os quais, respondem pela produção de sua vida material. A produção dos meios de existência é uma consequência direta dessa relação homem⇌natureza, e se seu movimento é a expressão da consciência corporal dessa relação, é também a expressão da consciência corporal que tem dos meios de existência que produziu e de sua própria vida material.

"A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. O que são coincide portanto com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende portanto das condições materiais da sua produção."⁹⁰

Se ao despertar o pensamento, o movimento o faz enquanto interlocutor com a realidade material que lhe é dada, cedendo àquele as qualidades daí adsorvidas por essa

⁸⁹ IDEM, *ibidem*, p19.

⁹⁰ IDEM, *ibidem*, p19.

interlocução, e conseqüentemente, tornando-o objeto daquela realidade material, por moldá-lo àquela imagem, inversamente ao expressar-se no movimento, o pensamento cede aos seus produtos as qualidades que lhe são inerentes, tornando-os objetos do pensamento e neles se objetivando.

Ao produzir a vida material, o homem, através dos movimentos que lhe são possíveis, dada a sua organização física, produz as idéias, as concepções como uma linguagem da vida real. "a forma por que o homem produz determina seus pensamentos e seus desejos"⁹¹. E as "representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens, surge aqui como emanção direta do seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica, etc., de um povo".⁹²

A consciência corporal expressa através dos movimentos corporais do homem é a consciência corporal produzida por esse movimento. O movimento corporal humano é produto da história do homem no seu relacionamento com a realidade. É dado modificado e modificador desta realidade, com inserção imediata em cada momento histórico.

A consciência corporal que se expressa através do movimento e é possível de ser lida, interpretada, analisada, contestada, é a consciência enquanto um resultante do fazer histórico humano.

"A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver
homens."⁹³

Não obstante:

91 FROMM, Erich, *Conceito Marxista do Homem*, RJ, Zahar Editores, 5a.ed., 1970, p.22.

92 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *op. citada*, p.25.

93 IDEM, *ibidem*, p.36.

"Contudo, o homem de fato muda no decurso da história; ele se desenvolve, se transforma, é o produto da história; assim como ele faz a história, ele é seu próprio produto".⁹⁴

Este aspecto do homem real criando a si próprio, estabelece de maneira muito precisa o movimento humano como expressão da consciência de si enquanto produto da sua criação. É na relação com o mundo material que o pensamento do homem se objetiva, é no seu retorno ao mundo material sob a forma de movimento que a matéria pensante, objetiva a realidade.

No movimento que desencadeia essa relação com o mundo, uma relação de produtividade, de atividade produtiva, o homem retorna a si próprio enquanto produtor, produto e criação, constrói sua própria essência.

A história do homem, todavia, não é a história da conquista do pensamento pelo movimento, e a de seu contrário dialético, no cotidiano da construção de sua vida material. Mas a história da forma com que suas relações sociais, sob modos de produção determinados, precisou a construção de suas vidas materiais.

A história coletiva da humanidade evolui da história de seus povos isolados geográfica ou etnicamente para uma história de caráter universal. Não é mais possível separar-se o fato de que as decisões internas nos países desenvolvidos influenciam e determinam os modos de sobrevivência nos países subdesenvolvidos.

⁹⁴ FROMM, Erich, *op. citada*, p.35.

A história humana desembocou em um momento de divisão social em classes e de dominação. O modo produtivo sendo permeado pelo modo com que se dá a dominação. O domínio sobre os meios de produção determinando a classe que se estabelece como força material dominante.

Se anteriormente foi estabelecido o movimento corporal do habitante da cidade como ideal para as considerações que seriam propostas, foi porque esperava-se através dele evidenciar características do movimento específicas desse modelo.

"A história não é mais do que a sucessão das diferentes gerações, cada uma delas explorando os materiais, os capitais e as forças produtivas, que lhes foram transmitidas pelas gerações precedentes".⁹⁵

Já foi dito que as idéias, os conceitos, surgem como emanção da produção da vida material do homem.

A cada momento histórico determinado, o grupamento ou classe social que detiver o domínio sobre os meios de produção da vida material dos indivíduos, será a força material dominante, e uma vez dispondo dos meios de realização da vida material, disporá dos meios de realização das idéias e dos conceitos desse mesmo momento histórico. "ou seja, a classe que tem o poder *material* dominante numa dada sociedade é também a potência dominante *espiritual* (...) de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem

95 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *op. citada*, p.44.

de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias do seu domínio. (...) as idéias dominantes de sua época."⁹⁶

"Com efeito, cada nova classe no poder é obrigada, quanto mais não seja para atingir os seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade ou, exprimindo a coisa no plano das idéias, a dar aos seus pensamentos e idéias a forma da universalidade, a representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos."⁹⁷

Movimento Corporal e Contradição Social,

A consciência enquanto um produto social, fruto da vida material, enquanto um fazer histórico, é produto da consciência coletiva, não prescindindo, portanto, das contradições internas forjadas pelas classes que compõem esse coletivo social. A disposição pela classe dominante dos *meios de realização das idéias*, apropria-se deste produto coletivo, sujeita-o à sua dominação, à sua consciência de classe dominante, e o realiza, *idealizado*, enquanto produto social, como produto do seu domínio, como consciência dominante.

A consciência coletiva assim *apropriada e realizada* é a cada momento a consciência dominante, a consciência da classe dominante, a "expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante"⁹⁸, cuja consciência toma a forma de universalidade, a única universalmente válida. O movimento corporal expressa, então, a consciência corporal dominante, a consciência definida como ideal, de onde deriva sua consciência de si, também a permitida

96 IDEM, *ibidem*, p.55.

97 IDEM, *ibidem*, p.57.

98 IDEM, *ibidem*, p.56.

— não como um fato jurídico normatizado, mas enquanto um fato histórico da forma de ser da consciência corporal na sociedade de classes — por essas mesmas relações de dominação.

Mas se é verdade que a predominância de um modo material e espiritual cria um modo material e espiritual de produção *idealmente* definível como os únicos modos universalmente válidos, é também verdade que os indivíduos não reproduzem uniformemente e identicamente o modo material e espiritual proposto pela consciência social. Essa singularidade assumida pelos indivíduos em suas produções é exatamente a resultante das contradições criadas na sua relação individual com o universo socialmente aceito como válido, é a expressão de sua mediação com o todo social, é o resultado das contradições do indivíduo na produção de sua vida material com o universo idealizado de modos universalmente válidos. Isso acarreta uma mudança no anteriormente enunciado e torna objetiva a consideração genérica de que a consciência corporal que é expressa através dos movimentos corporais, é o reflexo das contradições entre a consciência corporal do indivíduo — de base material — e a consciência corporal dominante — de base ideal. Seu movimento corporal é a expressão do modo como se dá sua inserção dialética ao papel que lhe foi proposto, nas condições objetivas de desenvolvimento da sociedade, pelo todo social.

Se é pelo movimento humano, enquanto práxis da corporalidade ao desencadear uma relação de atividade produtiva, que o homem retorna a si próprio enquanto produtor e

criação, enquanto criador e criatura, se é nesse movimento que o homem toma consciência de si, é também verdade que esse movimento se concretiza em contato com os objetos que lhe estão sujeitos, enquanto confirmação das faculdades do indivíduo que o cumpre das sensações e dos desejos por ela veiculadas, dito de outro modo, através da objetivação da sociabilidade das faculdades que o funda, de modo que a produção não somente produz um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto.

Sob um ponto de vista psicológico, o sujeito criado é um ser com um senso de identidade definido que provém de sua permanente relação com a cultura em que se insere. A construção do "eu" terá experimentado, então, várias diferentes predominâncias, ora biológicas, ora sociais.

Se o eu biológico, evolutivamente fixado na distribuição das espécies, tem características de desenvolvimento que suportam um alto grau de antecipação, será sua transformação em um eu socialmente constituído, organicamente dependente, que definirá as singularidades que o permitirá enquanto espécime.

O movimento corporal que pregressamente foi responsável pelos aspectos particulares de sua evolução, novamente assume papel de imprescindível articulador de suas relações na consolidação de sua diferenciação, expressão ímpar que será do modo como se resolvem as contradições advindas do cumprimento do papel que lhe foi destinado pelo todo social.

A passagem para o eu socialmente constituído implica na aquisição da imagem de si.

"Conhecer-se de fora para dentro, depois de se ter conhecido de dentro para fora."⁹⁹

A tarefa que se impõe é a construção de uma imagem que explicita ao "eu" o conhecimento de suas potencialidades. A construção de uma imagem que não seja portadora desses adjetivos, embora seus limites devam ser dinamicamente estabelecidos, é a construção de uma imagem abstrata.

Processo eminentemente pessoal, a aquisição da imagem é drama que se sustenta e se estabelece enquanto produto social, de sociabilização, ou seja, é elaboração que vai encontrar no mercado social de imagens a sua validação. A construção da imagem nunca é tarefa de um indivíduo isolado, mas de um indivíduo submetido aos valores de um determinado meio.

Nas relações entre sujeitos a imagem é extremamente utilizada. A autonomia do sujeito na construção da própria imagem é forjada nessa relação. É a relação entre sujeitos, objetivados sob circunstâncias históricas específicas, que determina papéis e imagens. Essas especificidades determinam imagens dominantes, derivadas do modo espiritual dominante.

A imagem enquanto produto de validação social, será tão menos abstrata para um indivíduo em particular, quanto mais ela for produto da criação dos indivíduos que compõe o todo social dado, quanto mais a influência na criação da imagem refletir-se como criação do todo da sociedade enquanto modo produtivo

⁹⁹ DANTAS, Heloisa, *op. citada*, pg. 94.

dominante. Dito em outras palavras: quanto mais o modo produtivo dominante tender a ser de domínio do todo social — quanto mais o grupamento dominante for representativo do todo social — mais a troca na produção de imagens validadas socialmente cederá a cada membro deste todo social a possibilidade da realização de uma imagem que seja reflexo das reais capacidades e potencialidades de cada indivíduo.

Em contrapartida, quanto mais o modo produtivo dominante for reflexo da realização de apenas uma parcela do todo social — quanto menos o grupamento dominante for representativo do todo social — mais abstrata será a imagem validada socialmente.

A família tende a ser um reprodutor fiel das relações materiais dominantes e das idéias dominantes, a expressão ideal dessas relações. Na família a imagem do modo ideal de exercer a paternidade, leva o pai a projetar em seu filho uma imagem ideal, que tem a função de enquadrar a criança na relação socialmente desejável. Serão suas contradições particulares com essa relação que vão definir sua maior ou menor proximidade com a *auto-imagem* que lhe foi incutida e portanto também vão definir a maneira como ele irá proceder frente aos sentimentos e desejos particulares do filho. Essa criança estará, através desse processo, sendo conduzida ao processo de integração social, estará sendo integrada ao pensamento dominante, estará entrando em contato com o único modo válido naquele contexto.

"Cercado de imagens, ele se sente isolado. Se reage as imagens, sente-se alienado. Na tentativa de corresponder à sua própria imagem, sente-se frustrado e roubado

de suas satisfações emocionais. A imagem é uma abstração, um ideal, um ídolo que exige sacrifícios do sentimento pessoal. A imagem é uma concepção mental que, superposta ao ser físico, reduz a existência corporal a um papel secundário. O corpo se transforma num instrumento da vontade a serviço da imagem. O indivíduo fica então alienado da realidade de seu corpo. E indivíduos alienados produzem uma sociedade alienada."¹⁰⁰

Essa sociedade alienada entretanto não é resultado do maquiavelismo de uns poucos, mas fruto do desenvolvimento social e produto da relação entre seus membros, é o ideal social dominante. Esse ideal de comportamento e atividade corporal é que desloca para uma imagem o significado das relações que estão sendo produzidas. Essa sociedade alienante, produto social de indivíduos alienados, tem como idéias, os conceitos que a levam a se apresentar aos indivíduos com a única universalmente válida. Há uma necessidade social nessa alienação que se sobrepõe às necessidades e desejos individuais e a aceitação da realidade como produto da consciência dos indivíduos.

É através do corpo que se dá a experiencição do mundo real. É a consciência, determinada por essa realidade, que se manifesta enquanto produto, expressa através do movimento corporal.

"Ao enfatizar demasiadamente o papel da imagem, ficamos cegos à realidade da vida e do corpo e dos seus sentimentos. É o corpo que se funde em amor, que se arrepia de medo, que treme de raiva, que procura calor e contato, à parte do corpo, estas palavras não passam de imagens poéticas. Experienciadas no corpo, elas ganham a realidade que dá sentido à existência. Baseada na realidade do sentimento corporal, a identidade possui

100 LOWEN, Alexander, *O Corpo Tralado*, SP, Summus Editorial, p.18.

substância e estrutura. Abstraída dessa realidade, a identidade torna-se um artefato social, um esqueleto sem carne...

Normalmente a imagem é um reflexo da realidade, ou seja, uma construção mental que dá à pessoa a possibilidade de orientar seus movimentos em busca de uma ação mais efetiva. Em outras palavras, a imagem espelha o corpo. Entretanto, quando o corpo é inativo, a imagem transforma-se num substituto do corpo, e suas dimensões se expandem à medida que a consciência corporal diminui."¹⁰¹

"A formação da imagem é uma função do ego. O ego (...) é primeira e basicamente um ego corporal. A medida que ele vai se desenvolvendo, no entanto, (...) estabelece valores que se encontram aparentemente em oposição ao corpo. A nível corporal, todo indivíduo é um animal, autocentrado e orientado para o prazer e a satisfação de suas necessidades. A nível do ego, por outro lado, o ser humano é um ser racional e criativo, uma criatura social cujas atividades são executadas buscando a aquisição do poder e a transformação do meio ambiente. Normalmente o ego e o corpo formam uma dupla que trabalha em conjunto.

Na pessoa sadia o ego funciona de maneira a prolongar o princípio de prazer do corpo. Na pessoa emocionalmente perturbada o ego tem o domínio sobre o corpo e afirma que os valores por ele estabelecidos são superiores aos valores do corpo. Os efeitos dessa pretensa superioridade é a quebra da unidade do organismo, a transformação de uma relação cooperativa num conflito aberto."¹⁰²

Esta contradição entre ego¹⁰³ e corpo, a divisão do indivisível e até por isso contraditória, traça um paralelo

¹⁰¹ IDEM, *ibidem*, p.19.

¹⁰² IDEM, *ibidem*, p.21

¹⁰³ Ego é uma categoria psicológica que designa um dos fatores da estrutura da personalidade. Seria o intermediário entre o id (impulsos instintivos primários e as necessidades dominadas pelo princípio do prazer) e o superego (as normas, as proibições e os valores ético-morais; a tradição). É regido pelo princípio da realidade, uma vez que está em contato com o mundo exterior (tem consciência), seleciona e controla as exigências do id, além de resolver antagonismos entre os instintos o meio ambiente ou as aspirações do superego. Tomo-o, no caso dessas citações, como um sinônimo de consciência -

entre esses aspectos e seus produtos imediatos a imagem e o real, ao mesmo tempo nos fornece material para um outro paralelismo.

A imagem que, enquanto produto do ego se oporia ao corpo, é a imagem produto de um ego que foi apropriado pelo ego social, ou ego dominante, que se contrapõe ao universo do corpo, enquanto necessidades e desejos particulares. É a imagem engendrada por um ego moldado por conceitos e idéias dominantes que em si conflitam com a experiência de realidade vivenciada pelos indivíduos a elas submetidos.

A imagem que, enquanto produto do ego se harmoniza com o corpo é a imagem resultado de uma produção isenta de influências que neguem suas necessidades e desejos, seja porque o ambiente, para os conceitos dominantes, não nega a realidade dos experimentos corporais dos indivíduos, seja porque a capacidade de resposta à influências hostis se dá de maneira tão intensa que impede a ruptura presumida.

Os conceitos, as idéias, a produção espiritual do todo social — reflexo da dominância de conceitos e idéias de grupamentos sociais específicos dominantes e resultado da produção da vida material dos homens enquanto personagens de um determinado momento histórico — sugerem a cada indivíduo não

de certa maneira ele efetivamente o é- embora o tratamento dado pelo autor das citações desperte a sensação de que ego e corpo sejam duas entidades isoladas num mesmo espaço. Esta concepção é claramente identificável na citação que se segue quando se refere ao ego e corpo como uma "dupla que trabalha em conjunto". Não tenho a intenção de discutir as categorias psicológicas, nem o autor em pauta, prendendo-se o uso das citações à maneira como está colocada a discussão sobre imagem e sobre a contradição ego-corpo as quais utilizo para construir um paralelismo com o histórico e o social.

somente a imagem que deve assumir nessa relação com o todo, mas também a imagem que deve supor ser a assumida por cada um dos outros integrantes desta relação.

A imagem, produto da consciência predominante, determina em que papel deve se inserir o indivíduo na divisão social programada e regida pelas regras daquela mesma dominação.

A realidade corporal, reflexo de suas necessidades, reage a esta determinação não necessariamente de forma antagônica.

O movimento é a expressão da contradição que a realidade corporal do indivíduo, responsável pela sua consciência, mantém com a consciência corporal dominante incorporada, é a expressão das contradições que esse indivíduo mantém com o papel que lhe foi imposto socialmente.

Em conclusão o movimento corporal é a expressão das contradições que o indivíduo mantém, com o todo social, por sua integração à divisão social.

CAPÍTULO IV

O movimento corporal e as relações sociais

Movimento Corporal e o Trabalho

As contradições vivenciadas por cada indivíduo em relação ao todo social, quando observadas no seu conjunto, não são desvios nefastos de condições idealmente concebidas, mas resultados reais e pertinentes ao modo particular com que se processou o fazer histórico até o momento dado.

Desde o momento em que os homens começam a produzir seus meios de existência, a partir de movimentos possíveis, dado sua estrutura física, a história, ou o fazer histórico humano foi produto e produtor dessa estrutura física e de seus possíveis movimentos.

Concluiu-se no capítulo anterior que o movimento corporal é a expressão das contradições que o indivíduo mantém, com o todo social, por sua integração à divisão social.

A divisão social, por sua vez, é uma maneira particular de se visualizar as condições materiais de produção de um povo, o modo como produzem seus meios de existência.

Há poucas páginas atrás citou-se Marx, em "A Ideologia Alemã," quando este se referia, ao início da produção dos meios de vida, como fator distintivo do homem entre os animais.

Engels, em "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem", assim se refere:

"Foi necessário seguramente, que transcorressem centenas de milhares de anos — que na história da Terra tem uma importância menor que um segundo na vida de um homem — antes que a sociedade humana surgisse daquelas manadas de macacos que

trepavam pelas árvores. Mas, afinal, surgiu. E que voltamos a encontrar como sinal distintivo entre a manada de macacos e a sociedade humana? Outra vez, o trabalho."¹⁰⁴

Desde o início das considerações aqui levantadas, tem-se afirmado que o movimento corporal foi elemento de diferenciação do ser humano, sob vários aspectos:

O movimento corporal na luta contra a gravidade estabeleceu, ao tempo em que se manifestavam as diferenciações geneticamente dadas, a qualidade da estrutura corporal que as portaria.

O movimento corporal criou as condições, enquanto estímulo, para a corticalização, e o posterior surgimento do pensamento como etapa superior do modo de ser humano, acompanhada em seguida da linguagem articulada.

O movimento é anterior à estrutura, é anterior ao pensamento, é anterior à linguagem articulada.

A gestão do pensamento como condutor do movimento eleva-o à categoria de práxis da corporalidade ao ceder-lhe o papel de objetivador do pensamento na construção da cultura.

O homem objetiva-se, através do movimento, nas coisas que produz.

Ao produzir um objeto o homem realiza seu pensamento, sua intenção, através do ato motor.

Do mesmo modo que o movimento torna o pensamento objeto da realidade material, torna o produto objeto do pensamento, e expressa durante o ato produtivo do pensamento e do objeto a

104 ENGELS, Friedrich, *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, in Obras Escolhidas, RJ, Editorial Vitória, pg. 275.

contradição que mantém com a condição em que se insere, individualmente, no modo de produção social.

O movimento é a dialética da realidade do corpo.

Com a produção por parte do ser, dos seus meios de existência, de sua vida material, temos a passagem do movimento como significação do ser da história para significação da história do ser, e como corolário, expressão das contradições que este mantém com o todo.

Trabalho e produção da vida material diz-se da mesma coisa.

No início do capítulo anterior foi formulada a seguinte pergunta:

Que movimento corporal pratica o homem, mais especificamente o homem moderno?

Esta pergunta foi respondida na conclusão daquele capítulo e agora poderá ser complementada.

O movimento corporal praticado pelo homem moderno é a expressão das contradições que ele mantém com o todo social por sua integração à divisão social do trabalho e ao modo de produção social vigente.

A objetivação do pensamento, processado pelo movimento corporal, na produção material, expressa, ao tempo que constrói, a contradição produto x produtor.

A característica específica do modo de produção que se realiza no presente momento histórico é a posse, por uma parcela da sociedade, uma classe social, dos meios e dos instrumentos de produção. E a posse por outra parcela da

sociedade, a classe social que se contrapõe a anterior, da força de trabalho produtiva.

A compra da força de trabalho pela classe capitalista permite-lhes a produção das mercadorias e a reprodução do capital. A venda da força de trabalho por parte dos assalariados permite-lhes a aquisição dos recursos necessários para assegurar seus meios de subsistência.

Esse modo de produção determina-se na dominância exercida por uma classe sobre outra, a classe capitalista sobre a parcela assalariada.

Uma outra implicação desse modo de produção, o modo capitalista de produção, é a concentração em uma parcela cada vez menor da sociedade do capital necessário à manutenção e propriedade dos meios de produção e, de realização dos meios de subsistência para o todo social.

Esses fatos, associados à divisão da produção social em parcelas especializadas dos participantes do processo produtivo, são algumas das características que justificam a afirmação de que sob o capitalismo há uma produção social e uma apropriação privada.

O mesmo fator radicado na transformação do "animal" em "homo", encontra-se na raiz de todas as suas contradições.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre produto do pensamento e produto do movimento.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre a cidade e o campo.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre as classes sociais pela posse dos meios de produção.

O presente modelo produtivo, exacerbou a contradição entre a cidade e o campo, exacerba também a contradição entre as classe sociais pela posse dos meios de produção, e solicita a contraposição do trabalho intelectual ao trabalho manual, com priorização de cada vez maior especialização em ambos os campos.

A idealização e a posse do objeto de produção é papel da classe dominante, a operacionalização da idéia é papel da classe dominada.

Os produtos assim elaborados são aqueles que partem dos princípios idealizados pela classe dominante como necessários ao consumo de toda a sociedade.

O todo social consome, portanto, os objetos produzidos pela materialização da idéia de uns poucos. É obrigado a consumir os objetos produzidos como sendo objetos de seu interesse, de sua necessidade. Para que esse consumo se concretize sem traumas, a classe dominante utiliza-se da propaganda, da mídia, que trata de convencer o todo social de que aqueles produtos são os ideais e realmente necessários para a sua sobrevivência e felicidade.

Essa mesma propaganda é utilizada no sentido de convencer a massa assalariada que o papel que lhe foi destinado no modo de produção é o ideal e realmente necessário à produção social, o papel que a dignifica, e que deve ser eternizado. Ao mesmo tempo convence a própria classe dominante de que a

conceituação e a determinação de atribuições é, por destino, seu dever inalienável.

Esse procedimento implica que todos devem aceitar como ideal o papel que lhes foi destinado pela evolução social do modo de produção.

O papel de cada indivíduo não se realiza no plano das idéias, mas sim na atividade real que deve por ele ser desempenhada. Realiza-se, portanto, no movimento.

Ao determinar atribuições, a classe dominante determina em última análise os movimentos que devem ser efetuados por cada componente do todo social. Determina como deve se objetivar o pensamento daquele que, sob essas circunstâncias se move, e do mesmo modo determina como e em que objetos o pensamento deve ser realizado.

A automatização necessária ao desenvolvimento do Capital torna imprescindível que o processo produtivo seja rotineiramente resolvido com a divisão de tarefas na consecução do objeto final esperado.

Sob esse aspecto o produto finalizado é sempre resultado da ação de vários homens, e não da ação de um só ou de poucos.

Em contrapartida a produção de um indivíduo não é um produto inteiro mas uma parcela dele. O indivíduo perde capacidade de conhecer a totalidade de sua criação, por um lado ao produzi-lo apenas em parte, e por outro por não possuí-lo enquanto produto de sua criação.

Uma parcela diminuta da sociedade não realiza seu pensamento através do ato motor objetivado no produto, mas sim utilizando-se do ato motor de outrem. Não tem sequer necessidade do ato motor. O produto não o interessa enquanto objetivação das faculdades de quem o produziu, mas tão somente enquanto objetivação de um produto ideal pensado que se concretiza no objeto apenas enquanto mercadoria que deve retornar à forma de capital.

"O resultado do processo de produção capitalista não é nem um simples produto (valor de uso), nem uma mercadoria, isto é, um valor de uso que possui um valor de troca determinado. É a criação de mais-valia para o capital... Com efeito, o que o capital, enquanto capitalista, quer produzir, não é nem o valor de uso diretamente destinado ao consumo pessoal, nem a mercadoria destinada a ser transformada primeiro em dinheiro e mais tarde em valor de uso. Seu objetivo é o enriquecimento, a produção da mais-valia, o aumento do valor, isto é, a conservação do antigo valor e a criação da mais-valia. Esse produto específico, o processo de produção capitalista só o realiza pela troca do capital pelo trabalho que, por essa razão, se denomina trabalho produtivo."¹⁰⁵

Contrapõe-se a uma imensa parcela social cujo ato motor se concretiza em partes do objeto produzido. O objeto, verdadeiramente, não realiza através do movimento o pensamento de quem o faz, mas sim o pensamento de quem o idealizou "imposto" ao ato produtivo. Também nesse caso o que está sendo objetivado é um ideal que se realizará apenas no salário, paga à sua força de trabalho, e não ao objeto produzido.

"A divisão do trabalho na sociedade é característica de todas as sociedades conhecidas; a divisão do trabalho na oficina é produto peculiar da sociedade capitalista. A

105 POULANTZAS, Nicos, *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje*, RJ, Zahar Editores, 1975, pg. 229.

divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção.”¹⁰⁶

O movimento que se desenvolve no trabalho não realiza a objetivação da realidade, mas tão somente realiza a expectativa de um ideal de mercadoria, e de salário, exatamente por não realizar o objeto enquanto resultado do ato produtivo.

Ao afastar o produtor do objeto de sua produção impede que aquele se objetive no encontro pleno com este.

“O trabalho alienado, ao qual MARX fez referências n’O Capital, tem a sua intensidade paulatinamente incrementada à medida que o operário não relaciona o produto de seu trabalho com o seu fazer, sendo-lhe estranho e distante. Em virtude dessa alienação (de seu trabalho com o produto), é levado a uma alienação ainda maior: em relação com os outros homens.”¹⁰⁷

Sob o modo capitalista de produção o trabalho já não preenche o universo de produção da vida material de seus participantes, ao não permitir que o indivíduo aplique durante sua jornada os movimentos necessários à sua completa objetivação.

Se não objetiva, oculta.

A característica de veiculação do processo de consciência, foi parcialmente alijada do trabalho.

106 BRAVERMAN, Harry, *Trabalho e Capital Monopolista*, RJ., Zahar Editores, 1981, pg. 72.

107 FINOCHIO, José Luiz, *Trabalho, Tempo Livre e Cultura Física - Aspectos do Desenvolvimento Humano*, Dissertação de Mestrado, UFMS- Centro de Ciências Humanas e Sociais, 1991, pg.85.

O modo de produção exposto recomenda para o trabalho o movimento corporal especializado, o movimento corporal que não experimenta as variadas potencialidades do indivíduo solicitado, o movimento apenas necessário, não ao seu conhecimento, mas ao cumprimento de sua tarefa na reprodução do capital.

As regras sociais para o movimento, numa sociedade dividida em classes e com a hegemonia de uma classe em particular, minimizam e educam seus protagonistas ao convívio sem trauma entre dominados e dominadores, oferecendo a estes a possibilidade de conhecerem o seu lugar, o lugar que lhes foi destinado e o modo como devem ocupá-lo. Uma vez aprendidas definirão a nível de consciência corporal como o cidadão deverá comportar-se frente aos seus superiores, definirão a consciência de suas possibilidades, as quais nunca deverão ou serão ultrapassadas.

No trabalho, as relações interpessoais criam uma série de artifícios posturais, gerenciadores das proximidades entre os vários graus hierárquicos.

Ao superior hierárquico cabe mandar, olhar profundamente nos olhos, falar com voz severa, imperativa, permanecer sentado enquanto o outro está de pé e levantar-se todo-poderoso sobre o outro, quando este se senta.

Ao subordinado cabe obedecer, baixar os olhos quando olhado, falar com voz contida, gaguejando, permanecer em pé se não autorizado a sentar-se, ou sentar-se diminuto enquanto o superior sobre ele se levanta.

Embora a proposta foi tornar evidente os aspectos específicos da sociedade urbana, sitiada nos centros de poder, cumpre lembrar que no Brasil, mas não só nele, em algumas localidades afastadas o trabalhador é submetido a regime de trabalho escravo não só no que concerne à produção em si, mas também nas relações pessoais, passando por processos de prisão particular, chicoteamento, humilhações corporais e completa perda de liberdade, patrocinada por patrões e capatazes, cientes de seu papel na divisão social de trabalho.

Aspectos diversos da mesma relação, ambos propõe ao indivíduo comportamento corporal de aceitação às normas que lhe são impostas, ambos os sujeitam ao conhecimento parcial de suas capacidades corporais.

Instado por essas realidades, instaura-se o conflito. Seu movimento já não é fonte segura de respostas à sua capacidade corporal. Seu movimento é a expressão das contradições que mantém com essa realidade.

O movimento corporal enquanto expressão dessas contradições não se conclui apenas no trabalho.

O modo capitalista de produção retirou do trabalho o papel de ser totalmente responsável pela produção da vida material dos indivíduos, tendo-o transformado em momento de simples reprodução de mercadorias.

Não tendo condições de sentir prazer no trabalho, o indivíduo separa do trabalho, e a ele contrapõe, os momentos responsáveis por outras parcelas de construção de sua vida material.

Busca-o nos momentos de lazer, especificamente construídos para isto, busca-o no momento em que troca seu salário pelas mercadorias que lhe são necessárias, busca-o nos momentos em que a compensação espiritual lhe parece a solução, busca-o nos momentos em que trava contra o sistema suas batalhas pela transformação social e pela sua possibilidade de inserção de modo hegemônico.

Esses instantes temporal, geográfica e idealmente conotados distintos, são contradições que encontram sua unidade no movimento de cada um.

Movimento Corporal e Convivência Urbana

A minimização do movimento não é característica exclusiva do trabalho, podendo ser observada em vários aspectos da vida de relação dos sujeitos sociais.

Na família, a criança passa por vários aprendizados que lhe darão limites precisos de convivência, aprende que seus desejos depende das possibilidades de serem atendidos, aprende que seus espaços, invariavelmente, fazem fronteira com espaços alheios e que serão maiores ou menores dependendo das reações que imprimir às tentativas de reduzi-lo, aprenderá que o amor é uma característica dos seres sociais, e aprenderá também que quem provê goza da hegemonia de opinião, mesmo que seja para cedê-la em favor da opinião de outrem. Os castigos e as benesses serão espacialmente gozados com uma maior ou menor possibilidade de movimento.

A mesa aprenderá a comportar-se como adulto, embora não o seja, uma vez que o adulto é o ideal de comportamento dominante. Não comerá segurando a comida com as mãos nuas, iniciando-se na esgrima dos talheres. Aprenderá a não sentar-se sobre os pés, na cadeira, ou à moda índia. Esses dois modos de sentar proporcionam a quem os usa um amplo domínio da musculatura abdominal, dorsal e do ponto de apoio do corpo — a criança o procura naturalmente, há um conhecimento corporal instaurado que a impele a isto. Quando o adulto a obriga a colocar os pés para baixo, estará forçando seu corpo a um comportamento indevido, pois, uma vez que os pés não alcançam o chão, não terá ponto de apoio, haverá um esforço excessivo na manutenção do tônus abdominal e dorsal, em pouco tempo este será abandonado e a criança se recostará, arqueada, nas costas da cadeira. E se tornará um adulto.

Extensão da família no preparo do indivíduo para ingresso no fazer social, a escola cedo interfere com seu *modus operandi* condicionador de comportamentos corporais.

Embora institua um momento específico onde seus membros dedicar-se-ão às atividades corporais, raramente o corpo é exercitado à procura pura e simples de seu maior conhecimento e capacitação.

Os momentos corpóreos são dedicados normalmente ao cumprimento de atividades esportivas ou afazeres funcionais disfarçados em processos lúdicos. Quando a atividade é esportiva atende tão somente as prerrogativas do esporte de competição, com a eleição do melhor, do pior e dos outros.

Excetuado esses momentos o aluno deve atender a um regime de imobilidade de várias horas diárias em uma carteira escolar que impede os mínimos movimentos de compensação ergonômica.

Não há integração ativa da possibilidade movimento-conhecimento uma vez que este é adquirido em autoritário regime de não movimento.

O processo de negação do corpo e mais que isso, de sua própria destruição, inicia-se antes mesmo da chegada no ambiente escolar.

Inicia-se quando uma criança de 6 ou 7 anos é obrigada a carregar diariamente, pela distância que tenha de percorrer de sua casa à escola e vice-versa, uma mochila com vários quilos de peso contendo livros, cadernos e outros materiais escolares necessários ao exercício de sua mente.

A imagem é clara, ao corpo e ao movimento possível, basta-lhes que sejam suficientes para transportar os fardos do saber.

Parágrafos atrás foi feito comentário a respeito de afazeres funcionais disfarçados em processos lúdico. A esse respeito a realidade é mais contundente que qualquer fantasia.

O Fantástico, programa dominical da TV Globo, mostrava em um dos seus blocos do dia 14 de agosto de 1994 que, nos Estados Unidos, uma atividade de preenchimento para os meses de férias escolares infantis estava conquistando enorme grupo de adeptos.

Tratava-se de uma colônia de férias que oferecia a seus participantes o seguinte cardápio diário: uma hora matutina de diversão: piscina, jogos e brincadeiras e cerca de doze horas diárias de aprendizado à respeito do procedimento em negócios, como dirigir uma empresa, como trabalhar com margens de lucro, como aplicar em ações, quais deveriam receber maior atenção dependente de seu comportamento na Bolsa de Valores, etc.

As crianças tinham idade variável entre 7 à 15 anos e aparentemente estavam felizes desfilando seus conhecimentos sobre quais seriam as melhores aquisições em ações para aquele dia. Os adultos que os assessoravam concordavam com as escolhas feitas, eram as ideais. Um detalhe sem importância foi trazido à tona: perguntadas, as crianças não conseguiam explicar porque aquelas ações eram as mais interessantes. Em flashes ocasionais alguns pais eram entrevistados externando a enorme satisfação que sentiam frente ao comportamento de seus filhos.

A educação para a imobilidade não poderia estar sendo feita de maneira mais efetiva.

Se a escola nos prepara para a subsistência material no mercado de trabalho, a igreja nos prepara para a subsistência espiritual.

Do mesmo modo que a sociedade ocidental é referida como depositária das transformações sofridas pela sociedade greco-romana, a igreja que vigiou seu desenvolvimento espiritual também aí encontra suas origens. São nas tradições judaico-cristãs que encontram-se as razões mobilizadoras de suas atuais intenções.

O corpo para o cristianismo sempre foi apenas o depositário da alma imortal.

Não é portanto surpresa observar-se o papel reservado ao movimento corporal na prática cristã.

A palavra não é seu maior argumento e o corpo aí imobilizado penitencia-se culpado por pecados cometidos por ancestrais mitificados. A culpa de Adão e Eva foi exatamente terem-se movimentado em busca do conhecimento de posse divina. A partir daí o corpo padece a imobilidade, a flagelação para que a alma, purificada do corpo, transceda ao Paraíso.

A penitência não é dirigida apenas a compensação de atos absolutamente agressores de nossa humanidade — não matarás — mas também a desejos à propriedade privada de outrem — não desejarás as coisas alheias — impedindo qualquer movimento de conquista a igualdade da posse.

Os movimentos de expansão e extensão são preteridos em favor dos movimentos de flexão e encolhimento, e quando são efetuados não buscam o conhecimento ou a descoberta de capacidades corporais, mas sim a sublimação da alma e a glorificação divina.

Momento de aprendizado corporal de outra ordem, mas com resultados semelhantes, se dá na relação mantida entre os membros das federações militares ou policiais, que não fogem à regra na intimidação constante dos subordinados hierárquicos, moldando comportamentos corporais e consciências, sempre no sentido de manutenção daquela que é hegemonicamente determinante.

Sobre esse aspecto cumpre lembrar e estabelecer o papel que desempenham essas forças junto a comunidade de cidadãos. Normalmente coercitivos, são lembranças constantes de um poder cujo controle não lhes pertence e que, em nome de interesses ditos do Estado, tolhem fisicamente suas manifestações e júbilos.

A força física adotada por esses órgão de repressão são o que de mais evidente se encontra nos seios das sociedades, do caráter explicitamente hegemônico e heterogêneo do poder numa sociedade de classes e como exemplo cabal do impedimento do cidadão ao movimento e ao conhecimento que esse proporciona.

Elias Canetti refere a seguinte diferença entre força e poder:

“A diferença entre força e poder pode ser exemplificada de maneira evidente pela relação entre o gato e o rato.

O rato, uma vez caçado, encontra-se sob o regime de força do gato; este o agarrou, o mantém preso, sua intenção é matá-lo. Mas, assim que ele começa a *brincar* com o rato, acrescenta algo de novo ao relacionamento. Solta-o e permite que ele corra um pouco. assim que o rato se vira e corre, escapa do regime de força. Mas está em *poder* do gato fazer com que ele retorne. Se o gato permite que o rato se vá definitivamente, este é excluído de sua esfera de poder. Até o ponto em que o rato pode ser alcançado com toda a certeza, ele permanece em poder do gato. O espaço que o gato controla, os momentos de esperança que ele concede ao rato vigiando-o atentamente sem perder o interesse por ele e por sua destruição, tudo isto reunido — espaço, esperança, vigilância e interesse destrutivo — poderia ser designado como o corpo propriamente dito do poder ou simplesmente, como o próprio poder.

Portanto, ao contrário do que ocorre com a força, o poder pressupõe uma certa amplitude: mais espaço e também algo mais de tempo."¹⁰⁸

O poder assim referido, embora de fácil entendimento parece sugerir a tese de sempre é exercido por alguém naturalmente agraciado para exercê-lo.

A inversão dos papéis na citação seria um despropósito. Não há como discutir a capacitação natural do gato em relação ao rato no exercício do poder. O movimento do gato impedindo o movimento do rato.

O que dizer entretanto do poder do gato sobre o gato, do rato sobre o rato ou do homem sobre o homem.

O homem arma-se para adquirir a força necessária ao exercício do poder. O detalhe está em que, no âmbito de uma cultura, o direito à distribuição dirigida de armas é socialmente cedida.

Numa sociedade de iguais se alguém adquire poder, foi porque alguém cedeu.

É a cessão de poder que cria o poderoso, ou a possibilidade de que ele seja exercido por alguém, o poder não é mercadoria que possa ser encontrada na natureza para ser acumulada à revelia, mas especialmente cultivado na relação entre pessoas e entre elas cedido e adquirido.

Não é o poderoso que toma o poder, mas o outro que o cede e, assim agindo, cria o poderoso.

Daí a importância nas trocas sociais que haja um fator de convencimento no sentido de que existe uma natureza em ceder poder e uma natureza em conquistá-lo ou acumulá-lo.

Este fator de convencimento é permeado nas experiências familiares, escolares, religiosas e finalmente na relação com os instrumentos sociais de repressão.

A característica principal deste convencimento é a solicitação ao dominado para que assuma posições corporais que diminuam a sua mobilidade e o seu aprendizado corporal através do movimento.

Essa expectativa comportamental impera impressa no próprio ambiente intencionalmente modificado.

Uma análise passageira do ambiente urbano é suficiente para despertar-nos para as limitações ao movimento que nos cercam e ao nosso cotidiano.

O apartamento é apenas uma das características da urbanização proposta pela sociedade atual. Fartamente analisado como impeditivo ao movimento, é comum ouvirem-se críticas ao comportamento corporal de crianças que a eles são sujeitas, por passarem horas imóveis frente a uma televisão ou vídeo-games.

A tendência mais real da urbanização é criar ambientes planos, com superfície que não traga surpresas ao andar, não tenha buracos ou elevações. Em casa, nas ruas, nas escolas, nos quartéis, esse é o tipo de superfície que prevalece. Utiliza-se apenas as pernas na deslocação do corpo, as mãos praticamente caíram em desuso nessa atividade.

Ocorre que, como já foi relatado, nossa estrutura corporal mantém-se a mesma há dezenas de milhares de anos, essa estrutura aprendeu a estabilizar-se em pé recorrendo a ajuda das mãos, fazendo com que a estrutura escapular seja um importante acessório na manutenção da postura ereta e fornecendo um segundo ponto de apoio para que a musculatura abdominal adquira a tonicidade adequada a contrapor-se à musculatura dorsal. A ausência das mãos, mesmo que em pequena escala no ato de locomover-se, implica na perda dessas capacidades corporais e o arqueamento precoce da coluna. Implica em desconhecimento pelo corpo de suas capacidades.

A utilização de sapatos para a proteção dos pés trouxe inconvenientes que se associam aos acima relatados. Os pés protegidos por grossas solas, perdem o contato com os estímulos que despertam no corpo a capacidade de respostas rápidas à situações inesperadas. O chão plano, associado a intensa proteção de nossos pés diminuem nossos reflexos de defesa, de impulsão, e de pressão do ponto de apoio contra o solo. O chão está constantemente grudado nos nossos pés.

Uma experiência muito interessante em neurofisiologia, relacionada com o acima exposto, obtém-se colocando-se meias nas quatro patas de um gato ou de um cão. Num primeiro momento com a perda do contato com o solo, há a perda dos estímulos que geram os reflexos cinestésicos de equilíbrio e os animais locomovem-se como se não percebessem que o chão não se encontra mais sob seus pés, tal qual bebados. A cada mudança de passo, o desequilíbrio, as quedas e desnorteamento do senso de direção é

intenso. Só após muito treino é que esses animais adquirem a capacidade de locomoverem-se sem aquele comportamento. Perdem, entretanto, a capacidade de se defenderem de uma superfície nociva, seja de espinhos, de cacos, ou de outra espécie de agentes agressores.

Aplicada ao homem resta-nos o conhecimento do quanto estamos indefesos pela perda de movimento e de consciência quanto a nossa capacidade corporal.

O progresso é sempre uma visão relativizada da realidade. Muito embora algumas dessas alterações estruturais, pelas quais passa o espaço urbano e os costumes no decorrer do processo de aquisição de conhecimento, possam ser submetidas ao crivo de uma visão absolutizada de progresso, o que procede é verdadeiramente observar-se o modo como este se desencadeia, o que está sendo adicionado e o que está sendo perdido pelo modo proposto.

Movimento Corporal... à procura da liberdade.

Nos exemplos acima oferecidos para a exemplificação dos pesares sobre o movimento proporcionados pela sociedade moderna, não foram citados, deliberadamente, todos aqueles relacionados à marginalização que prolifera no modo capitalista de produção.

"Senhor distinto e bárbaro, a um só tempo, arrasta a seu túmulo os cadáveres de seus escravos, numa verdadeira hecatombe de operários que soçobram nas crises. Desse modo vemos que enquanto o *capital aumenta rapidamente, a concorrência entre os operários aumenta de maneira infinitamente mais rápida, isto é, os meios de ocupação e*

*de subsistência para a classe operária, diminuem proporcionalmente ainda mais e que, apesar disso, o crescimento rápido do capital é a condição mais favorável para o trabalho assalariado."*¹⁰⁹

Dizer-se da imobilidade da criança no apartamento reduzido é fazer pilhéria ao exército de trabalhadores submetidos às mais degradantes situações de moradia, às famílias amontoadas em barracos de cômodos únicos e mal respiráveis.

Dizer-se da imobilidade a que está submetida a criança à mesa de refeições é escarnecer sobre as condições de alimentação subhumanas das crianças operárias, ou do exército de reserva.

Comentar-se sobre a situação escolar dos estudantes é tripudiar sobre os inúmeros alijados do processo de ensino por absoluta impossibilidade de a ele se integrarem.

Referir-se à imobilidade que nos submete o poder através da força ativamente articulada é zombar da imobilidade a que são submetidos os milhões de assalariados que esforçam-se por distribuir o seu dia entre poucas mal dormidas horas, um trabalho sem criatividade, repetitivo e estafante, e o restante em um transporte de péssima categoria, sem que qualquer alternativa de lazer, prazer ou esperança lhes seja oferecida.

A hegemonia do modo capitalista de produção cria um exército infinito de crianças maltrapilhas e adultos exauridos.

¹⁰⁹ MARX, Karl, *Trabalho Assalariado e Capital*, in *Obras Escolhidas - Volume I*, RJ, Editorial Vitória, 1956, pg. 92.

A esse exército o único movimento que lhes é oferecido é o de repetição do anterior.

“O discurso apologético da burguesia de que a industrialização contribuiria para a melhoria do bem-estar de toda a sociedade, na formação de um homem criativo, combativo, político, desnudar-se-ia ante uma forma de trabalho degradante.”¹¹⁰

A conquista pelo homem de seu movimento, do movimento que expressa sua capacidade, está na supressão do trabalho na forma como este se apresenta e, portanto, na supressão do atual modo de construção da vida material do homem. Está na conquista de toda sua capacidade corporal de movimento.

“Não se trata da supressão do trabalho criador, mas sim do trabalho alienado, do trabalho nas condições históricas do proletariado, na qual o trabalho não tem o significado de manifestação de vida e de atividade humanizadora.”¹¹¹

Sob esse aspecto:

“A superação da propriedade privada é por isso a emancipação total de todos os sentidos e qualidades humanos; mas é precisamente esta emancipação, porque todos estes sentidos e qualidades se fizeram humanos, tanto objetiva como subjetivamente.”¹¹²

É a experimentação corporal que cede ao indivíduo a possibilidade de tomar consciência da unicidade pensamento—movimento, dialeticamente contidos um no outro, e assim estar em condições de traçar os caminhos de sua realidade corporal, tendo como ponto de partida sua capacitação e como meta o cumprimento de suas expectativas.

110 FINOCCHIO, José Luiz, *op.citada*, pg. 88.

111 IDEM, *ibidem*, pg. 89.

112 MARX, Karl, *Manuscritos Econômicos e Filosóficos, e outros textos escolhidos*, Coleção Pensadores, SP, Editora Nova Cultural, 5a.ed., pg.171.

São essas expectativas, afiançadas na realidade de seu corpo, que dão substrato às contradições que manterá com as expectativas idealmente determinadas pelo todo social. São elas também que definirão, enfim, a sua singularidade social, responsável pelo colorido que assumirá seu movimento corporal enquanto expressão da contradição que mantém com esse mesmo todo, por sua integração ao modo de produção social vigente enquanto práxis da corporalidade.

CAPÍTULO V

Conclusões

Em tópico anterior, nessa dissertação, foi afirmado que sobre o corpo há muito a ser dito. Sua retomada tem a intenção de trazer à tona seu duplo sentido:

No mais explícito assumir a necessidade de desenvolvimento das teses aqui levantadas, no implícito guardar a certeza de que esta contribuição faz parte, do que já foi dito, do conhecimento que o homem tem sobre si enquanto ser constituído.

Admitindo entretanto, como sugere o título, o movimento corporal como práxis da corporalidade, o complemento a esta frase seria:

—Pelo corpo há muito a ser feito.

A questão está em que, ao corpo, deve ser proporcionado a possibilidade de experimentar-se, de conhecer-se profundamente na relação que mantém com o cotidiano vivido.

O aprendizado do corpo para ser humano é tarefa que só pode ser executada em meio a humanos mais experientes — vale a pena relembrar o resultado obtido pelas irmãs meninas-lobas de Zingg na sua iniciação corporal com não-humanos (Capítulo II).

É tarefa que implica, no início do aprendizado, no exercício de um humano sobre outro, que implica, portanto, numa relação de dominação e poder prévia e biologicamente estabelecida — talvez o único momento na história do homem em que dominação e poder não têm, necessariamente, o mesmo significado de apropriação e opressão.

"Contudo, o homem de fato muda no decurso da história; ele se desenvolve, se transforma, é o produto da história; assim como ele faz a história, ele é seu próprio produto".⁹⁴

Este aspecto do homem real criando a si próprio, estabelece de maneira muito precisa o movimento humano como expressão da consciência de si enquanto produto da sua criação. É na relação com o mundo material que o pensamento do homem se objetiva, é no seu retorno ao mundo material sob a forma de movimento que a matéria pensante, objetiva a realidade.

No movimento que desencadeia essa relação com o mundo, uma relação de produtividade, de atividade produtiva, o homem retorna a si próprio enquanto produtor, produto e criação, constrói sua própria essência.

A história do homem, todavia, não é a história da conquista do pensamento pelo movimento, e a de seu contrário dialético, no cotidiano da construção de sua vida material. Mas a história da forma com que suas relações sociais, sob modos de produção determinados, precisou a construção de suas vidas materiais.

A história coletiva da humanidade evolui da história de seus povos isolados geográfica ou etnicamente para uma história de caráter universal. Não é mais possível separar-se o fato de que as decisões internas nos países desenvolvidos influenciam e determinam os modos de sobrevivência nos países subdesenvolvidos.

⁹⁴ FROMM, Erich, *op. citada*, p.35.

A história humana desembocou em um momento de divisão social em classes e de dominação. O modo produtivo sendo permeado pelo modo com que se dá a dominação. O domínio sobre os meios de produção determinando a classe que se estabelece como força material dominante.

Se anteriormente foi estabelecido o movimento corporal do habitante da cidade como ideal para as considerações que seriam propostas, foi porque esperava-se através dele evidenciar características do movimento específicas desse modelo.

"A história não é mais do que a sucessão das diferentes gerações, cada uma delas explorando os materiais, os capitais e as forças produtivas, que lhes foram transmitidas pelas gerações precedentes".⁹⁵

Já foi dito que as idéias, os conceitos, surgem como emanção da produção da vida material do homem.

A cada momento histórico determinado, o grupamento ou classe social que detiver o domínio sobre os meios de produção da vida material dos indivíduos, será a força material dominante, e uma vez dispondo dos meios de realização da vida material, disporá dos meios de realização das idéias e dos conceitos desse mesmo momento histórico. "ou seja, a classe que tem o poder *material* dominante numa dada sociedade é também a potência dominante *espiritual* (...) de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem

95 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *op. citada*, p.44.

de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias do seu domínio. (...) as idéias dominantes de sua época."⁹⁶

"Com efeito, cada nova classe no poder é obrigada, quanto mais não seja para atingir os seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade ou, exprimindo a coisa no plano das idéias, a dar aos seus pensamentos e idéias a forma da universalidade, a representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos."⁹⁷

Movimento Corporal e Contradição Social,

A consciência enquanto um produto social, fruto da vida material, enquanto um fazer histórico, é produto da consciência coletiva, não prescindindo, portanto, das contradições internas forjadas pelas classes que compõem esse coletivo social. A disposição pela classe dominante dos *meios de realização das idéias*, apropria-se deste produto coletivo, sujeita-o à sua dominação, à sua consciência de classe dominante, e o realiza, *idealizado*, enquanto produto social, como produto do seu domínio, como consciência dominante.

A consciência coletiva assim *apropriada e realizada* é a cada momento a consciência dominante, a consciência da classe dominante, a "expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante"⁹⁸, cuja consciência toma forma de universalidade, a única universalmente válida. O movimento corporal expressa, então, a consciência corporal dominante, a consciência definida como ideal, de onde deriva sua consciência de si, também a permitida

⁹⁶ IDEM, *ibidem*, p.55.

⁹⁷ IDEM, *ibidem*, p.57.

⁹⁸ IDEM, *ibidem*, p.56.

— não como um fato jurídico normatizado, mas enquanto um fato histórico da forma de ser da consciência corporal na sociedade de classes — por essas mesmas relações de dominação.

Mas se é verdade que a predominância de um modo material e espiritual cria um modo material e espiritual de produção *idealmente* definível como os únicos modos universalmente válidos, é também verdade que os indivíduos não reproduzem uniformemente e identicamente o modo material e espiritual proposto pela consciência social. Essa singularidade assumida pelos indivíduos em suas produções é exatamente a resultante das contradições criadas na sua relação individual com o universo socialmente aceito como válido, é a expressão de sua mediação com o todo social, é o resultado das contradições do indivíduo na produção de sua vida material com o universo idealizado de modos universalmente válidos. Isso acarreta uma mudança no anteriormente enunciado e torna objetiva a consideração genérica de que a consciência corporal que é expressa através dos movimentos corporais, é o reflexo das contradições entre a consciência corporal do indivíduo — de base material — e a consciência corporal dominante — de base ideal. Seu movimento corporal é a expressão do modo como se dá sua inserção dialética ao papel que lhe foi proposto, nas condições objetivas de desenvolvimento da sociedade, pelo todo social.

Se é pelo movimento humano, enquanto práxis da corporalidade ao desencadear uma relação de atividade produtiva, que o homem retorna a si próprio enquanto produtor e

criação, enquanto criador e criatura, se é nesse movimento que o homem toma consciência de si, é também verdade que esse movimento se concretiza em contato com os objetos que lhe estão sujeitos, enquanto confirmação das faculdades do indivíduo que o cumpre das sensações e dos desejos por ela veiculadas, dito de outro modo, através da objetivação da sociabilidade das faculdades que o funda, de modo que a produção não somente produz um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto.

Sob um ponto de vista psicológico, o sujeito criado é um ser com um senso de identidade definido que provém de sua permanente relação com a cultura em que se insere. A construção do "eu" terá experimentado, então, várias diferentes predominâncias, ora biológicas, ora sociais.

Se o eu biológico, evolutivamente fixado na distribuição das espécies, tem características de desenvolvimento que suportam um alto grau de antecipação, será sua transformação em um eu socialmente constituído, organicamente dependente, que definirá as singularidades que o permitirá enquanto espécime.

O movimento corporal que pregressamente foi responsável pelos aspectos particulares de sua evolução, novamente assume papel de imprescindível articulador de suas relações na consolidação de sua diferenciação, expressão ímpar que será do modo como se resolvem as contradições advindas do cumprimento do papel que lhe foi destinado pelo todo social.

A passagem para o eu socialmente constituído implica na aquisição da imagem de si.

"Conhecer-se de fora para dentro, depois de se ter conhecido de dentro para fora."⁹⁹

A tarefa que se impõe é a construção de uma imagem que explicita ao "eu" o conhecimento de suas potencialidades. A construção de uma imagem que não seja portadora desses adjetivos, embora seus limites devam ser dinamicamente estabelecidos, é a construção de uma imagem abstrata.

Processo eminentemente pessoal, a aquisição da imagem é drama que se sustenta e se estabelece enquanto produto social, de sociabilização, ou seja, é elaboração que vai encontrar no mercado social de imagens a sua validação. A construção da imagem nunca é tarefa de um indivíduo isolado, mas de um indivíduo submetido aos valores de um determinado meio.

Nas relações entre sujeitos a imagem é extremamente utilizada. A autonomia do sujeito na construção da própria imagem é forjada nessa relação. É a relação entre sujeitos, objetivados sob circunstâncias históricas específicas, que determina papéis e imagens. Essas especificidades determinam imagens dominantes, derivadas do modo espiritual dominante.

A imagem enquanto produto de validação social, será tão menos abstrata para um indivíduo em particular, quanto mais ela for produto da criação dos indivíduos que compõe o todo social dado, quanto mais a influência na criação da imagem refletir-se como criação do todo da sociedade enquanto modo produtivo

⁹⁹ DANTAS, Heloisa, *op. citada*, pg. 94.

dominante. Dito em outras palavras: quanto mais o modo produtivo dominante tender a ser de domínio do todo social — quanto mais o grupamento dominante for representativo do todo social — mais a troca na produção de imagens validadas socialmente cederá a cada membro deste todo social a possibilidade da realização de uma imagem que seja reflexo das reais capacidades e potencialidades de cada indivíduo.

Em contrapartida, quanto mais o modo produtivo dominante for reflexo da realização de apenas uma parcela do todo social — quanto menos o grupamento dominante for representativo do todo social — mais abstrata será a imagem validada socialmente.

A família tende a ser um reprodutor fiel das relações materiais dominantes e das idéias dominantes, a expressão ideal dessas relações. Na família a imagem do modo ideal de exercer a paternidade, leva o pai a projetar em seu filho uma imagem ideal, que tem a função de enquadrar a criança na relação socialmente desejável. Serão suas contradições particulares com essa relação que vão definir sua maior ou menor proximidade com a *auto-imagem* que lhe foi incutida e portanto também vão definir a maneira como ele irá proceder frente aos sentimentos e desejos particulares do filho. Essa criança estará, através desse processo, sendo conduzida ao processo de integração social, estará sendo integrada ao pensamento dominante, estará entrando em contato com o único modo válido naquele contexto.

"Cercado de imagens, ele se sente isolado. Se reage as imagens, sente-se alienado. Na tentativa de corresponder à sua própria imagem, sente-se frustrado e roubado

de suas satisfações emocionais. A imagem é uma abstração, um ideal, um ídolo que exige sacrifícios do sentimento pessoal. A imagem é uma concepção mental que, superposta ao ser físico, reduz a existência corporal a um papel secundário. O corpo se transforma num instrumento da vontade a serviço da imagem. O indivíduo fica então alienado da realidade de seu corpo. E indivíduos alienados produzem uma sociedade alienada."¹⁰⁰

Essa sociedade alienada entretanto não é resultado do maquiavelismo de uns poucos, mas fruto do desenvolvimento social e produto da relação entre seus membros, é o ideal social dominante. Esse ideal de comportamento e atividade corporal é que desloca para uma imagem o significado das relações que estão sendo produzidas. Essa sociedade alienante, produto social de indivíduos alienados, tem como idéias, os conceitos que a levam a se apresentar aos indivíduos com a única universalmente válida. Há uma necessidade social nessa alienação que se sobrepõe às necessidades e desejos individuais e a aceitação da realidade como produto da consciência dos indivíduos.

É através do corpo que se dá a experiencição do mundo real. É a consciência, determinada por essa realidade, que se manifesta enquanto produto, expressa através do movimento corporal.

"Ao enfatizar demasiadamente o papel da imagem, ficamos cegos à realidade da vida e do corpo e dos seus sentimentos. É o corpo que se funde em amor, que se arrepia de medo, que treme de raiva, que procura calor e contato, à parte do corpo, estas palavras não passam de imagens poéticas. Experienciadas no corpo, elas ganham a realidade que dá sentido à existência. Baseada na realidade do sentimento corporal, a identidade possui

100 LOWEN, Alexander, *O Corpo Traído*, SP, Summus Editorial, p.18.

substância e estrutura. Abstraída dessa realidade, a identidade torna-se um artefato social, um esqueleto sem carne...

Normalmente a imagem é um reflexo da realidade, ou seja, uma construção mental que dá à pessoa a possibilidade de orientar seus movimentos em busca de uma ação mais efetiva. Em outras palavras, a imagem espelha o corpo. Entretanto, quando o corpo é inativo, a imagem transforma-se num substituto do corpo, e suas dimensões se expandem à medida que a consciência corporal diminui.¹⁰¹

"A formação da imagem é uma função do ego. O ego (...) é primeira e basicamente um ego corporal. A medida que ele vai se desenvolvendo, no entanto, (...) estabelece valores que se encontram aparentemente em oposição ao corpo. A nível corporal, todo indivíduo é um animal, autocentrado e orientado para o prazer e a satisfação de suas necessidades. A nível do ego, por outro lado, o ser humano é um ser racional e criativo, uma criatura social cujas atividades são executadas buscando a aquisição do poder e a transformação do meio ambiente. Normalmente o ego e o corpo formam uma dupla que trabalha em conjunto.

Na pessoa sadia o ego funciona de maneira a prolongar o princípio de prazer do corpo. Na pessoa emocionalmente perturbada o ego tem o domínio sobre o corpo e afirma que os valores por ele estabelecidos são superiores aos valores do corpo. Os efeitos dessa pretensa superioridade é a quebra da unidade do organismo, a transformação de uma relação cooperativa num conflito aberto."¹⁰²

Esta contradição entre ego¹⁰³ e corpo, a divisão do indivisível e até por isso contraditória, traça um paralelo

101 IDEM, *ibidem*, p.19.

102 IDEM, *ibidem*, p.21

103 Ego é uma categoria psicológica que designa um dos fatores da estrutura da personalidade. Seria o intermediário entre o id (impulsos instintivos primários e as necessidades dominadas pelo princípio do prazer) e o superego (as normas, as proibições e os valores ético-morais; a tradição). É regido pelo princípio da realidade, uma vez que está em contato com o mundo exterior (tem consciência), seleciona e controla as exigências do id, além de resolver antagonismos entre os instintos o meio ambiente ou as aspirações do superego. Torno-o, no caso dessas citações, como um sinônimo de consciência -

entre esses aspectos e seus produtos imediatos a imagem e o real, ao mesmo tempo nos fornece material para um outro paralelismo.

A imagem que, enquanto produto do ego se oporia ao corpo, é a imagem produto de um ego que foi apropriado pelo ego social, ou ego dominante, que se contrapõe ao universo do corpo, enquanto necessidades e desejos particulares. É a imagem engendrada por um ego moldado por conceitos e idéias dominantes que em si conflitam com a experiência de realidade vivenciada pelos indivíduos a elas submetidos.

A imagem que, enquanto produto do ego se harmoniza com o corpo é a imagem resultado de uma produção isenta de influências que neguem suas necessidades e desejos, seja porque o ambiente, para os conceitos dominantes, não nega a realidade dos experimentos corporais dos indivíduos, seja porque a capacidade de resposta à influências hostis se dá de maneira tão intensa que impede a ruptura presumida.

Os conceitos, as idéias, a produção espiritual do todo social — reflexo da dominância de conceitos e idéias de grupamentos sociais específicos dominantes e resultado da produção da vida material dos homens enquanto personagens de um determinado momento histórico — sugerem a cada indivíduo não

de certa maneira ele efetivamente o é- embora o tratamento dado pelo autor das citações desperte a sensação de que ego e corpo sejam duas entidades isoladas num mesmo espaço. Esta concepção é claramente identificável na citação que se segue quando se refere ao ego e corpo como uma "dupla que trabalha em conjunto". Não tenho a intenção de discutir as categorias psicológicas, nem o autor em pauta, prendendo-se o uso das citações à maneira como está colocada a discussão sobre imagem e sobre a contradição ego-corpo as quais utilizo para construir um paralelismo com o histórico e o social.

somente a imagem que deve assumir nessa relação com o todo, mas também a imagem que deve supor ser a assumida por cada um dos outros integrantes desta relação.

A imagem, produto da consciência predominante, determina em que papel deve se inserir o indivíduo na divisão social programada e regida pelas regras daquela mesma dominação.

A realidade corporal, reflexo de suas necessidades, reage a esta determinação não necessariamente de forma antagônica.

O movimento é a expressão da contradição que a realidade corporal do indivíduo, responsável pela sua consciência, mantém com a consciência corporal dominante incorporada, é a expressão das contradições que esse indivíduo mantém com o papel que lhe foi imposto socialmente.

Em conclusão o movimento corporal é a expressão das contradições que o indivíduo mantém, com o todo social, por sua integração à divisão social.

CAPÍTULO IV

O movimento corporal e as relações sociais

Movimento Corporal e o Trabalho

As contradições vivenciadas por cada indivíduo em relação ao todo social, quando observadas no seu conjunto, não são desvios nefastos de condições idealmente concebidas, mas resultados reais e pertinentes ao modo particular com que se processou o fazer histórico até o momento dado.

Desde o momento em que os homens começam a produzir seus meios de existência, a partir de movimentos possíveis, dado sua estrutura física, a história, ou o fazer histórico humano foi produto e produtor dessa estrutura física e de seus possíveis movimentos.

Concluiu-se no capítulo anterior que o movimento corporal é a expressão das contradições que o indivíduo mantém, com o todo social, por sua integração à divisão social.

A divisão social, por sua vez, é uma maneira particular de se visualizar as condições materiais de produção de um povo, o modo como produzem seus meios de existência.

Há poucas páginas atrás citou-se Marx, em "A Ideologia Alemã," quando este se referia, ao início da produção dos meios de vida, como fator distintivo do homem entre os animais.

Engels, em "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem", assim se refere:

"Foi necessário seguramente, que transcorressem centenas de milhares de anos — que na história da Terra tem uma importância menor que um segundo na vida de um homem — antes que a sociedade humana surgisse daquelas manadas de macacos que

trepavam pelas árvores. Mas, afinal, surgiu. E que voltamos a encontrar como sinal distintivo entre a manada de macacos e a sociedade humana? Outra vez, o trabalho.”¹⁰⁴

Desde o início das considerações aqui levantadas, tem-se afirmado que o movimento corporal foi elemento de diferenciação do ser humano, sob vários aspectos:

O movimento corporal na luta contra a gravidade estabeleceu, ao tempo em que se manifestavam as diferenciações geneticamente dadas, a qualidade da estrutura corporal que as portaria.

O movimento corporal criou as condições, enquanto estímulo, para a corticalização, e o posterior surgimento do pensamento como etapa superior do modo de ser humano, acompanhada em seguida da linguagem articulada.

O movimento é anterior à estrutura, é anterior ao pensamento, é anterior à linguagem articulada.

A gestão do pensamento como condutor do movimento eleva-o à categoria de práxis da corporalidade ao ceder-lhe o papel de objetivador do pensamento na construção da cultura.

O homem objetiva-se, através do movimento, nas coisas que produz.

Ao produzir um objeto o homem realiza seu pensamento, sua intenção, através do ato motor.

Do mesmo modo que o movimento torna o pensamento objeto da realidade material, torna o produto objeto do pensamento, e expressa durante o ato produtivo do pensamento e do objeto a

¹⁰⁴ ENGELS, Friedrich, *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, in Obras Escolhidas, RJ, Editorial Vitória, pg. 275.

contradição que mantém com a condição em que se insere, individualmente, no modo de produção social.

O movimento é a dialética da realidade do corpo.

Com a produção por parte do ser, dos seus meios de existência, de sua vida material, temos a passagem do movimento como significação do ser da história para significação da história do ser, e como corolário, expressão das contradições que este mantém com o todo.

Trabalho e produção da vida material diz-se da mesma coisa.

No início do capítulo anterior foi formulada a seguinte pergunta:

Que movimento corporal pratica o homem, mais especificamente o homem moderno?

Esta pergunta foi respondida na conclusão daquele capítulo e agora poderá ser complementada.

O movimento corporal praticado pelo homem moderno é a expressão das contradições que ele mantém com o todo social por sua integração à divisão social do trabalho e ao modo de produção social vigente.

A objetivação do pensamento, processado pelo movimento corporal, na produção material, expressa, ao tempo que constrói, a contradição produto x produtor.

A característica específica do modo de produção que se realiza no presente momento histórico é a posse, por uma parcela da sociedade, uma classe social, dos meios e dos instrumentos de produção. E a posse por outra parcela da

sociedade, a classe social que se contrapõe a anterior, da força de trabalho produtiva.

A compra da força de trabalho pela classe capitalista permite-lhes a produção das mercadorias e a reprodução do capital. A venda da força de trabalho por parte dos assalariados permite-lhes a aquisição dos recursos necessários para assegurar seus meios de subsistência.

Esse modo de produção determina-se na dominância exercida por uma classe sobre outra, a classe capitalista sobre a parcela assalariada.

Uma outra implicação desse modo de produção, o modo capitalista de produção, é a concentração em uma parcela cada vez menor da sociedade do capital necessário à manutenção e propriedade dos meios de produção e, de realização dos meios de subsistência para o todo social.

Esses fatos, associados à divisão da produção social em parcelas especializadas dos participantes do processo produtivo, são algumas das características que justificam a afirmação de que sob o capitalismo há uma produção social e uma apropriação privada.

O mesmo fator radicado na transformação do "animal" em "homo", encontra-se na raiz de todas as suas contradições.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre produto do pensamento e produto do movimento.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre a cidade e o campo.

O trabalho engendra o aparecimento da contradição entre as classes sociais pela posse dos meios de produção.

O presente modelo produtivo, exacerbou a contradição entre a cidade e o campo, exacerba também a contradição entre as classe sociais pela posse dos meios de produção, e solicita a contraposição do trabalho intelectual ao trabalho manual, com priorização de cada vez maior especialização em ambos os campos.

A idealização e a posse do objeto de produção é papel da classe dominante, a operacionalização da idéia é papel da classe dominada.

Os produtos assim elaborados são aqueles que partem dos princípios idealizados pela classe dominante como necessários ao consumo de toda a sociedade.

O todo social consome, portanto, os objetos produzidos pela materialização da idéia de uns poucos. É obrigado a consumir os objetos produzidos como sendo objetos de seu interesse, de sua necessidade. Para que esse consumo se concretize sem traumas, a classe dominante utiliza-se da propaganda, da mídia, que trata de convencer o todo social de que aqueles produtos são os ideais e realmente necessários para a sua sobrevivência e felicidade.

Essa mesma propaganda é utilizada no sentido de convencer a massa assalariada que o papel que lhe foi destinado no modo de produção é o ideal e realmente necessário à produção social, o papel que a dignifica, e que deve ser eternizado. Ao mesmo tempo convence a própria classe dominante de que a

conceituação e a determinação de atribuições é, por destino, seu dever inalienável.

Esse procedimento implica que todos devem aceitar como ideal o papel que lhes foi destinado pela evolução social do modo de produção.

O papel de cada indivíduo não se realiza no plano das idéias, mas sim na atividade real que deve por ele ser desempenhada. Realiza-se, portanto, no movimento.

Ao determinar atribuições, a classe dominante determina em última análise os movimentos que devem ser efetuados por cada componente do todo social. Determina como deve se objetivar o pensamento daquele que, sob essas circunstâncias se move, e do mesmo modo determina como e em que objetos o pensamento deve ser realizado.

A automatização necessária ao desenvolvimento do Capital torna imprescindível que o processo produtivo seja rotineiramente resolvido com a divisão de tarefas na consecução do objeto final esperado.

Sob esse aspecto o produto finalizado é sempre resultado da ação de vários homens, e não da ação de um só ou de poucos.

Em contrapartida a produção de um indivíduo não é um produto inteiro mas uma parcela dele. O indivíduo perde capacidade de conhecer a totalidade de sua criação, por um lado ao produzi-lo apenas em parte, e por outro por não possuí-lo enquanto produto de sua criação.

Uma parcela diminuta da sociedade não realiza seu pensamento através do ato motor objetivado no produto, mas sim utilizando-se do ato motor de outrem. Não tem sequer necessidade do ato motor. O produto não o interessa enquanto objetivação das faculdades de quem o produziu, mas tão somente enquanto objetivação de um produto ideal pensado que se concretiza no objeto apenas enquanto mercadoria que deve retornar à forma de capital.

"O resultado do processo de produção capitalista não é nem um simples produto (valor de uso), nem uma mercadoria, isto é, um valor de uso que possui um valor de troca determinado. É a criação de mais-valia para o capital... Com efeito, o que o capital, enquanto capitalista, quer produzir, não é nem o valor de uso diretamente destinado ao consumo pessoal, nem a mercadoria destinada a ser transformada primeiro em dinheiro e mais tarde em valor de uso. Seu objetivo é o enriquecimento, a produção da mais-valia, o aumento do valor, isto é, a conservação do antigo valor e a criação da mais-valia. Esse produto específico, o processo de produção capitalista só o realiza pela troca do capital pelo trabalho que, por essa razão, se denomina trabalho produtivo."¹⁰⁵

Contrapõe-se a uma imensa parcela social cujo ato motor se concretiza em partes do objeto produzido. O objeto, verdadeiramente, não realiza através do movimento o pensamento de quem o faz, mas sim o pensamento de quem o idealizou "imposto" ao ato produtivo. Também nesse caso o que está sendo objetivado é um ideal que se realizará apenas no salário, paga à sua força de trabalho, e não ao objeto produzido.

"A divisão do trabalho na sociedade é característica de todas as sociedades conhecidas; a divisão do trabalho na oficina é produto peculiar da sociedade capitalista. A

105 POULANTZAS, Nicos, *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje*, RJ, Zahar Editores, 1975, pg. 229.

divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção.”¹⁰⁶

O movimento que se desenvolve no trabalho não realiza a objetivação da realidade, mas tão somente realiza a expectativa de um ideal de mercadoria, e de salário, exatamente por não realizar o objeto enquanto resultado do ato produtivo.

Ao afastar o produtor do objeto de sua produção impede que aquele se objeque no encontro pleno com este.

“O trabalho alienado, ao qual MARX fez referências n’O Capital, tem a sua intensidade paulatinamente incrementada à medida que o operário não relaciona o produto de seu trabalho com o seu fazer, sendo-lhe estranho e distante. Em virtude dessa alienação (de seu trabalho com o produto), é levado a uma alienação ainda maior: em relação com os outros homens.”¹⁰⁷

Sob o modo capitalista de produção o trabalho já não preenche o universo de produção da vida material de seus participantes, ao não permitir que o indivíduo aplique durante sua jornada os movimentos necessários à sua completa objetivação.

Se não objetiva, oculta.

A característica de veiculação do processo de consciência, foi parcialmente alijada do trabalho.

106 BRAVERMAN, Harry, *Trabalho e Capital Monopolista*, RJ., Zahar Editores, 1981, pg. 72.

107 FINOCHIO, José Luiz, *Trabalho, Tempo Livre e Cultura Física - Aspectos do Desenvolvimento Humano*, Dissertação de Mestrado, UFMS- Centro de Ciências Humanas e Sociais, 1991, pg.85.

O modo de produção exposto recomenda para o trabalho o movimento corporal especializado, o movimento corporal que não experimenta as variadas potencialidades do indivíduo solicitado, o movimento apenas necessário, não ao seu conhecimento, mas ao cumprimento de sua tarefa na reprodução do capital.

As regras sociais para o movimento, numa sociedade dividida em classes e com a hegemonia de uma classe em particular, minimizam e educam seus protagonistas ao convívio sem trauma entre dominados e dominadores, oferecendo a estes a possibilidade de conhecerem o seu lugar, o lugar que lhes foi destinado e o modo como devem ocupá-lo. Uma vez aprendidas definirão a nível de consciência corporal como o cidadão deverá comportar-se frente aos seus superiores, definirão a consciência de suas possibilidades, as quais nunca deverão ou serão ultrapassadas.

No trabalho, as relações interpessoais criam uma série de artifícios posturais, gerenciadores das proximidades entre os vários graus hierárquicos.

Ao superior hierárquico cabe mandar, olhar profundamente nos olhos, falar com voz severa, imperativa, permanecer sentado enquanto o outro está de pé e levantar-se todo-poderoso sobre o outro, quando este se senta.

Ao subordinado cabe obedecer, baixar os olhos quando olhado, falar com voz contida, gaguejando, permanecer em pé se não autorizado a sentar-se, ou sentar-se diminuto enquanto o superior sobre ele se levanta.

Embora a proposta foi tornar evidente os aspectos específicos da sociedade urbana, sitiada nos centros de poder, cumpre lembrar que no Brasil, mas não só nele, em algumas localidades afastadas o trabalhador é submetido a regime de trabalho escravo não só no que concerne à produção em si, mas também nas relações pessoais, passando por processos de prisão particular, chicoteamento, humilhações corporais e completa perda de liberdade, patrocinada por patrões e capatazes, cientes de seu papel na divisão social de trabalho.

Aspectos diversos da mesma relação, ambos propõe ao indivíduo comportamento corporal de aceitação às normas que lhe são impostas, ambos os sujeitam ao conhecimento parcial de suas capacidades corporais.

Instado por essas realidades, instaura-se o conflito. Seu movimento já não é fonte segura de respostas à sua capacidade corporal. Seu movimento é a expressão das contradições que mantém com essa realidade.

O movimento corporal enquanto expressão dessas contradições não se conclui apenas no trabalho.

O modo capitalista de produção retirou do trabalho o papel de ser totalmente responsável pela produção da vida material dos indivíduos, tendo-o transformado em momento de simples reprodução de mercadorias.

Não tendo condições de sentir prazer no trabalho, o indivíduo separa do trabalho, e a ele contrapõe, os momentos responsáveis por outras parcelas de construção de sua vida material.

Busca-o nos momentos de lazer, especificamente construídos para isto, busca-o no momento em que troca seu salário pelas mercadorias que lhe são necessárias, busca-o nos momentos em que a compensação espiritual lhe parece a solução, busca-o nos momentos em que trava contra o sistema suas batalhas pela transformação social e pela sua possibilidade de inserção de modo hegemônico.

Esses instantes temporal, geográfica e idealmente conotados distintos, são contradições que encontram sua unidade no movimento de cada um.

Movimento Corporal e Convivência Urbana

A minimização do movimento não é característica exclusiva do trabalho, podendo ser observada em vários aspectos da vida de relação dos sujeitos sociais.

Na família, a criança passa por vários aprendizados que lhe darão limites precisos de convivência, aprende que seus desejos depende das possibilidades de serem atendidos, aprende que seus espaços, invariavelmente, fazem fronteira com espaços alheios e que serão maiores ou menores dependendo das reações que imprimir às tentativas de reduzi-lo, aprenderá que o amor é uma característica dos seres sociais, e aprenderá também que quem provê goza da hegemonia de opinião, mesmo que seja para cedê-la em favor da opinião de outrem. Os castigos e as benesses serão espacialmente gozados com uma maior ou menor possibilidade de movimento.

A mesa aprenderá a comportar-se como adulto, embora não o seja, uma vez que o adulto é o ideal de comportamento dominante. Não comerá segurando a comida com as mãos nuas, iniciando-se na esgrima dos talheres. Aprenderá a não sentar-se sobre os pés, na cadeira, ou à moda índia. Esses dois modos de sentar proporcionam a quem os usa um amplo domínio da musculatura abdominal, dorsal e do ponto de apoio do corpo — a criança o procura naturalmente, há um conhecimento corporal instaurado que a impele a isto. Quando o adulto a obriga a colocar os pés para baixo, estará forçando seu corpo a um comportamento indevido, pois, uma vez que os pés não alcançam o chão, não terá ponto de apoio, haverá um esforço excessivo na manutenção do tônus abdominal e dorsal, em pouco tempo este será abandonado e a criança se recostará, arqueada, nas costas da cadeira. E se tornará um adulto.

Extensão da família no preparo do indivíduo para ingresso no fazer social, a escola cedo interfere com seu *modus operandi* condicionador de comportamentos corporais.

Embora institua um momento específico onde seus membros dedicar-se-ão às atividades corporais, raramente o corpo é exercitado à procura pura e simples de seu maior conhecimento e capacitação.

Os momentos corpóreos são dedicados normalmente ao cumprimento de atividades esportivas ou afazeres funcionais disfarçados em processos lúdicos. Quando a atividade é esportiva atende tão somente as prerrogativas do esporte de competição, com a eleição do melhor, do pior e dos outros.

Excetuado esses momentos o aluno deve atender a um regime de imobilidade de várias horas diárias em uma carteira escolar que impede os mínimos movimentos de compensação ergonômica.

Não há integração ativa da possibilidade movimento-conhecimento uma vez que este é adquirido em autoritário regime de não movimento.

O processo de negação do corpo e mais que isso, de sua própria destruição, inicia-se antes mesmo da chegada no ambiente escolar.

Inicia-se quando uma criança de 6 ou 7 anos é obrigada a carregar diariamente, pela distância que tenha de percorrer de sua casa à escola e vice-versa, uma mochila com vários quilos de peso contendo livros, cadernos e outros materiais escolares necessários ao exercício de sua mente.

A imagem é clara, ao corpo e ao movimento possível, basta-lhes que sejam suficientes para transportar os fardos do saber.

Parágrafos atrás foi feito comentário a respeito de afazeres funcionais disfarçados em processos lúdico. A esse respeito a realidade é mais contundente que qualquer fantasia.

O Fantástico, programa dominical da TV Globo, mostrava em um dos seus blocos do dia 14 de agosto de 1994 que, nos Estados Unidos, uma atividade de preenchimento para os meses de férias escolares infantis estava conquistando enorme grupo de adeptos.

Tratava-se de uma colônia de férias que oferecia a seus participantes o seguinte cardápio diário: uma hora matutina de diversão: piscina, jogos e brincadeiras e cerca de doze horas diárias de aprendizado à respeito do procedimento em negócios, como dirigir uma empresa, como trabalhar com margens de lucro, como aplicar em ações, quais deveriam receber maior atenção dependente de seu comportamento na Bolsa de Valores, etc.

As crianças tinham idade variável entre 7 à 15 anos e aparentemente estavam felizes desfilando seus conhecimentos sobre quais seriam as melhores aquisições em ações para aquele dia. Os adultos que os assessoravam concordavam com as escolhas feitas, eram as ideais. Um detalhe sem importância foi trazido à tona: perguntadas, as crianças não conseguiam explicar porque aquelas ações eram as mais interessantes. Em flashes ocasionais alguns pais eram entrevistados externando a enorme satisfação que sentiam frente ao comportamento de seus filhos.

A educação para a imobilidade não poderia estar sendo feita de maneira mais efetiva.

Se a escola nos prepara para a subsistência material no mercado de trabalho, a igreja nos prepara para a subsistência espiritual.

Do mesmo modo que a sociedade ocidental é referida como depositária das transformações sofridas pela sociedade greco-romana, a igreja que vigiou seu desenvolvimento espiritual também aí encontra suas origens. São nas tradições judaico-cristãs que encontram-se as razões mobilizadoras de suas atuais intenções.

O corpo para o cristianismo sempre foi apenas o depositário da alma imortal.

Não é portanto surpresa observar-se o papel reservado ao movimento corporal na prática cristã.

A palavra não é seu maior argumento e o corpo aí imobilizado penitencia-se culpado por pecados cometidos por ancestrais mitificados. A culpa de Adão e Eva foi exatamente terem-se movimentado em busca do conhecimento de posse divina. A partir daí o corpo padece a imobilidade, a flagelação para que a alma, purificada do corpo, transceda ao Paraíso.

A penitência não é dirigida apenas a compensação de atos absolutamente agressores de nossa humanidade — não matarás — mas também a desejos à propriedade privada de outrem — não desejarás as coisas alheias — impedindo qualquer movimento de conquista a igualdade da posse.

Os movimentos de expansão e extensão são preteridos em favor dos movimentos de flexão e encolhimento, e quando são efetuados não buscam o conhecimento ou a descoberta de capacidades corporais, mas sim a sublimação da alma e a glorificação divina.

Momento de aprendizado corporal de outra ordem, mas com resultados semelhantes, se dá na relação mantida entre os membros das federações militares ou policiais, que não fogem à regra na intimidação constante dos subordinados hierárquicos, moldando comportamentos corporais e consciências, sempre no sentido de manutenção daquela que é hegemonicamente determinante.

Sobre esse aspecto cumpre lembrar e estabelecer o papel que desempenham essas forças junto a comunidade de cidadãos. Normalmente coercitivos, são lembranças constantes de um poder cujo controle não lhes pertence e que, em nome de interesses ditos do Estado, tolhem fisicamente suas manifestações e júbilos.

A força física adotada por esses órgão de repressão são o que de mais evidente se encontra nos seios das sociedades, do caráter explicitamente hegemônico e heterogêneo do poder numa sociedade de classes e como exemplo cabal do impedimento do cidadão ao movimento e ao conhecimento que esse proporciona.

Elias Canetti refere a seguinte diferença entre força e poder:

“A diferença entre força e poder pode ser exemplificada de maneira evidente pela relação entre o *gato* e o *rato*.

O rato, uma vez caçado, encontra-se sob o regime de força do gato; este o agarrou, o mantém preso, sua intenção é matá-lo. Mas, assim que ele começa a *brincar* com o rato, acrescenta algo de novo ao relacionamento. Solta-o e permite que ele corra um pouco, assim que o rato se vira e corre, escapa do regime de força. Mas está em *poder* do gato fazer com que ele retorne. Se o gato permite que o rato se vá definitivamente, este é excluído de sua esfera de poder. Até o ponto em que o rato pode ser alcançado com toda a certeza, ele permanece em poder do gato. O espaço que o gato controla, os momentos de esperança que ele concede ao rato vigiando-o atentamente sem perder o interesse por ele e por sua destruição, tudo isto reunido — espaço, esperança, vigilância e interesse destrutivo — poderia ser designado como o corpo propriamente dito do poder ou simplesmente, como o próprio poder.

Portanto, ao contrário do que ocorre com a força, o poder pressupõe uma certa amplitude: mais espaço e também algo mais de tempo."¹⁰⁸

O poder assim referido, embora de fácil entendimento parece sugerir a tese de sempre é exercido por alguém naturalmente agraciado para exercê-lo.

A inversão dos papéis na citação seria um despropósito. Não há como discutir a capacitação natural do gato em relação ao rato no exercício do poder. O movimento do gato impedindo o movimento do rato.

O que dizer entretanto do poder do gato sobre o gato, do rato sobre o rato ou do homem sobre o homem.

O homem arma-se para adquirir a força necessária ao exercício do poder. O detalhe está em que, no âmbito de uma cultura, o direito à distribuição dirigida de armas é socialmente cedida.

Numa sociedade de iguais se alguém adquire poder, foi porque alguém cedeu.

É a cessão de poder que cria o poderoso, ou a possibilidade de que ele seja exercido por alguém. o poder não é mercadoria que possa ser encontrada na natureza para ser acumulada à revelia, mas especialmente cultivado na relação entre pessoas e entre elas cedido e adquirido.

Não é o poderoso que toma o poder, mas o outro que o cede e, assim agindo, cria o poderoso.

¹⁰⁸ CANETTI, Elias, *Massa e Poder*, SP, Ed. Univ. de Brasília/Melhoramentos, 10a. ed., pg. 313.

Dai a importância nas trocas sociais que haja um fator de convencimento no sentido de que existe uma natureza em ceder poder e uma natureza em conquistá-lo ou acumulá-lo.

Este fator de convencimento é permeado nas experiências familiares, escolares, religiosas e finalmente na relação com os instrumentos sociais de repressão.

A característica principal deste convencimento é a solicitação ao dominado para que assuma posições corporais que diminuam a sua mobilidade e o seu aprendizado corporal através do movimento.

Essa expectativa comportamental impera impressa no próprio ambiente intencionalmente modificado.

Uma análise passageira do ambiente urbano é suficiente para despertar-nos para as limitações ao movimento que nos cercam e ao nosso cotidiano.

O apartamento é apenas uma das características da urbanização proposta pela sociedade atual. Fartamente analisado como impeditivo ao movimento, é comum ouvirem-se críticas ao comportamento corporal de crianças que a eles são sujeitas, por passarem horas imóveis frente a uma televisão ou vídeo-games.

A tendência mais real da urbanização é criar ambientes planos, com superfície que não traga surpresas ao andar, não tenha buracos ou elevações. Em casa, nas ruas, nas escolas, nos quartéis, esse é o tipo de superfície que prevalece. Utiliza-se apenas as pernas na deslocação do corpo, as mãos praticamente caíram em desuso nessa atividade.

Ocorre que, como já foi relatado, nossa estrutura corporal mantém-se a mesma há dezenas de milhares de anos, essa estrutura aprendeu a estabilizar-se em pé recorrendo a ajuda das mãos, fazendo com que a estrutura escapular seja um importante acessório na manutenção da postura ereta e fornecendo um segundo ponto de apoio para que a musculatura abdominal adquira a tonicidade adequada a contrapor-se à musculatura dorsal. A ausência das mãos, mesmo que em pequena escala no ato de locomover-se, implica na perda dessas capacidades corporais e o arqueamento precoce da coluna. Implica em desconhecimento pelo corpo de suas capacidades.

A utilização de sapatos para a proteção dos pés trouxe inconvenientes que se associam aos acima relatados. Os pés protegidos por grossas solas, perdem o contato com os estímulos que despertam no corpo a capacidade de respostas rápidas à situações inesperadas. O chão plano, associado a intensa proteção de nossos pés diminuem nossos reflexos de defesa, de impulsão, e de pressão do ponto de apoio contra o solo. O chão está constantemente grudado nos nossos pés.

Uma experiência muito interessante em neurofisiologia, relacionada com o acima exposto, obtem-se colocando-se meias nas quatro patas de um gato ou de um cão. Num primeiro momento com a perda do contato com o solo, há a perda dos estímulos que geram os reflexos cinestésicos de equilíbrio e os animais locomovem-se como se não percebessem que o chão não se encontra mais sob seus pés, tal qual bebados. A cada mudança de passo, o desequilíbrio, as quedas e desnorteamento do senso de direção é

intenso. Só após muito treino é que esses animais adquirem a capacidade de locomoverem-se sem aquele comportamento. Perdem, entretanto, a capacidade de se defenderem de uma superfície nociva, seja de espinhos, de cacos, ou de outra espécie de agentes agressores.

Aplicada ao homem resta-nos o conhecimento do quanto estamos indefesos pela perda de movimento e de consciência quanto a nossa capacidade corporal.

O progresso é sempre uma visão relativizada da realidade. Muito embora algumas dessas alterações estruturais, pelas quais passa o espaço urbano e os costumes no decorrer do processo de aquisição de conhecimento, possam ser submetidas ao crivo de uma visão absolutizada de progresso, o que procede é verdadeiramente observar-se o modo como este se desencadeia, o que está sendo adicionado e o que está sendo perdido pelo modo proposto.

Movimento Corporal... à procura da liberdade.

Nos exemplos acima oferecidos para a exemplificação dos pesares sobre o movimento proporcionados pela sociedade moderna, não foram citados, deliberadamente, todos aqueles relacionados à marginalização que prolifera no modo capitalista de produção.

"Senhor distinto e bárbaro, a um só tempo, arrasta a seu túmulo os cadáveres de seus escravos, numa verdadeira hecatombe de operários que soçobram nas crises. Desse modo vemos que enquanto o capital aumenta rapidamente, a concorrência entre os operários aumenta de maneira infinitamente mais rápida, isto é, os meios de ocupação e

de subsistência para a classe operária, diminuem proporcionalmente ainda mais e que, apesar disso, o crescimento rápido do capital é a condição mais favorável para o trabalho assalariado."¹⁰⁹

Dizer-se da imobilidade da criança no apartamento reduzido é fazer pilhéria ao exército de trabalhadores submetidos às mais degradantes situações de moradia, às famílias amontoadas em barracos de cômodos únicos e mal respiráveis.

Dizer-se da imobilidade a que está submetida a criança á mesa de refeições é escarnecer sobre as condições de alimentação subhumanas das crianças operárias, ou do exército de reserva.

Comentar-se sobre a situação escolar dos estudantes é tripudiar sobre os inúmeros alijados do processo de ensino por absoluta impossibilidade de a ele se integrarem.

Referir-se à imobilidade que nos submete o poder através da força ativamente articulada é zombar da imobilidade a que são submetidos os milhões de assalariados que esforçam-se por distribuir o seu dia entre poucas mal dormidas horas, um trabalho sem criatividade, repetitivo e estafante, e o restante em um transporte de péssima categoria, sem que qualquer alternativa de lazer, prazer ou esperança lhes seja oferecida.

A hegemonia do modo capitalista de produção cria um exército infinito de crianças maltrapilhas e adultos exauridos.

¹⁰⁹ MARX, Karl, *Trabalho Assalariado e Capital*, in *Obras Escolhidas - Volume I*, RJ, Editorial Vitória, 1956, pg. 92.

A esse exército o único movimento que lhes é oferecido é o de repetição do anterior.

“O discurso apologético da burguesia de que a industrialização contribuiria para a melhoria do bem-estar de toda a sociedade, na formação de um homem criativo, combativo, político, desnudar-se-ia ante uma forma de trabalho degradante.”¹¹⁰

A conquista pelo homem de seu movimento, do movimento que expressa sua capacidade, está na supressão do trabalho na forma como este se apresenta e, portanto, na supressão do atual modo de construção da vida material do homem. Está na conquista de toda sua capacidade corporal de movimento.

“Não se trata da supressão do trabalho criador, mas sim do trabalho alienado, do trabalho nas condições históricas do proletariado, na qual o trabalho não tem o significado de manifestação de vida e de atividade humanizadora.”¹¹¹

Sob esse aspecto:

“A superação da propriedade privada é por isso a emancipação total de todos os sentidos e qualidades humanos; mas é precisamente esta emancipação, porque todos estes sentidos e qualidades se fizeram humanos, tanto objetiva como subjetivamente.”¹¹²

É a experimentação corporal que cede ao indivíduo a possibilidade de tomar consciência da unicidade pensamento—movimento, dialeticamente contidos um no outro, e assim estar em condições de traçar os caminhos de sua realidade corporal, tendo como ponto de partida sua capacitação e como meta o cumprimento de suas expectativas.

110 FINOCCHIO, José Luiz, *op.citada*, pg. 88.

111 IDEM, *ibidem*, pg. 89.

112 MARX, Karl, *Manuscritos Econômicos e Filosóficos, e outros textos escolhidos*, Coleção Pensadores, SP, Editora Nova Cultural, 5a.ed., pg.171.

São essas expectativas, alicerçadas na realidade de seu corpo, que dão substrato às contradições que manterá com as expectativas idealmente determinadas pelo todo social. São elas também que definirão, enfim, a sua singularidade social, responsável pelo colorido que assumirá seu movimento corporal enquanto expressão da contradição que mantém com esse mesmo todo, por sua integração ao modo de produção social vigente enquanto práxis da corporalidade.

CAPÍTULO V

Conclusões

Em tópico anterior, nessa dissertação, foi afirmado que sobre o corpo há muito a ser dito. Sua retomada tem a intenção de trazer à tona seu duplo sentido:

No mais explícito assumir a necessidade de desenvolvimento das teses aqui levantadas, no implícito guardar a certeza de que esta contribuição faz parte, do que já foi dito, do conhecimento que o homem tem sobre si enquanto ser constituído.

Admitindo entretanto, como sugere o título, o movimento corporal como práxis da corporalidade, o complemento a esta frase seria:

—Pelo corpo há muito a ser feito.

A questão está em que, ao corpo, deve ser proporcionado a possibilidade de experimentar-se, de conhecer-se profundamente na relação que mantém com o cotidiano vivido.

O aprendizado do corpo para ser humano é tarefa que só pode ser executada em meio a humanos mais experientes — vale a pena relembrar o resultado obtido pelas irmãs meninas-lobas de Zingg na sua iniciação corporal com não-humanos (Capítulo II).

É tarefa que implica, no início do aprendizado, no exercício de um humano sobre outro, que implica, portanto, numa relação de dominação e poder prévia e biologicamente estabelecida — talvez o único momento na história do homem em que dominação e poder não têm, necessariamente, o mesmo significado de apropriação e opressão.

Poder e dominação que, dirigidos ao aprimoramento de outrem, se resolvem na cessão e na dissolução gradativa de seu exercício durante a passagem da relação eminentemente biológica para uma relação cada vez mais sociabilizada.

É o processo de socialização que vai emprestar ao aprendiz de corpo o contato com outras qualidades e formas de dominação e poder, as quais não necessariamente sofrerão estes mesmos processos de degradação, pelo contrário, tenderão a manter-se cada vez mais intensamente como condições para a imutabilidade das relações sociais.

A possível resposta a permanência desta condição encontra-se, como já foi mencionado no final do capítulo anterior, na supressão e na substituição do atual modo de construção da vida material do homem. Há uma revolução a ser feita.

Embora seja uma conclusão adequada ao desenvolvimento das teses dessa dissertação é uma proposta por demais vasta e que, seguramente, não oferece caminhos imediatos na solução do aprendizado do corpo, face a totalidade dos processos que deverão ser vencidos na sua conquista.

Se a idéia não é abranger a totalidade dos papéis a serem desempenhados nesta revolução é, todavia evidenciar um papel em especial.

A educação não pode manter-se ausente, enquanto agente, das tarefas que lhe cabe, não pode manter-se dicotomizada em instantes de cultura física e instantes de cultura mental. Há

que respeitar-se a unicidade do homem e promovê-lo integralmente durante os momentos de prática educadora.

A educação cabe o papel de fazer sua própria revolução, sua revolução molecular, como diria Guattari¹¹³, como tantas outras anteriores. Só que, agora, não na busca de metodologias de ensino que aprimorem a facilidade de apreensão de dados apresentados à mente como necessários ao conhecimento, mas, uma revolução que modifique as relações de dominação e poder que agridem os comportamentos corporais de seus atores, uma revolução que tire do ato de educar o significado de normatizar (segundo padrões estabelecidos) e que o aproxime do significado de capacitar, segundo as possibilidades e os potenciais de cada corpo real envolvido no processo.

113 Félix Guattari é pensador e analista francês. Como analista inovou com a invenção da "análise institucional" e da "esquizoanálise", dividiu com Gilles Deleuze uma crítica intensa ao lacanismo. Como pensador foi autor sozinho ou em parceria com outros autores de várias obras, entre elas: *La révolution moléculaire*. No Brasil as obras *Revolução Molecular*, *Pulsões Políticas do Desejo*, coletânea de textos traduzida e comentada por Suely Rolnik e, *Micropolítica Cartografias do Desejo* editado em conjunto com Suely Rolnik, abordam a tese. Faleceu em 1994.

BIBLIOGRAFIA

- AMABIS, José Mariano, MARTHOS, Gilberto Rodrigues, MIZUGUCHI, Yoshito, *Genética, evolução e ecologia*, Coleção Biologia - Vol. 3, SP, Editora Moderna, 2a. ed., 1979.
- ARANTES, José Tadeu, *Big Bang - O Universo começou com uma grande explosão*, in Revista Super Interessante 1, Editora Abril, nº 2, nov.87, SP.
- BERDICHEVSKY, Francisco, *Organos Funcionales e Imagen Creativa*, aula dada no dia 26.11.77, no Estudio Patricia Stokoe, BA.
- BIANCARELLI, Aureliano, *Reportagem*, Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 05/11/93.
- BRAVERMAN, Harry, *Trabalho e Capital Monopolista*, RJ, Zahar Editores, 1981.
- BUARQUE DE HOLANDA Ferreira, Aurélio, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, RJ, Editora Nova Fronteira, 1975.
- CALAIS-GERMAIN, Blandine, *Anatomie pour le mouvement-Introduction à l'analyse des techniques corporelles*, Paris, Edição de Autor, 1987.
- CANETTI, Elias, *Massa e Poder*, SP, Ed.Univ. de Brasília/Melhoramentos, 10a.ed, sd.
- CLAVREUL, Jean, *A Ordem Médica. Poder e Impotência do Discurso Médico*, SP, Editora Brasiliense, 1983.
- DANTAS, Heloisa, *Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência*, in Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão, SP, Summus Editorial, 1992.
- DESCARTES, René, *Discurso do Método*, Lisboa, Edições 70, 1979.
- ECO, Humberto, *Como se faz uma tese*, SP, Editora Perspectiva, 1989.
- ENGELS, Friedrich, *Del Socialismo Utopico Al Socialismo Cientifico*, Moscú, Ediciones en Lenguas Extranjeras, sd.
- _____ *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, in Marx & Engels Obras Escolhidas - Vol.2, RJ, Editorial Vitoria, 1961.
- FINOCHIO, José Luiz, *Trabalho, Tempo Livre e Cultura Física - Aspectos do Desenvolvimento Humano*, Dissertação de Mestrado, UFMS- Centro de Ciências Humanas e Sociais, 1991.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, (Organização e Tradução de Roberto Machado), RJ, Edições Graal, 4a.ed., 1984

FROMM, Erich, *Conceito Marxista do Homem*, RJ, Zahar Editores, 5a.ed., 1970.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely, *Micropolítica - Cartografias do Desejo*, RJ, Editora Vozes, 1a.ed., 1986

GUILLERMO BLANCK, Julio, *La determinacion social de la actividad psíquica específicamente humana*. Aula dada no curso de "Aproximacion a la tematica psicologica, em 23.04.77. Estudio Patricia Stokoe. BA. Argentina.

GUSDORF, George, *A agonia de nossa Civilização*, SP, Edições Convívio, 1978.

_____, *Tratado de Metafísica*, SP, Cia Editora Nacional, sd.

HUXLEY, Julian, *O Processo Evolutivo*, in Gioconda Mussolini, *Evolução, Raça e Cultura*, SP, Editora Nacional, 1974

INGRAM, T.T.S., *Desarrollo de la actividad nerviosa superior y sus transtornos en la infancia*, in *Neurofisiologia Contemporânea*, vv.aa., Instituto Cubano del Libro, La Habana, Editorial Orbe, 1975.

KAPANDJI, I. A., *Fisiologia Articular - Esquemas comentados de mecânica humana*, SP, Editora Manole, 1987.

LANGMAN, Jan, *Embriologia Médica*, SP, Atheneu Editora, 1968.

LOWEN, Alexander, *O Corpo Traído*, SP, Summus Editorial, 1979.

MACHADO, Roberto, *Por uma genealogia do poder*, in Introdução à Michel Foucault, *Microfísica do Poder*, RJ, Edições Graal, 4a.ed., 1984.

MARX, Karl, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, SP, Editora Flama, 1946.

_____, *Manuscritos Econômicos e Filosóficos, e outros textos escolhidos*, Coleção Pensadores, SP, Editora Nova Cultural, 5a.ed, 1991.

_____, *Trabalho Assalariado e Capital*, in *Obras Escolhidas - Volume I*, RJ, Editorial Vitória, 1956.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A Sagrada Família*, SP, Editora Moraes, 1987.

_____ *A Ideologia Alemã*, Volume I, Portugal, Ed. Presença, e Brasil, Livraria Martins Fontes, sd.

_____ *A Ideologia Alemã e outros escritos*, SP, Editora Flama, 1946.

MELLO Fo., Julio de, *Concepção Psicossomática. Visão Atual*, RJ, Edições Tempo Brasileiro, 3a.ed., 1983.

MUSSOLINI, Gioconda, (org) *Evolução, Raça e Cultura*, SP, Editora Nacional, 1974.

OLIVEIRA, Marta Kohl de, *Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos*, in Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão, SP, Summus Editorial, 1992.

PERESTRELLO, Danilo, *A Medicina da Pessoa*, RJ, Livraria Atheneu, 3a.ed., 1982.

POULANTZAS, Nicos, *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje*, RJ, Zahar Editores, 1975.

RASCH, Philip, J., BURKE, Roger, K., *Cinesiologia e Anatomia Aplicada*, RJ, Ed. Guanabara & Koogan, 5a.ed., 1977.

REVISTA SUPER INTERESSANTE, *A Massa arrebenta a Vitrine*, SP, Ano 2, no. 1, Novembro de 1988.

ROMER, Alfred Sherwood e PARSONS, Thomas S., *Anatomia Comparada dos Vertebrados*, SP, Editora Atheneu, 1985.

SAYEG, Mario A., *A Formação do Médico Generalista e a Medicina Especializada*, in Textos de Apoio-Planejamento I - Recursos Humanos em Saúde, RJ, PEC/ENSP-ABRASCO-WK Kellog Foundation, 1a. ed., 1987

SERGIO ; Manuel, *Filosofia das Actividades Corporais*, Lisboa, Editorial Compendium, sd

SERRA, Mônica, *Dança Terapia, ou a cura pelo movimento*, Psicologia Atual, n.11.

STORER, Tracy e USINGER, Robert L., *Zoologia General*, Barcelona, Ediciones Omega, 1968.

_____ *Zoologia Geral*, SP, Cia Editora Nacional, 1977.

WINTROBE, Maxwell M. and cols., *Harrison's Medicina Interna*, RJ, Guanabara e Koogan, 6a.ed., 1974.